



Uma nova etapa

Iniciamos hoje, com esta edição, a primeira de um novo ano de publicação do «Diário de Lisboa», uma jornada, de Abril a Abril, que sabemos ser difícil. Mas, com confiança, enfrentaremos os trabalhos e os dias.

Estamos no mês em que se celebra o 10.º aniversário da Revolução de Abril. Estamos a fazer, em voz alta, ou no silêncio da reflexão pessoal, o balanço dos dez anos de Liberdade e de Democracia. Estamos, também, a avaliar a extensão e a profundidade de uma crise política, económica e social que é preciso vencer com inteligência, com decisão, com trabalho.

No próximo ano, em Abril de 1985, estaremos já em plena campanha de apresentação das candidaturas à Presidência da República. E o «Diário de Lisboa» terá que contribuir para que a escolha corresponda ao melhor desenvolvimento do esforço de libertação, de modernização e de progresso social que foi iniciado a 25 de Abril de 1974.

Entre Abril de 1984 e Abril de 1985, serão numerosos os acontecimentos que o «Diário de Lisboa» noticiará, acontecimentos relevantes na vida do nosso povo e de outros povos, alguns dos quais nos obrigam a um empenhamento que, com o apoio dos leitores, esperamos poder efectuar.

A Informação isenta não é contraditória, necessariamente, de uma atitude crítica. Os nossos leitores não pedem que «editorializemos» a notícia, mas não dispensam que lhes proporcionemos elementos em que apoiem os seus juízos pessoais. Não nos compete, como jornalistas deste «DL» livre e independente, substituímo-nos à «fonte de Informação» e ao «consumidor da Informação», mas cabe-nos, com responsabilidade, com profissionalismo, com espírito crítico, completar, investigar, esclarecer.

Os tempos que vêm serão difíceis e serão complexos o teor e a sucessão dos acontecimentos, quer os da vida nacional quer os da conjuntura internacional. Um jornal livre e independente, descomprometido, tem o dever de dizer a verdade. E a verdade nem sempre é bem recebida pelo Poder e pelos poderosos.

Esta é a razão fundamental que nos leva — expondo-lhes a complexidade e a dificuldade das tarefas que nos estão reservadas —, a falar com os leitores da nossa vida, das nossas responsabilidades, do nosso projecto: contribuir para mobilizar a opinião pública para vencer a crise e consolidar a democracia.

DL

“Torneira vai abrir”: até que ponto e em que sectores?

Relançamento agita Governo e economistas

A dois/três meses da prometida abertura da torneira ao relançamento controlado de alguns sectores da economia — previsivelmente a construção civil e a agricultura — agitam-se os economistas e os governantes da área económico-financeira numa evidente corrida ao ganho de posições e de definição de estratégias que possam inflectir a direcção da actual política de Emâni Lopes.

Há uma semana, o Ministro das Finanças deu o pontapé de saída em reunião com empresários da AIP: o relançamento virá, mas muito controlado e apertado; uns dias depois, Mário Soares anunciou na Câmara do Comércio Luso-alemão que as taxas de juro vão baixar. Neste fim-de-semana quer o Primeiro-Ministro quer o seu ministro das Finanças encontraram-se com os empresários nortenhos em S. João da Madeira e se Soares pediu «confiança disciplinada a todos os seus parceiros sociais», Emâni Lopes exigiu rigor na

administração pública e privada quando abrir a torneira.

Em contraponto a estas posições governamentais, Vítor Constâncio, João Salgueiro, Cavaco e Silva e Silva Lopes, todos eles ex-responsáveis pelas pastas de Economia e Finanças, produziram intervenções — alguns nas duas ocasiões — no Conselho Empresarial do Norte e no Departamento de Economia da Universidade Livre de Lisboa, genericamente críticas da política restritiva que está a ser seguida. Avultou a defesa feita por Vítor Constâncio da baixa acentuada das taxas de juro.

Amanhã e depois é a vez de entrar em cena o prof. Sousa Franco, ele também ex-ministro das Finanças, que vai falar na Associação Portuguesa de Economistas no quadro de um debate sobre o delito económico e a economia paralela.

Pág 4

Em destaque esta manhã

Portugal é importante no diálogo Norte-Sul

A importância de Portugal no diálogo Norte-Sul foi esta manhã ponto comum das comunicações apresentadas pelo Presidente da República, Ramalho Eanes, Primeiro-Ministro, Mário Soares, e primeiro-ministro de Cabo Verde, Pedro Pires, durante a sessão inaugural da «Conferência Norte-Sul: Papel da Europa», que entre hoje e quarta decorre na Assembleia da República portuguesa sob a égide do Conselho da Europa.

Continua na pág. 20



Salgado de Matos

No Sete Ponto Sete

IPC explica a sua política de cinema

Em nome da direcção do Instituto Português de Cinema, Luís Salgado de Matos explica a política de apoio financeiro à produção de filmes portugueses, encerrando, assim, o debate que abrimos na segunda-feira passada com a entrevista de José Fonseca e Costa e depoimentos de Seixas Santos, António de Macedo e João César Monteiro. Na foto: Luís Salgado de Matos.

Luís Salgado de Matos, director do Instituto Português de Cinema, explica a política de apoio financeiro à produção de filmes portugueses, encerrando, assim, o debate que abrimos na segunda-feira passada com a entrevista de José Fonseca e Costa e depoimentos de Seixas Santos, António de Macedo e João César Monteiro. Na foto: Luís Salgado de Matos.

Uma nova etapa

Iniciamos hoje, com esta edição, a primeira de um novo ano de publicação do «Diário de Lisboa», uma jornada, de Abril a Abril, que sabemos ser difícil. Mas, com confiança, enfrentaremos os trabalhos e os dias.

Estamos no mês em que se celebra o 10.º aniversário da Revolução de Abril. Estamos a fazer, em voz alta, ou no silêncio da reflexão pessoal, o balanço dos dez anos de liberdade e de Democracia. Estamos, também, a avaliar a extensão e a profundidade de uma crise política, económica e social que é preciso vencer com inteligência, com decisão, com trabalho.

No próximo ano, em Abril de 1985, estaremos já em plena campanha de apresentação das candidaturas à Presidência da República. E o «Diário de Lisboa» terá que contribuir para que a escolha corresponda ao melhor desenvolvimento do esforço de libertação, de modernização e de progresso social que foi iniciado a 25 de Abril de 1974.

Entre Abril de 1984 e Abril de 1985, serão numerosos os acontecimentos que o «Diário de Lisboa» noticiará, acontecimentos relevantes na vida do nosso povo e de outros povos, alguns dos quais nos obrigam a um empenhamento que, com o apoio dos leitores, esperamos poder efectuar.

A Informação isenta não é contraditória, necessariamente, de uma atitude crítica. Os nossos leitores não pedem que «editorializemos» a notícia, mas não dispensam que lhes proporcionemos elementos em que apoiem os seus juízos pessoais. Não nos compete, como jornalistas deste «DL», livre e independente, substituímo-nos à «fonte de Informação» e ao «consumidor da Informação», mas cabe-nos, com responsabilidade, com profissionalismo, com espírito crítico, completar, investigar, esclarecer.

Os tempos que vêm serão difíceis e serão complexos o teor e a sucessão dos acontecimentos, quer os da vida nacional quer os da conjuntura internacional. Um jornal livre e independente, descomprometido, tem o dever de dizer a verdade. E a verdade nem sempre é bem recebida pelo Poder e pelos poderosos.

Esta é a razão fundamental que nos leva — expondo-lhes a complexidade e a dificuldade das tarefas que nos estão reservadas —, a falar com os leitores da nossa vida, das nossas responsabilidades, do nosso projecto: contribuir para mobilizar a opinião pública para vencer a crise e consolidar a democracia.

“Torneira vai abrir”: até que ponto e em que sectores?

Relançamento agita Governo e economistas

A dois/três meses da prometida abertura da torneira ao relançamento controlado de alguns sectores da economia — previsivelmente a construção civil e a agricultura — agitam-se os economistas e os governantes da área económico-financeira numa evidente corrida ao ganho de posições e de definição de estratégias que possam inflectir a direcção da actual política de Emâni Lopes.

Há uma semana, o Ministro das Finanças deu o pontapé de saída em reunião com empresários da AIP: o relançamento virá, mas muito controlado e apertado; uns dias depois, Mário Soares anunciou na Câmara do Comércio Luso-alemão que as taxas de juro vão baixar. Neste fim-de-semana quer o Primeiro-Ministro quer o seu Ministro das Finanças encontraram-se com os empresários nortenhos em S. João da Madeira e se Encontros pediu «confiança disciplinada a todos os seus parceiros sociais». Emâni Lopes exigiu rigor na

administração pública e privada quando abrir a torneira.

Em contraponto a estas posições governamentais, Vitor Constâncio, João Salgueiro, Cavaco e Silva e Silva Lopes, todos eles ex-responsáveis pelas pastas de Economia e Finanças, produziram intervenções — alguns nas duas ocasiões — no Conselho Empresarial do Norte e no Departamento de Economia da Universidade Livre de Lisboa, genericamente críticas da política restritiva que está a ser seguida. Avultou a defesa feita por Vitor Constâncio da baixa acentuada das taxas de juro.

Amanhã e depois é a vez de entrar em cena o prof. Sousa Franco, ele também ex-ministro das Finanças, que vai falar na Associação Portuguesa de Economistas no quadro de um debate sobre o delito económico e a economia paralela.

Pag 4

Domingo explosivo no futebol

Leixões: árbitros agredidos e GNR disparando sobre o público

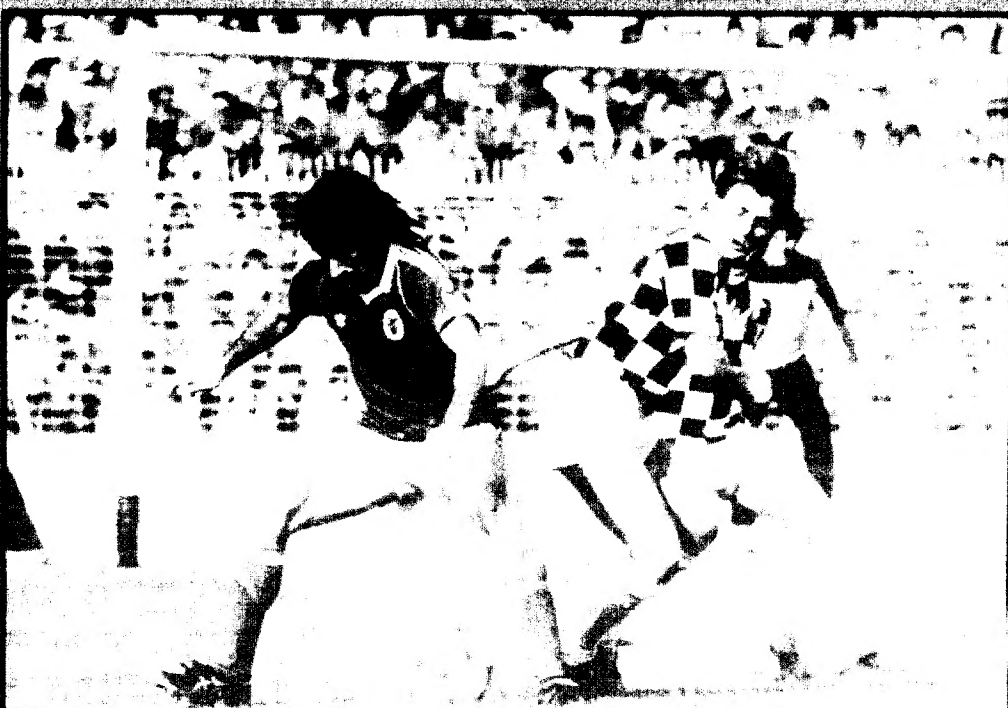
A 16 minutos do termo do Leixões-Graça, sob alegação de que o juiz Santos Rivas e seus auxiliares (António Cabaleira e João Graça) não tinham assinalado uma grande penalidade favorável ao grupo da casa, desencadeou-se um verdadeiro pandemónio, com bárbaras agressões ao trio de arbitragem. Santos Rivas (perna direita cortada na região coxal, levou ao quarto de juro, com 5 pontos), António Cabaleira (perna direita cortada na região coxal, com 5 pontos) e João Graça (muitas escoriações e fracturas dos ossos do nariz) podem ter sido atoados ao futebol, que também fica de triste memória para dois espectadores que foram baleados (ao que consta) pela GNR.

Pág. 13



O árbitro Santos Rivas (na Abertura) que esteve no centro do furacão que varreu o Estádio do Mar

Valentim Loureiro na RTP: “Sim, contratei Chalana”



Ontem, na Luz, daí a quatro horas, Valentim Loureiro assegurava que Chalana só compenheiro de Almeida

Levando as câmaras de Televisão a sua casa (em Lisboa) para que todo o País pudesse testemunhar, o major Valentim Loureiro (presidente do Boavista) afirmou que tinha acabado de contratar Chalana, Filipovic e Padinha (do Benfica), o farense José Rafael e o técnico Mário Wilson, todos para começarem a trabalhar no Bessa a 1 de Agosto próximo. Contratos por dois anos, excepto o de Wilson: uma temporada. Mas, ao contrário do que garantira antes o presidente dos axadrezados, nenhum dos quatro jogadores se prestou a dar a cara. Valentim Loureiro comentaria: É que (por exemplo) as pressões sobre Chalana têm sido inúmeras, mas ele já é jogador do Boavista.

Pág. 14

Em destaque esta manhã

Portugal é importante no diálogo Norte-Sul

A importância de Portugal no diálogo Norte-Sul foi esta manhã ponto comum das comunicações apresentadas pelo Presidente da República, Ramalho Eanes, Primeiro-Ministro, Mário Soares, e primeiro-ministro de Cabo Verde, Pedro Pires, durante a sessão inaugural da «Conferência Norte-Sul: Papel da Europa», que entre hoje e quarta decorre na Assembleia da República portuguesa sob a égide do Conselho da Europa.

Continua na pag. 20



Salgado de Matos

No Sete Ponto Sete IPC explica a sua política de cinema

Em nome da direcção do Instituto Português de Cinema, Luis Salgado de Matos explica a política de apoio financeiro à produção de filmes portugueses, encerrando assim o debate que animou na segunda-feira passada com a entrevista de José Fonseca e Costa e depoimentos de Sérgio Sáenz, António de Matos, José Carlos Martins, António Luís Salgado de Matos.

q opinião dos outros

«(...) As 'experiências' havidas no nosso País logo após o 25 de Abril e, portanto, durante o PREC, são suficientemente graves para que qualquer pai minimamente bem formado e consciente das suas obrigações educacionais, não deixe de se preocupar com a publicação de tal lei (Educação Sexual).

Gostaria de lançar um apelo a todos os pais e associações de pais, na verdadeira excepção da palavra, e não associações camufladas como sendo de pais e com fins totalmente alheios ao problema da educação e acompanhamento dos filhos as escolas, para que manifestem a todos os níveis a sua repulsa em relação a tal lei e que não permitam que a mesma possa minimamente colidir com o nosso direito de pais de escolhermos livremente o tipo de formação e educação que queremos para os nossos filhos.»

de R. O. Soares Franco
9.4.84

Diário de Notícias

«(...) Portugal, reconhece-se, é dos países com índices económicos justamente considerados como dos mais baixos da Europa. O que, aliado à inexistência de serviços de saúde minimamente capazes de atender às exigências dos mais desfavorecidos, contribui decisivamente para que continuemos teimosamente no fim da lista dos países europeus.

O recente relatório daquela organização, com um estudo comparativo entre os dados estatísticos portugueses e os dos outros países da Europa, apresenta, de qualquer modo, um sinal positivo, na medida em que revela ter havido uma certa melhoria da situação a partir de 1971. Ainda segundo esses dados, houve mesmo uma acentuação significativa dessa tendência para a melhoria desde 1975.

É um sintoma animador, sem dúvida, mas que está longe de poder satisfazer. Porque a realidade é que continuamos a ter uma taxa de mortalidade infantil considerada excessiva, a nível da OMS. É não só alarmante mas, sobretudo, vexatório, temos de o admitir.»

do Editorial
9.4.84

CORREIO da manhã

«O total das dívidas de empresas à Segurança Social ascende a mais de 51 milhões de contos. Não fosse já rotina o sermos diariamente apresentados com surpresas deste tipo e seria caso para ficarmos siderados.

Sejam privadas, sejam estatizadas, sejam assim-assim, as empresas têm o dever de cumprir as suas obrigações para com a Previdência. Além do mais porque, não o fazendo, estão a colher benefícios negados às suas congéneres com os pagamentos em dia, criando assim um quadro de inaceitável injustiça.

Ou pagam todos ou há moralidade. Ora, pelos vistos, não pagam todos e, quanto a moralidade, vou ali e já venho. Talvez fosse bom nomear alguém para repor a justiça. Uma autoridade. Que até podia ser «baixa». Pois já vimos que não é a «altura» quem determina a eficiência.»

de V. D
9.4.84

o diário

«(...) A presença ostensiva de vasos de guerra da NATO no porto de Lisboa, conjugada com a ocupação de numerosos espaços da capital por bandas militares estrangeiras e com a exibição de uma esquadriha de aviões ingleses, não pode deixar de constituir uma tentativa de revanche pelo coro de protestos populares que a ingerência imperialista suscitou em momentos decisivos do processo democrático.

O momento alto das contracemorações do 25 de Abril será, contudo, a sessão anunciada para a noite desse dia, na Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa.

Os oradores — os srs. Sousa Tavares e António de Spínola — são de molde a provocar calafrios tumulares na assistência. Em vez de uma sessão solene, o Governo preparou uma sessão de espiritismo. Pela Aula Magna, passarão os fantasmas do desvario reaccionário, acompanhados pela banda sonora dos atentados bombistas do ELP, do MDLP e de toda a casta de maniacos e marginais contratados pelos heróis do sr. Mário Soares.

Não contente com essas duas vedettes, a comissão governamental anuncia um convidado misterioso, vindo do estrangeiro. A ideia seria peregrina, se não se tratasse de contracemorações. Assim, o difícil é adivinhar sobre quem terá recaído a escolha do sr. Mário Soares. O sr. Franco Carlucci parece obedecer a todos os requisitos. Sobre outras figuras destacadas da CIA, tem a vantagem de possuir um curriculum português facilmente igualável. Resta saber se, por razões conjunturais, o Governo não terá optado pelo sr. Milton Friedman, o qual, entre outras habilidades, poderia tecer oportunas considerações acerca do «milagre chileno»... (...)

do Editorial
9.4.84

AVISO

DIA 10 ABRIL

CENTRO DE ACUPUNCTURA E NATUROPATIA LDA.

DIREC. CLÍNICA: Drs. Mauro Portugal e Ascensão Antunes

Inaugura o seu novo Centro em ALMADA, na Av. 25 de Abril Lote 43-A-2.º Esq.º Frente
Telef.: 54 26 28



Carlos do Carmo

qo telefone com

‘Já vendi mais de meio milhão de discos ... e outras tantas cassetes piratas’

Carlos do Carmo estreou-se a semana passada na Rádio Comercial a falar sobre o fado e a sua história. «No Calor da Noite», programa de Fernando Correia e Luís Filipe Barros que preenche agora as madrugadas daquela estação radiofónica, Carlos do Carmo propõe-se contar, em directo e uma vez por semana, aspectos da história daquela canção popular e dos seus intérpretes. Na primeira emissão, mestre Alfredo Marceneiro foi figura central — e o modo como Carlos do Carmo abordou a vida e o canto do velho mestre fadista foi de tal modo espectacular que os telefones da Rádio Comercial, apesar da hora tardia, não mais pararam de tocar.

Também ao telefone ouvimos Carlos do Carmo. Porquê falar o fado em vez de o cantar?

«Digamos que é uma experiência nova — e uma experiência que me agrada de um modo especial. Permite-me falar desinibidamente duma canção popular, não com opiniões categóricas de pseudocatólico, mas com narrativas que são a história do próprio fado, desconhecida da maioria das pessoas.»

«Esta primeira emissão parece ter sido um êxito...»

«Para minha surpresa, a partir do momento em que comecei a falar de mestre Alfredo Marceneiro o telefone nunca mais parou. Todas as ligações traziam uma enorme carga de ternura...»

«Há alguma razão especial para isso?»

«Sabe, no fundo é o encontro com as raízes. E o que eu fiz foi tão somente narrar factos de uma canção que resiste ao longo das décadas apesar de ser, de longe, a mais maltratada das canções populares portuguesas.»

«Há quem diga muito mal do fado e até o classifique como canção reaccionária. Quer comentar?»

«O fado é uma canção basicamente popular que há 40 anos atrás tinha como previsão a sua extinção 30 anos depois...»

«... Essa é boa. Em que se baseia para dizer isso?»

«Em escritos da época, de pessoas ligadas à música e ao fado.»

«As previsões falharam. O fado, como a luta, continua...»

«Continua e vai continuar. Sem querer ser interpretado como demagogo, tenho esta convicção profunda: aquilo que o povo gosta, sente e entende, só ele pode destruir. A burguesia nunca terá força para destruir o fado, pois o povo gosta. A burguesia apenas tem poder de compra, que cria modas e consumos sazonais. Daí que se possa consumir menos fado — mas só isso.»

«A juventude, no entanto, parece não ir muito em fados...»

«Os jovens portugueses, afinal como a demais população tão maltratada neste momento da nossa história, das drogas que mais procuram, além do amor, é a música. Naturalmente que a sociedade de consumo lhes impõe determinados instrumentos. Mas vamos supor que, por uma circunstância imprevista, os jovens do nosso país descobrem a guitarra portuguesa... Ah, bom, então vão poder tocar toda a música que gostarem, mas irreversivelmente não vão poder deixar de tocar fado...»

«... E daí?»

«E daí que, como sou um homem de esperança, e como já milhares de jovens compraram cavaquinhos depois do disco de Júlio Pereira, pode ser que um dia destes eles descubram que têm em Portugal um Carlos Paredes, por exemplo, e que afinal a guitarra portuguesa é um instrumento a sério, que vale a pena. Percebe onde eu quero chegar?»

«Falando agora dos seus discos. O seu último trabalho, «Um Homem no País», causou certa polémica...»

«A este meu último disco está-lhe a acontecer exactamente o mesmo que aconteceu ao anterior, Um Homem na Cidade...»

«... O quê?»

«Quando apareceu, os primeiros comentários garantiam que 'aquilo' não era fado. Sete anos depois do Homem na Cidade mesmo os mais puristas já consideram alguns desses fados clássicos. O tempo é o mestre das leituras e três anos de amor e trabalho dedicados ao Homem no País não podem ser, naturalmente, pasto para qualquer crítico (entre aspas) que escreve por encomenda.»

«Parece querer atingir a crítica ou alguém que faz crítica...»

«Não, não é isso. Não sou adepto de ataques pessoais — e a crítica, como todas as profissões que se exercem neste país, tem gente muito honrada. Repare que falei em crítica entre aspas. E como sabe, para se fazer crítica a um disco de fado, o mínimo que se pode pedir ao

crítico é que saiba alguma coisa de fado. Ora, lamentavelmente, essa crítica especializada não a temos. Donde, dizer bacoradas sobre um trabalho que se não conhece é fácil, desde que o pagador de serviço faça disso um acto de agressão.»

«Voltando ao Homem no País: tem vendido muito?»

«Aconteceu-lhe o que nunca acontecera a nenhum outro disco meu: num só mês foi disco de prata.»

«O que é isso de disco de prata?»

«É ter atingido os 15 000 de vendas.»

«Depois dos 15 000 parou?»

«Não. Está a seguir o curso normal de todos os meus discos, que têm uma venda regular ao longo dos meses. Não podemos esquecer uma realidade concreta: gostar de um disco, é uma coisa; não ter dinheiro para pão e ter dinheiro para discos, é outra.»

Olhe uma coisa: quantos discos já vendeu até hoje desde que começou a cantar?

«Seguramente mais de meio milhão, no que aos long-plays respeita... Se acrescentar mais de meio milhão de cassetes piratas, enfim, não foram más as vendas... Vendas que já deram também para alguns rapazes andarem aí em bons carros à custa de muitas dessas cassetes e a dizerem que têm uma grande raiva ao comuna...»

Ainda bem que fala disso. Você é comunista? Há por aí quem se preocupe com estas coisas e já agora podemos descansar algumas consciências...

«Eles é que dizem, não é? Sabe, esta coisa de não ser feijão frade, de ver o 25 de Abril como um acto de restituição da dignidade colectiva, de nele acreditar sempre, apesar de todas as contradições, está-se a colocar hoje de tal forma que, quando nós abordamos questões mais sensíveis, ou de defesa da honradez contra este supercampeonato da corrupção em que vivemos, a pergunta é sempre a mesma: você é comunista? Penso, portanto, que há aqui qualquer coisa por esclarecer, mas não é a mim que compete fazê-lo.»

Falou em 25 de Abril. Como vai ser, este ano, o seu 25 de Abril? Vai estar cá ou no estrangeiro?

«O meu 25 de Abril vai ser o que tem sido nestes últimos anos: uma participação onde eu possa estar. Só que este ano ganhou uma dinâmica ainda mais forte do ponto de vista internacional. Cantarei a 15 de Abril na Mutualité, que é uma das salas consideradas de Paris, e a 23 de Abril regresso à Ópera de Frankfurt, onde estive o ano passado a convite da sua direcção. Isto é o mais sonante, mas vou cantar também em muitos outros locais, no estrangeiro — inclusivamente para os operários da Renault, no refeitório de uma das suas fábricas. Vai ser assim o meu 25 de Abril.»

Muito rapidamente, que a conversa vai longa: você vai à Mutualité, à Ópera de Frankfurt, já foi ao Olympia e a muitas outras salas prestigiadas no estrangeiro. Mas raramente vai à RTP. Porquê?

«Você disse que a conversa ia longa, não foi?»

Foi.

«Então fica para outra vez, OK? As razões são claras — mas seria longo falar delas. As pessoas sabem.»

Uma última pergunta: nos últimos anos você trabalhou estreitamente com Ary dos Santos. Como vê o seu desaparecimento?

«Gostaria, em relação ao Ary, de referir alguns aspectos que não tenham só a ver com a amizade pessoal. Falando no campo específico da canção, existe uma obra de 14 anos de pareceria com o Fernando Tordo à qual se deve prestar muita atenção; existe um Ary dos Santos poeta do fado que tem uma linguagem muito específica, que ele usava porque percebia e gostava do fado; e existe a grande sensibilidade da narrativa do quotidiano pelo simples facto que ele assumiu na vida tudo o que fez. Tudo foi fruto do profundo empenhamento que ele tinha pelo mundo da justiça, da fraternidade, da beleza. Só quem teve o privilégio de conhecer o seu mundo de solidão pode avaliar o peso das palavras do médico que escreveu a sua certidão de óbito: é uma perda irreparável. Só que, e não creio que seja apenas o lirismo ou romantismo do artista, o que vai prevalecer na história é que, mais ano menos ano, mais década, menos década, as crianças vão ler na escola «As Portas que Abriu». Tenho a certeza.»

Ribeiro Cardoso

Gomes Pinho sobre El Salvador

Sistema eleitoral complexo para povo com 50% de analfabetos

O dirigente do CDS Gomes Pinho responsabilizou os americanos pelas deficiências verificadas nas eleições de El Salvador.

Num relatório enviado ao ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama depois de se ter deslocado a El Salvador como observador, Gomes Pinho disse que «o sistema eleitoral montado com o apoio americano, demasiado sofisticado e complexo para um país com 50 por cento de analfabetos e, como tal, responsável por alguma desilusão criada em muitos eleitores que tiveram dificuldade em cumprir o seu dever».

Mesmo assim, diz o dirigente do CDS, «o povo de El Salvador manifestou, através de uma afluência significativa às urnas, o seu repúdio pela violência e o

seu desejo de uma solução pacífica e democrática».

No mesmo relatório aborda-se também a situação na Nicarágua. O centrista Gomes Pinho diz que ela «não pode qualificar-se como democrática, vigorando numerosas leis de excepção, censura à imprensa, com numerosas violações dos direitos humanos e muito limitada a acção dos partidos políticos».

«Espera-se, acrescenta, que o PS seja um claro defensor dos direitos humanos na Nicarágua, tal como o foi em Portugal, durante a ameaça totalitária do PCP».

Este relatório, segundo a ANOP, resultou de um pedido formulado nesse sentido, dada a impossibilidade de deslocação de um membro do Executivo à América Central.

Alívio para as hemorróidas.

Medicamento acalma as dores, o prurido e reduz o inchaço.

Um medicamento à base de um extracto de células vivas e de óleo de fígado de tubarão deu óptimos resultados no tratamento das hemorróidas.

Na sequência de experiências clínicas, este produto contra as hemorróidas foi lançado no mercado com o nome de 'SPERTI'H. Ao utilizar este medicamento, constata-se quase de imediato um alívio das dores e do prurido, assim como uma diminuição das hemorróidas, sem ser necessário utilizar qualquer outro medicamento.

O prurido, o ardor e as dores desaparecem.

A acção imediata depende naturalmente da gravidade do caso.

Na maior parte dos doentes, constata-se logo uma melhoria ao fim de 2 a 4 dias. Esta melhoria deve-se não à acção dolorosa de substâncias adstringentes, mas unicamente ao efeito curativo do 'SPERTI'H.

'SPERTI'H vende-se na farmácia em pomada (com aplicador) ou em supositórios (para hemorróidas internas). Um tratamento combinado de pomada e supositórios dá muitas vezes resultados particularmente rápidos e satisfatórios.

Procure na sua farmácia.

As novas propostas de Paz da RPD da Coreia

Afonso Vilhena (*)

Nos dias 9 e 10 de Março último, em Paris, participei numa Conferência Internacional de Apoio às Conversações Tripartidas pela Paz e Reunificação da Coreia, promovida pelo CILRECO - Comité Internacional de Ligação para a Reunificação Independente e Pacífica da Coreia.

Esta importante reunião contou com a participação de várias dezenas de delegados governamentais, partidos políticos, organizações sociais, oriundos de cerca de 40 países espalhados por todos os continentes; igualmente estiveram presentes inúmeros representantes de dezenas de instituições internacionais e ainda altas personalidades democráticas de diversos países.

A título exemplificativo poderá citar-se a participação dos representantes vindos de Angola, Etiópia, Argélia, Bélgica, China, Dinamarca, Cuba, Finlândia, Egipto, Portugal, Estados Unidos da América, Espanha, Congo, Grã-Bretanha, Grécia, RFA, Líbia, Japão, Suécia, URSS, Venezuela, Jugoslávia, Zimbábue, Roménia, Irão, Índia, Guiné, França, Benin, etc. e ainda dos Partidos Socialista e Comunista Franceses, do PSOE, do PCI, Conselho Mundial da Paz, Associação Internacional de Juristas Democratas, Federação Mundial da Juventude Democrática, Federação Sindical Mundial, União Internacional de Estudantes, etc. etc.

Os trabalhos desta Conferência de Paris incidiram fundamentalmente na análise da questão coreana e a sua importância para a Paz Mundial, em apreço da última proposta apresentada pela R.P.D.C.

Em 10 de Janeiro p.p., a República Popular Democrática da Coreia apresentou uma proposta de negociações tripartidas entre a RPDC, os EUA e a Coreia do Sul, com vista ao desbloqueamento do estado de tensão criado na península coreana e à solução pacífica da grande questão do Povo da Coreia, a sua reunificação. Esta proposta da

RPDC sugeria a discussão das questões relacionadas com a assinatura do acordo de paz que substitua o actual acordo de armistício, de forma a assegurar todas as condições para a manutenção da Paz duradoura na Coreia e a retirada das tropas dos EUA, assim como a adopção de declaração de não agressão de ambas as partes.

As autoridades do Sul da Coreia e dos EUA, responsáveis pela situação tensa que se vive naquela zona do Extremo Oriente, recusaram o encontro tripartido; os sul-coreanos contrapuseram conversações entre o Norte e o Sul.

A RPDC admite e apoia o diálogo com as autoridades do Sul desde que estas recuperem o poder do controlo do seu Exército actualmente controlado pelos EUA.

Por outro lado, os norte-coreanos chamam à atenção das autoridades do Sul de que, se estalar uma nova guerra na Coreia, desta vez será nuclear, o que deve ser evitado a todo o custo; nessa conformidade, há que dar início às conversações.

Apesar de já terem passado 30 anos sobre o fim da guerra da Coreia, as perspectivas para a sua paz e reunificação pacífica têm-se vindo a deteriorar cada vez mais; os EUA violando o artigo II, parágrafo 13/D do Acordo de Armistício assinado em 27 de Julho de 1953, que proíbe expressamente o estabelecimento de armas excepto em casos de substituição das mais antiquadas, mantiveram e reforçaram as suas tropas e os seus armamentos na Coreia do Sul, transformando-a numa base militar dotada de armas nucleares extremamente sofisticadas.

Actualmente não escondem as suas intenções e interesses com futuras instalações de novos mísseis de alcance médio (Pershing 2), mísseis de cruzeiro e até bombas de neutrões.

Manobras agressivas são uma constante na Coreia do Sul, como presentemente as apeladas «Team Spirit 84» que, simulando uma guerra nuclear contra o RPDC, movimentam mais de 200 000 homens com uma esquadra de porta-aviões nucleares (B-52).

A inquietação mundial, face ao agravamento da tensão na Coreia cresce de dia para dia. Os stocks de armas nucleares aí existentes são suficientes para matar (várias vezes) todos os habitantes da terra.

Perez de Cuellar, actual secretário-geral das Nações Unidas afirmou categoricamente que «hoje, o apocalipse já não é uma simples imagem bíblica: tornou-se numa possibilidade muito real».

Apesar desta verdade irrefutável políticos e conselheiros influentes dos EUA dizem que os arsenais nucleares «ajudam o desanuviamento e a manter o equilíbrio de forças».

Os participantes nesta Conferência Internacional de Paris referiram como positiva e realista a proposta formulada pela RPDC para estabelecer conversações tripartidas com os EUA e as autoridades sul-coreanas, partes responsáveis pela solução do problema coreano.

coreano solidarizando-se totalmente com ela pois traduz a aspiração mundial por uma paz duradoura; lamentaram a atitude de recusa da Coreia do Sul e apelaram para que as suas autoridades a reconsiderem; focaram com interesse a afirmação da RPDC, segundo a qual ela estaria disposta a considerar a possibilidade de encetar negociações bilaterais com as autoridades sul-coreanas no caso destas serem investidas de plenos poderes pelos Estados Unidos; apelaram aos Estados Unidos para que respondam positivamente e sem demora às propostas da RPDC e retirem imediatamente todas as armas nucleares da Coreia do Sul e terminem com os exercícios de guerra nuclear;

Constataram com satisfação que se a Paz for garantida na Península (através das conversações tripartidas) e se se reunirem nas condições pacíficas para a reunificação da Coreia, a RPDC restabelecerá o diálogo Norte-Sul a fim de reunificar o país, criando um Estado Confederado Unificado com base nos três princípios da Declaração conjunta de 4 de Julho de 1972: independência, reunificação pacífica e grande União Nacional, que estabeleceria no plano

interno uma autonomia regional desde que fossem preservados os ideais e os regimes socioeconómicos do Norte e do Sul e, no plano externo, uma política de não-alinhamento.

No final da discussão foram apresentadas e aprovadas propostas sobre declarações a serem dirigidas ao Congresso dos Estados Unidos e ao Secretário Geral da ONU assim como um apelo aos povos de todo o mundo para que se solidarizem com a luta pela paz na Coreia e apoiem a via da negociação e do diálogo, solução para eliminar a tensão e salvaguardar o perigo de uma guerra nuclear.

A solidariedade para com o povo coreano e a sua luta pela paz e independência nacional foi uma constante nesta Reunião Internacional, com a reafirmação de que, a realização do encontro tripartido, actualmente, é a via mais adequada para alcançar uma solução pacífica para a Coreia.

De facto, um reforço de segurança não se pode basear na acumulação de armas mas sim no estabelecimento de um clima de boas relações, na procura de soluções pacíficas que consigam resolver «os focos de conflito» com base no respeito mútuo, na coexistência pacífica, na cooperação e na solidariedade.

Graças ao apelo feito em Março de 1980 pelo então Comité Permanente do Congresso Mundial dos Partidários da Paz aos povos de todo o mundo e assinado por mais de 500 milhões de pessoas, a bomba atómica não foi lançada na Coreia e o Presidente Truman viu-se obrigado a demitir o general Mac Arthur das suas funções de chefe dos exércitos americanos no Extremo Oriente e que, havia proposto a utilização de armas nucleares contra as forças armadas da Coreia Popular.

Hoje, mais do que nunca, e citando um relatório da ONU, «urge fazer a opção das armas ou do pão, da morte ou da vida».

Hoje, mais do que nunca, não se pode esquecer Hiroxima!

(*) Advogado, vice-presidente do Comité Português de Apoio à Reunificação Pacífica e Democrática da Coreia

O ministro da Educação presidiu em Vila Real a uma sessão solene comemorativa do I Centenário do Nascimento de António Sérgio e afirmou que «Portugal é um país que gosta de se reconhecer em tradições e efemérides e Sérgio é um dos seus maiores vultos». José Augusto Seabra considerou que «quase trinta anos passados sobre o programa político e cultural de António Sérgio, ainda não se atingiu o seu objectivo, porque a isso se opõem ideologias pouco claras e forças totalitárias».



A Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia promoveu uma homenagem pública ao cantor Adriano Correia de Oliveira, natural de Avintes, naquele concelho.

A homenagem constou de uma romagem ao cemitério de Avintes, onde repousa o corpo de Correia de Oliveira, de uma sessão solene na Junta de Freguesia de Avintes para entrega da melhada de Mérito a título póstumo e atribuição do nome do cantor a uma rua da freguesia e a abertura de uma exposição sobre a vida e a obra do cantor, no átrio da CM gaiense. A evocação da vida e obra do homenageado foi feita por Oscar Lopes, Lopes de Almeida, Manuel da Fonseca, Mário Correia, José Niza e Manuel Alegre.

A realização em Lisboa, de 3 a 6 de Maio, da «Conferência Internacional sobre a Nicarágua e pela Paz na América Central» motivou a realização no Porto de uma reunião regional preparatória. A reunião, realizada na Cooperativa Árvore, contou com a participação de José Luís Judas e Aquilino Ribeiro Machado, da Comissão Internacional preparatória da Conferência.

A conferência, de que estão a realizar-se reuniões e sessões públicas em todo o País, radica — segundo os seus promotores — «na extrema gravidade dos perigos para os povos da Nicarágua e da América Central e para a paz, na solidariedade para com a luta pelos direitos humanos, sociais e nacionais bem como para a defesa do direito à autodeterminação e à escolha independente do caminho para o desenvolvimento, justiça social e independência nacional».



Oito caravanas cicloturísticas oriundas das freguesias do município de Cantanhede concentram-se em Cantanhede, distrito de Coimbra, para assinalar o centenário do nascimento de Jaime Cortesão, natural do concelho. Os cicloturistas transportaram-se em meio milhão de viaturas de vários tipos, por iniciativa da comissão que tem a seu cargo, a nível concelhio, as comemorações daquele centenário. As comemorações do centenário do escritor Jaime Cortesão culminam dia 29, em Anca, com uma sessão solene.

O Presidente da República Ramalho Eanes e o secretário de Estado da Alimentação encerraram em Tomar, a II Exposição-Feira de Ovinicultura (FAI-84). A feira, inaugurada quinta-feira pelo secretário de Estado da Agricultura, definiu um espaço especializado no sector da ovinicultura, em que é rica a região centrada em Tomar. No decurso do certame, concorrido por muitos ovinicultores, realizou-se um concurso de ovinos, uma demonstração de tosquia mecânica, desmanche correcto da carcaça de borrego e mostra gastronómica.

UMA lista de cidadãos independentes denominada «Grupo de Democratas Fazendenses» venceu as eleições intercalares para a Assembleia de Freguesia de Fazenda das Lajes, ilha das Flores. O grupo de democratas fazendenses obteve 109 dos 134 votos entrados nas urnas, a que correspondem oito mandatos. A outra força concorrente, a APU, obteve 23 votos (um mandato).



As duas razões

Alice Nicolau

Há viajantes que percorrem o mundo vendo sempre a mesma paisagem. Eles julgam que estão a ver os «garfos» das TVs e os prédios de apartamentos. Estão apenas a ver a ponta do nariz que já assumiu essas formas imutáveis. Claro que esses viajantes nunca entenderão o mundo. Mas não se pense que os viajantes de nariz pequeno, que não lhes interfere com os olhos, compreendam melhor o mundo. Às vezes os jogos de xadrez da política mundial exigem, para que os tomemos a sério, que não se conheça o mundo. É confortável, e explica alguma coisa, torna este mundo mais compreensível, certa dimensão maniqueísta que as esquerdas e as direitas usam nas suas análises.

A distinção fundamental do mundo entre o grupo de países que caminha para o progresso social e o grupo de países que cristaliza no imobilismo é o eixo do pensamento político quer das esquerdas quer das direitas. Outros falarão na luta entre as duas superpotências, o que, segundo nós, confunde e vicia os dados do jogo. Por nós, por formação escolar, por paixão, por conformação mental, tendemos a analisar o mundo à luz da política e a dividir o mundo entre

aqueles que lutam, erram e sofrem pelo progresso da humanidade e aqueles que lutam erram, sofrem (mas sobretudo fazem sofrer), para impedir o progresso da humanidade.

É um método de raciocínio, de ordenamento da realidade que nos tem dado algumas alegrias. Nas grandes linhas realmente nunca nos enganámos. Mas cedo percebemos que a grande solução para nos mantermos tranquilos no conforto dessas análises seria nunca sair de casa.

Por vezes as revoluções chocam-nos quando nos confrontamos com elas a contacto directo. Cá longe, muito longe, podemos tranquilamente escrever que a revolução X mantém bem alto a bandeira Y e se encaminha por estradas pedregosas e saltando terríveis obstáculos para a senda do progresso, etc., com muita esperança no futuro. E a verdade é que isso é mesmo verdade. Mas é uma verdade que, ao roçar das coisas reais, custa a admitir. Como conciliar revolução com tanta coisa absurda ou mesmo monstruosa ou mesmo revoltante? Ou então, sob outro ângulo, como entender que existe uma revolução no caos, na barafunda, na ignorância, no salve-se quem puder? Como entender que certos regimes sejam uma revolução? E, no entanto, são,

Mas a distância tem graves

riscos, que importa salientar. Tanto mais graves quanto é certo terem as esquerdas o vício incurável de falar baixinho, para que o inimigo não ouça, das suas próprias dificuldades. Tanto as escondem, tantos as sussurram, que quando as dificuldades se voltam em problemas visíveis e quando estes desandam em derrotas indesejáveis, o sonho da esquerda sai terrivelmente prejudicado. Quanta gente de esquerda se tem passado para a indiferença, prancha inclinada sobre o pântano da direita, por ter sido ferida nas suas ilusões mais queridas?!

Como propagar que o regime A ou o dirigente C são esteios poderosos do movimento revolucionário mundial e daí a meses vir a dizer o contrário? A esquerda — nós sabemos — é obrigada a ser mais pura que a direita. E por vezes a esquerda assume essa noção alheia da sua própria pureza no pior sentido. A esquerda deve ser pura, sobretudo na sua capacidade crítica. Não pode ser pura naquilo em que ninguém pode ser puro: na ausência de defeitos e erros. Ora a esquerda tende a supor que não pode ter erros nem defeitos, e, partindo dessa noção absurda, cai nos erros e nos defeitos que realmente não pode ter.

Já ouvimos muitas coisas sobre o que está a passar-se actualmente na África Austral. Uns, com este medo que as pessoas têm hoje de não se darem conta da história quando ela nos

roça pelas mãos, tendem a considerar que toda a face da ponta sul do continente africano mudou depois do acordo de Incomati, entre Pretória e o Maputo, e mais ainda visivelmente mudará se o acordo de Lusaca entre Pretória e Luanda vier a dar em algo de semelhante ao espectáculo Botha-Samora.

As notícias que chegam de Moçambique — nenhuma delas confirmada — são um tanto perturbadoras. O Congresso Nacional Africano vive, sem dúvida, horas de angústia, de desamparo, e terá de refazer toda a sua estratégia, terá ainda muito sangue que dar à causa. Decerto muito mais do que seria de esperar depois de 1974.

Quanto à SWAPO, informadas também não confirmadas referem que começou já a sentir os efeitos dos novos ventos. Ao que parece, a sua ofensiva sazonal foi mesmo impedida por Luanda.

Mas terá mudado realmente alguma coisa? Ou terá acontecido apenas que a direita (a África do Sul, os Estados Unidos, as potências de direita semiclandestina que dominam o mundo capitalista e poderosamente transtornam o mundo socialista e o Terceiro Mundo) começou agora a colher os frutos que desde o início lhes estavam, mais que prometidos, garantidos? É ilusório pensar que a pombinha que abraça a serpente

não fica sufocada nesse abraço. Fica. Tem de ficar. Mas por vezes esse abraço é a derradeira hipótese de continuar a respirar.

Porque aceltam então as revoluções da África Austral o abraço da serpente? Porque não podem, por mais esforços internacionalistas proletários que o mundo socialista faça, essas revoluções não podem suportar ao mesmo tempo o peso da herança colonial (sob todos os seus aspectos), o peso da guerra racista, o peso das insurreições internas (de fantoches ou não), o peso da crise económica, o peso das calamidades naturais.

Nenhuma teoria revolucionária pode resistir a factos tão nus e crus como os que a jornalista Colette Braeckman descreve, sem nenhuma má vontade pela revolução angolana (antes pelo contrário, na sua magnífica reportagem «Angola afundada na guerra» em «Le Monde Diplomatique» de Março corrente).

Para combater esses males não há internacionalismo proletário que baste. Tem havido indiscutivelmente revoluções salvas pela solidariedade entre os povos progressistas. Mas isso não significa que o cumular de certas circunstâncias — e as que se acumulam na África Austral — não possa ser vencido só por força das forças tão dispersas, tão urgentemente repartidas por todo o mundo, como são as forças do internacionalismo proletário.

Pensar que as causas justas vencem sempre é uma perigosa ilusão da esquerda. A longo prazo, talvez vençam sempre (embora a vitória depois já seja de causas ligeiramente diversas e sobretudo de outros lutadores).

Mas a curto prazo ou mesmo a médio prazo a conjugação de lá vontade dos deuses com as poderosas armas dos imperialistas, dos racistas, dos matadores de inocentes pode ser fatal.

Imagine-se por hipótese que a África do Sul e os Estados Unidos ganham uma importante batalha na África Austral. Será isso uma perda irreparável? Ou será antes um momento — talvez longo, demorado e decerto causador de muito sofrimento e derramador de muito sangue — de reflexão, de pausa de estudo para novas táticas, de lama donde possa emergir uma consciência mais aprofundada dos dados da questão?

O analista do mundo, sentado à sua secretária sem nunca ter viajado pelo mundo, registrará uma derrota do movimento revolucionário mundial, um setback das forças do bem. E terá razão. O viajante do mundo registrará o fim de perigosas ilusões. E terá razão. O comentarista ideal seria aquele capaz de muito honestamente encontrar a síntese entre estas duas razões. Sem cair na tentação de desesperar das causas pelas setbacks nem de duvidar delas pelas imperfeições da realidade.

No Conselho Empresarial do Norte

Soares pede confiança disciplinada e Ernâni Lopes exige rigor

A reunião dos parceiros económicos regionais do distrito de Braga, que decorreu na manhã de sábado para a discussão do desenvolvimento regional, foi presidida em S. João da Madeira pelo Primeiro-Ministro, Mário Soares, num encontro do Conselho Empresarial do Norte.

Soares falava na encerramento das jornadas do CEN (gostar que reuniu cerca de mil pessoas) e aproveitou a circunstância para defender perante os

empresários a importância da política económica do país e do desenvolvimento regional, bem como a importância dos investimentos na ocupação do território português.

Antes de Soares encerrar as jornadas com o seu discurso, falou o ministro das Finanças, Ernâni Lopes, que voltou a enfatizar uma tese já defendida, há dias, perante a Associação Industrial Portuguesa: a necessidade de se definir e avançar para uma política regional de desenvolvimento.

O ministro afirmou, sobretudo, a importância da política económica do país e do desenvolvimento regional, bem como a importância dos investimentos na ocupação do território português.

O ministro afirmou a seu discurso dizendo não haver alternativas ao fenómeno rigor "desenvolvimento" posto em prática pelo Governo. «Uma política de rigor que não tenha em conta o desenvolvimento não faz sentido».

Para o ministro, a política económica do país deve ser caracterizada por uma evolução do ritmo da produção económica, governada por um crescimento moderado, uma evolução do ritmo da exportação e uma moderação nos investimentos.

A «pedra do toque» desta política, frisou o ministro, será a força de recuperação de um período de empresários apostados na actividade económica que resultará no futuro de Portugal.

Quem é quem no CEN

Giesteira de Almeida foi eleito presidente da Comissão Executiva do Conselho Empresarial do Norte (CEN), em Assembleia Geral realizada em S. João da Madeira.

A Comissão Executiva integra, como vice-presidentes, Vasco Faria, representante do distrito do Porto, António Clara, por Aveiro, Francisco Teixeira, por Vila Real, e António Mariz, por Coimbra. Rogério Silva é a partir de agora o novo coordenador do CEN, substituindo António Clara, que exerceu funções durante dois meses.

Giesteira de Almeida, engenheiro, é presidente da Associação Portuguesa dos Industriais de Metalurgia e Metalomecânica do Norte. O CEN reúne cerca de meia centena de associações empresariais de todos os sectores da actividade económica.

A importância da Região Norte do Mondego na economia e na cultura portuguesas levaram à criação do Conselho Empresarial do Norte, em 1981, por iniciativa de seis associações empresariais: a Associação dos Industriais da Construção Civil, dos Industriais Metalúrgicos, das Indústrias de Confecção e Vestuário e das Indústrias de Madeira, além da Associação Industrial do Minho e Associação Nacional das Indústrias Têxteis, Algodoeiras e Fibras.

Vítor Constâncio defendeu baixa das taxas de juro

Vítor Constâncio, vice-presidente do Banco de Portugal e ex-ministro das Finanças, foi um dos mais activos participantes no debate «Economia Portuguesa: que desenvolvimento? Por que vias?» organizado pelo Conselho Empresarial do Norte e defendeu como acções imediatas a tomar até ao fim do ano, a diminuição das taxas de juro, o aumento das despesas orçamentais para investimento e a definição «de uma vez por todas» dos projectos para o sector empresarial do Estado.

Constâncio, que presidiu as intervenções de João Salgueiro, Cavaco e Silva no debate, invocou estas medidas a par com a redução da probabilidade da falta

e a modernização da indústria «aproveitando as vantagens comparativas e a concorrência nos mercados internacionais». Mas como condição do desenvolvimento e da modernização, Vítor Constâncio apontou a necessidade de lançar infra-estruturas fundamentais, nomeadamente portos e estradas.

Salientou, também, a importância de uma reforma fiscal mais equitativa em relação aos rendimentos de trabalho e a revisão do sistema de incentivos financeiros e fiscais que o poder público concede à diminuição da regulamentação administrativa.

Por fim defendeu a modernização da segurança social, no âmbito dos problemas com que se defronta a sua intervenção. En-

tão contrário à ideia de dar a prioridade ao combate à inflação, dizendo que ela irá descer até ao fim do ano e que é surrealista tentar que seja igual à média europeia.

Para Vítor Constâncio, ainda no âmbito das medidas tendentes a preparar 1984, é necessário resolver o problema da habitação (política de solos), reestruturar empresas e apoiar o aumento de capital próprio das indústrias e dos bancos comerciais.

Adicionalmente, no debate, o ex-ministro das Finanças, João Salgueiro, afirmou a necessidade de uma política de desenvolvimento para o País e um aumento de taxa nacional de poupança do Estado, para reduzir as taxas privativas de

verão ter as mesmas condições e regras de mercado que o sector público», acrescentou o terceiro orador do debate realizado em S. João da Madeira.

Condições de concorrência idênticas as que se encontram no estrangeiro para os empresários portugueses, no interior do País foram também defendidas pelo ex-ministro das Finanças.

Parte importante do discurso de João Salgueiro, apontando a componente política da situação portuguesa, exortando os empresários a promover a modernização e a modernização política a que se encontram voltadas as suas organizações.

João Salgueiro mostrou-se favorável a uma legislação «interior» que permita a criação de zonas de desenvolvimento económico, independentemente de

serem parlamentares ou presidencialistas.

Cavaco Silva a agricultura

Cavaco e Silva, o último interveniente no debate, que reuniu em S. João da Madeira uma centena de empresários e economistas, falou do desequilíbrio existente como condicionamento ao desenvolvimento da economia e apelou à importância da agricultura.

De acordo com o ministro, desde há muito no sector agrícola se tenta criar condições para a produção de alimentos e para a melhoria da produtividade.

Finalmente, defendeu a redução das taxas de juro, para reduzir o custo do crédito e, por conseguinte, a inflação global.

tor da exportação, o sector agrícola e o da construção, disse o ministro das Finanças do Governo, Sá Carneiro.

Depois de defender a concretização de acordos de cooperação entre empresas nacionais e estrangeiras, Cavaco e Silva apresentou como condição de investimento económico a existência de uma política que goze de credibilidade junto daqueles que pretendem influenciar.

Moniz de Sá contrariou a estes encarecimentos e defendeu que com o fim de seis a sete por cento, se faria determinado pelo investimento, não faltaria a produtividade.

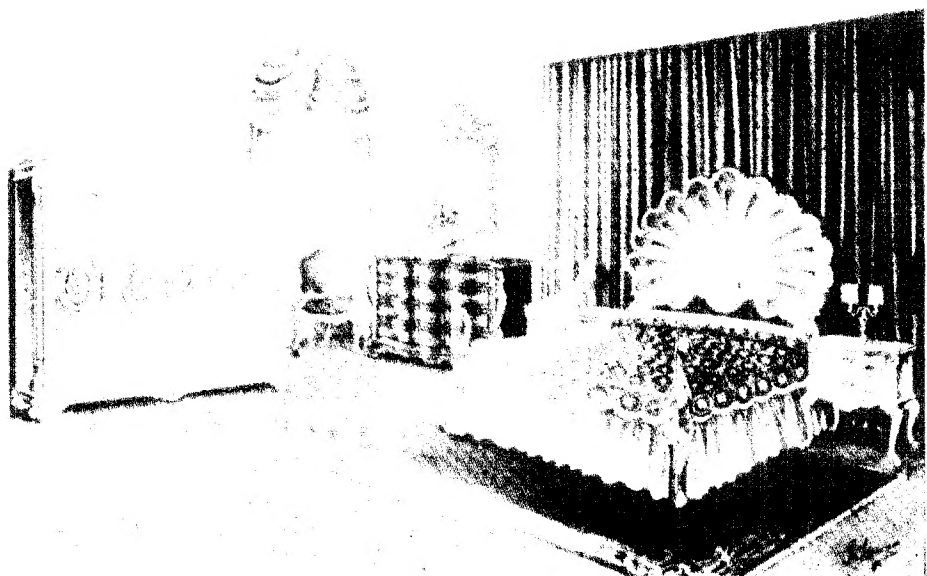
Finalmente, defendeu a redução das taxas de juro, para reduzir o custo do crédito e, por conseguinte, a inflação global.

ARMAZENS DE MÓVEIS

BEIRA RIO

DE

ANTÓNIO CARLOTO



MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS

PARA VOSSO INTERESSE

CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS

VENDAS

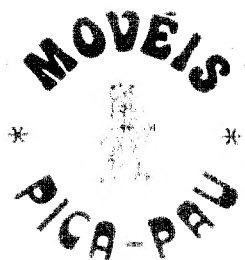
Rua Miguel Bombarda, n.º 222 e 222-A

Telef.: 207 24 40

Rua Serpa Pinto, 43 e 45

BARREIRO

COMPRE A PREÇOS NOS LOUCOS



NOVA GERÊNCIA

SALDOS DE EXPOSIÇÃO (Fabricas Porto e Leiria)

AMADORA - Av. D. Nuno Álvares Pereira 5-B - Tel. 242591
BAIXA DA BANHEIRA - R. P. António Vieira 3 - Tel. 241192
BARREIRO - Av. Miguel Bombarda 158 A - 158 B - Tel. 207224
MEM MARTINS - Rua Chelo Pinheiro 8 e 12 - Tel. 931794
LISBOA - Rua Luciano Cordeiro 16-A - Tel. 41365
ALVERCA - 1. 1000 - Rua 1001 a Rua Brig. 1-A de Oliveira 5, 6, 7.

IAS: NOSSAS LOJAS DA AMADORA E MEM MARTINS, ENTA, AFEITAS, AFE, SAGAROS, AFE, AS, DE NOSSAS.

LOJAS ASSOCIADAS

VILA FRANCA DE XIRA - R. Alves Redol 80-B (Rua Nova) de ALMADA - Av. 25 de Abril 45 - Códex 2600 - Tel. 270000
ODIVEIAS - Salão na fábrica - R. Alfredo Russ 50 - Pedregal - Tel. 270000 - Códex 2600 - Tel. 270000
PAIYAS - Estrada Nacional 10 - Códex 2600 - Tel. 270000

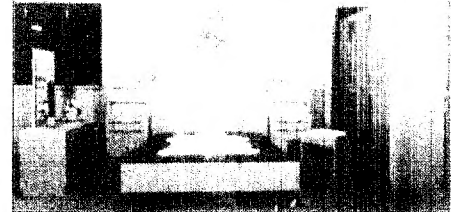
CASHEI BRANCO - Av. Nuno Álvares Pereira 8-B (Rua Nova) de BARCELONA
PORTO - Av. de Boavista 1092 - Códex 4100 - Tel. 657441
COIMBRA - Av. Fernão de Magalhães 60 - Tel. 26185

NOTE BEM: As lojas na Av. de Boavista 1092, no Porto e Av. Fernão de Magalhães 60, em Coimbra, estão abertas das 9.30 às 21 horas, incluindo sábados.

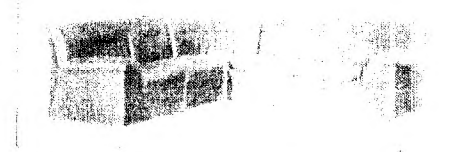
EM ALMADA, SECCOES DE SUPERSALDOS NO 1.º ANDAR



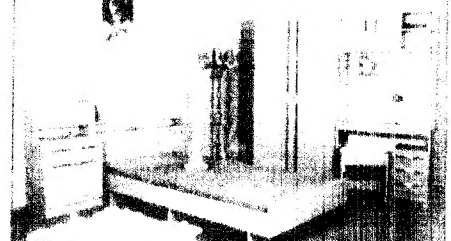
ESTANTES DE CANTO A PREÇOS LOUCOS



QUARTOS DE CASAL DESDE 14500\$00



JOGOS DE MAPLES DESDE 13000\$00



QUARTOS DE CRIANÇA DESDE 11950\$00

MÓVEIS DE TODOS OS MODELOS

'Projectar Abril' para Lourdes Pintasilgo

'O futuro não vai chegar nas manhãs de nevoeiro'

Porque «o futuro não vai chegar nas manhãs de nevoeiro», Maria de Lourdes Pintasilgo considera que projectar Abril é contribuir para um processo de desenvolvimento de que sejamos autores e não os meros executantes.

A ex-primeiro-ministro portuguesa falava no primeiro dia das jornadas «Projectar Abril», que ontem decorreu na Voz do Operário. Referindo-se à evolução de Portugal desde o 25 de Abril de 1974, Pintasilgo considerou que apesar dos princípios orientadores da Constituição da República Portuguesa apontarem para a diversificação, obrigando o Estado a manter relações externas diversificadas, «temos vindo a ser cada vez mais aspirados pela lógica do bipolarismo do Mundo, perdendo graus de Liberdade e, no limite, da Soberania».

«Abril por fazer e Abril já feito»

Os elos entre as questões de desenvolvimento e uma prática política democrática, vector da existência de uma democracia política, mereceram à dirigente do Movimento pelo Aprofundamento da Democracia (MAD), algumas reflexões e interrogações.

Para Lourdes Pintasilgo, a falta de horizontes para o desenvolvimento limita a democracia política, na própria forma como funcio-

nam e se articulam os órgãos de soberania, o poder judicial e todos os aparelhos de vocação estatal. Depois interrogou-se como era possível a Assembleia da República (AR) exercer o seu papel fiscalizador e de representante da soberania popular quando a AR e o Governo emanam da mesma fonte que é o poder dos partidos. Na lógica do mesmo raciocínio, outra interrogação. Poderá haver democracia, se os deputados em vez de representarem o Povo que os elegeu exprimem as orientações dos aparelhos políticos a que pertencem?

Estas questões têm por base a convicção de que «se o 25 de Abril foi, na sua expressão estritamente militar, um golpe de Estado, tornou-se imediatamente, na multiplicidade e na intensidade da sua expressão popular, um acto cultural». Por esta razão, para aquela dirigente do MAD, «projectar Abril está para além das divisões artificiais que separam homens dos outros homens» e que, hoje, marcam a fronteira entre «Abril por fazer» e «Abril já feito».

Na sessão participaram ainda Cesário Borge, Cardoso Ferreira, Teresa Vasconcelos e entrevistaram os grupos musicais «A Tuna D'Água», «Cantarel», «Cramol», «Ó que som tem», as atrizes Eunice Muñoz e Lia Gama, Francisco Fanhais, José Fanha e Pedro Caldeira Cabral.

Disparando em várias direcções...

Jardim critica políticos tecnocratas e Imprensa

Beneficiando da cobertura que a Comunicação Social lhe concede, Alberto João Jardim soma e segue nas suas declarações públicas. Curiosamente, uma das maiores vítimas dos seus ataques é a Comunicação Social estatizada. Para João Jardim é ela, juntamente com a classe política e os tecnocratas, que «não quer a mudança que o povo português quer».

Falando sábado para o programa «Etecetra e Tal», transmitido pela Estação de Rádio da Madeira, Alberto João Jardim criticou a classe política portuguesa — «principalmente a parlamentar...», disse — e os tecnocratas «de um modo muito especial».

De acordo com o seu ponto de vista, os tecnocratas — «de um modo muito especial os instalados nas empresas públicas (...) aqueles que contêm chorudos ordenados e que apenas se preocupam em manter-se à tona da água sem defenderem os interesses dos trabalhadores, das empresas e do País...» —, são juntamente com a classe política e a Comunicação Social estatizada o principal travão da mudança que o povo português deseja.

No que respeita à Comunicação Social estatizada, as razões da sua conduta radicam, segundo Jardim, no facto de «saber perfeitamente que num País democrático o seu estatuto ia por água abaixo».

25 de Abril valeu a pena

A classe política é acusada por João Jardim de «não querer ver estas realidades nacionais». Realidades que o presidente do Governo Regional da Madeira define nos seguintes termos: «Há um consumo desregrado, há mitos, há ideias feitas pela Comunicação Social, há o elogio da mediocridade em vez de uma afirmação e adopção de uma linha coerente de acção, as pessoas querem pactuar e fazer

consensos impossíveis», afirma. Interrogado sobre os efeitos do 25 de Abril na sociedade portuguesa, Jardim considerou que o 25 de Abril «valeu a pena na medida em que houve um País que recuperou a sua liberdade e a sua dignidade, na medida em que as regiões insulares encontraram a sua autonomia, mas isso não foi suficiente», sublinhou Jardim.

Para o líder madeirense, «Portugal tem de mudar e encontrar um futuro que não tem. É preciso encontrá-lo não através de uma nova Revolução mas antes pela via de uma mudança constitucional, que se chamaria de mobilização popular de consciência e de Nação, conceito este que tem estado muito afastado», acrescentou Alberto João Jardim.

CEE: abandonar os mitos

Referindo-se à CEE, Jardim sublinhou que para ele «a adesão de Portugal à Comunidade em si própria não é um objectivo, a criação de melhores condições de vida, essas sim, é que o deverão ser». E em acrescento: «Se a adesão a isso corresponder, muito bem, caso contrário não vamos andar agarrados a mitos, Portugal perdeu muito nos últimos anos por andar a viver de mitos».

Durante o programa radiotónico, João Jardim definiu o perfil de várias personalidades políticas: Ramalho Eanes («inteligente»); Mário Soares («populista»); Mota Pinto («uma solução»); Mota Amaral («estranho»); Álvaro Cunhal («terrível»); Sá Carneiro («o maior português do nosso século»); Marcelo Caetano («um desastre nacional»).

Debruçando-se sobre personalidades políticas madeirenses, Jardim definiu Cabral Fernandes (CDS) como sendo «mauzinho»; Mário Aguiar (PCP) como «burguês»; Jardim Fernandes (PS) como «confuso» e Paulo Martins (UDP) como alguém «que é uma pena ser da UDP».

Em reunião de Gonzalez, Brandt e Kreisky

Posição de Mário Soares na IS discutida em Madrid

Madrid, do correspondente do «DL», Fernando Jauregui — A posição de Mário Soares no seio da Internacional Socialista terá sido, de acordo com fontes geralmente bem informadas, um dos temas abordados este fim-de-semana entre o presidente do Governo espanhol, Felipe Gonzalez, e o presidente da Internacional Socialista, Willy Brandt. Tanto Gonzalez como o ex-chanceler austríaco, Bruno Kreisky, que também assistiu ao encontro, são vice-presidentes da Internacional Socialista, organização que, nos últimos anos, conhece poucas divergências internas.

Os três dirigentes, de acordo com a informação oficial transmitida no final do encontro de «velhos amigos» no Palácio de Moncloa, em Madrid, estudaram uma possível opção política autónoma para

a Europa, menos dependente dos Estados Unidos. No entanto, a delicadeza da conjuntura internacional, e as críticas dirigidas aos Estados Unidos pela minagem das águas nucleares, fez com que este encontro dos três líderes socialistas europeus — não se deve esquecer que Gonzalez, como vice-presidente da IS, está encarregado especialmente dos assuntos centro-americanos — tenha especial significado e tenha sido seguido com especial atenção pelos observadores.

Mas, à margem das informações oficiais, crê-se saber que também terão sido abordados temas internos à IS, onde ultimamente proliferam os pontos de vista antagónicos acerca de um bom número de questões: Médio Oriente e América Central, em

particular. Nos círculos socialistas espanhóis considera-se, por outro lado, que Mário Soares estaria interessado na definição de «novos enfoques», de cariz social-democrata para a Internacional, citando-se inclusivamente um recente encontro mantido pelo Primeiro-Ministro português com o seu velho amigo social-democrata espanhol, Raul Morodo, actual representante da Espanha na UNESCO.

Como se sabe há muito, as relações pessoais, que não as políticas, entre Felipe Gonzalez e Mário Soares nunca chegaram a ser de bom entendimento. De facto, assegura-se que os pontos de vista mantidos por ambos acerca da problemática internacional no seio da IS são, habitualmente, opostos e quase sempre diferentes.

Agenda

• O Comité Português de Apoio à Reunificação Independente e Pacífica da Coreia realiza esta noite, pelas 21.30, no Hotel Berna, uma sessão de esclarecimento sobre as novas propostas de paz da República Popular Democrática da Coreia. A sessão é patrocinada pela Embaixada da R.P.D. da Coreia.

• A **Religião Popular Portuguesa** é o título do livro que Moisés Espírito Santo e A Regra do Jogo, Edições Lda, lançam esta tarde durante uma sessão que decorrerá pelas 18.30 no Botequim, Largo da Graça, 79.

• O **Curso de Marinheiros de 1933** festeja no primeiro domingo de Maio o 51.º aniversário do seu alistamento na Armada. A concentração far-se-á junto ao Museu da Marinha, a partir das 9 horas. Mais informações podem ser fornecidas por Carlos Graça (tel. 36 30 63), Alegria (tel. 32 35 17), José Francisco (tels. 84 11 57 e 54 67 29) e José Lourenço Ribas (tel. 74 99 44).

sonarte



A manobra mais fácil no tráfego mais difícil

Num raio mínimo de 4,2 metros, você inverte a marcha da sua **TOYOTA LITEACE*** com a maior das facilidades.

Aliás, com a **TOYOTA LITEACE*** é tudo mais fácil: carregar, arrumar e retirar as mercadorias. Além de que na **TOYOTA LITEACE*** se transportam muitas mais coisas.

Garantindo a máxima economia, a **TOYOTA LITEACE***, a gasolina, faz de cada dia de trabalho um dia altamente rentável.

Qualquer que seja o seu negócio.

* (Leia "LAITEICE")

LITEACE

a "menina bonita" das "comerciais"

TOYOTA

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S.A.R.L. CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS COM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS

É a versão da polícia espanhola

Três portugueses detidos por pedirem em Madrid com quatro crianças drogadas

A Polícia madrileña prendeu três portugueses que pediam esmola no centro da capital espanhola com quatro crianças de idades entre um e sete anos, aparentemente drogadas. O tipo de droga (ou o sintoma de intoxicação das crianças) não foi revelado.

As prisões foram levadas a cabo em dois locais diferentes do centro de Madrid, não tendo a Polícia revelado as identidades dos detidos. Numa curta informação aos órgãos da Comunicação Social madrileña, as autoridades adiantaram apenas as iniciais dos supostos nomes dos três detidos.

Num dos lugares foi preso um cidadão alegadamente português, de 24 anos, com as iniciais J.S., que se dedicava à mendicância acompanhado de uma criança de dois anos de idade com sintomas de doença. A criança foi internada e os serviços médicos diagnosticaram que sofria de intoxicação de uma substância não determinada.

J.S. disse que era o pai da criança, mas não tinha qualquer documentação e deu um nome da esposa diferente do da mulher que posteriormente recolheu a criança.

Noutro lugar da capital, dois homens que foram identificados como J.D.G., de 18 anos, e M.A.A., de 26, eram presos pela Polícia quando se dedicavam à mendicância, acompanhados por três crianças de um, dois e sete anos, aproximadamente, com sintomas de se encontrarem drogadas, sem que os Serviços Médicos tenham certificado a possível intoxicação. Um dos presos disse que era pai de uma das crianças e o outro afirmou que era tio das duas restantes.

A utilização de crianças na mendicância, nuns casos filhas dos mendigos que ultimamente proliferam por todas as esquinas de Madrid, noutros «alugadas», tem sido denunciada com frequência pelos meios de Comunicação Social. O município de Madrid iniciou um plano para a erradicação da mendicância e da utilização das crianças, mas até agora sem resultados visíveis.

A exploração da mendicância e de crianças são alugadas por importâncias diárias de entre mil e três mil pesetas, é da responsabilidade de autênticas «máfias» que, inclusive, distribuem entre si os pontos mais estratégicos para mendigar. Alguns destes mendigos conseguem diariamente mais de nove mil pesetas, segundo o «ABC» de ontem.

As crianças são drogadas com Valium ou outros produtos ou «sistemas», como sopas de pão com vinho, para que não chore.

Entre os mendigos e as crianças que são exploradas encontram-se bastantes portugueses, diz a Polícia. A maior parte deles são ciganos de origem portuguesa, embora também se encontrem espanhóis e ciganos de origem espanhola, informaram os serviços do Município de Madrid.

Cuidados de Saúde tratam a doença e esquecem o doente

COIMBRA, 9 — Os Cuidados de Saúde em Portugal tratam mais da doença do que do doente, não olhando para as condicionantes deste — lê-se nas conclusões das Primeiras Jornadas de Serviço Social de Saúde que durante três dias decorreram nesta cidade.

A falta de condições de promoção da saúde foi igualmente equacionada tendo sido referi-

do que a existência médica se fixa no tratamento com menosprezo da prevenção e reabilitação.

Para que a situação se altere «será necessário trabalhar em equipas multidisciplinares onde cada técnico dê o seu contributo para o tratamento global do doente» — salientam as conclusões das jornadas.

De acordo com outra conclusão, o número de técnicos de Serviço Social de Saúde ac-

tualmente existente «é manifestamente insuficiente para um tal trabalho de equipa».

Os trabalhos durante os três dias por que se dividiram, reuniram 336 técnicos de saúde de todo o País que analisaram o perfil e espaço profissionais. O encerramento das Jornadas (na Escola de Enfermagem Ângelo da Fonseca) coincidiu com a celebração do Dia Mundial da Saúde.

Polícias conhecem o projecto de desestabilização

Forma inédita de protesto: compre agora e não pague nunca

O gabinete do Primeiro-Ministro não tem quaisquer comentários a fazer à notícia publicada, no sábado passado, pelo semanário «Expresso», segundo a qual o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos teria adiado para Maio o aumento do preço dos produtos e serviços essenciais, com receio de se vir a assistir a uma agudização na instabilidade social.

«Não há comentários a fazer à notícia do «Expresso», declarou, hoje de manhã, ao «DL», o assessor do Primeiro-Ministro, Carneiro Jacinto.

Segundo se revelava naquele hebdomadário, o Governo teria recebido informações policiais de que um aumento de preços dos bens essenciais de consumo, antes do 1.º de Maio, poderia desencadear várias acções em que «se combinariam a legalidade e a ilegalidade». De acordo com o «Expresso», que cita fontes governamentais, autoridades policiais teriam mesmo conhecimento da existência de um projecto que in-

cluíria assaltos colectivos a supermercados, que se situam na Amadora e em Almada. Os utentes entrariam pacificamente nos supermercados, reabastecer-se-iam, e, à saída, passariam pelas «caixas» sem pagar um tostão. Esta forma inédita de protesto social e de «assalto» a supermercados não foi confirmada pelo «Diário de Lisboa», nem junto do gabinete do Primeiro-Ministro, nem sequer em departamentos policiais e, muito menos, em meios sindicais.

Através de um contacto telefónico, um porta-voz da UGT disse ao «DL» não ter conhecimento da existência de qualquer projecto de acções de protesto no qual se incluíam assaltos a supermercados, conforme se afirma na notícia do «Expresso». No entanto, para aquela organização sindical, poderia vir a ocorrer actos de desespero se o Governo persistir numa política de agravamento das condições de vida dos trabalhadores.

«Se houver mais desemprega-

dos, se os salários continuarem a não ser pagos, não nos surpreenderá que possam surgir actos de desesperados, aqui e além».

A CGTP-In, contactada também pelo «DL», afirmou, por seu turno, não dar «cobertura a boatos de qualquer espécie», sejam ou não «fomentados pelo Governo», para «justificar a sua política de fome e de miséria para os trabalhadores e para o povo».

«Quanto a este tipo de manobras de diversão, fomentadas pelo próprio Governo, merecem da nossa parte tanta atenção como as «doenças» do Primeiro-Ministro», concluiu o porta-voz da CGTP-In.

Recorde-se, que a única referência oficial às informações policiais sobre o projecto de assaltos de supermercados está expressa no próprio comunicado do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos: «**projectos mais vasto de desestabilização**». Projecto esse que toda a gente parece desconhecer, excepto as autoridades policiais.

Antecipando-se a plenário

Câmara de Nelas suspende taxas de água em Canas

Porto, 9 — A Câmara Municipal de Nelas suspendeu, «até nova ordem», as taxas de ligação da água às casas dos habitantes do concelho, que, como o «DL» noticiou no último sábado, em primeira mão, estavam a desencadear, devido ao seu elevado montante, uma onda generalizada de protestos.

O maior descontentamento, como igualmente referimos, registava-se na vila de Canas de Senhorim, onde ontem, ao fim da tarde, decorreu um plenário de freguesia «bastante participado» (entre 1500 a 1800 pessoas), segundo a nossa fonte, para deba-

ter o problema e tomar medidas.

Usaram da palavra diversas pessoas, condenando a exorbitância das taxas de ligação da água («dezenas de contos por cada ligação, uma autêntica roubafeira», diria um dos oradores).

A Câmara de Nelas «antecipou-se e suspendeu a impopular decisão», disse-nos ainda a nossa fonte, «devido à movimentação das pessoas que continuam dispostas a não ceder e a exigir taxas justas e comportáveis pelos seus rendimentos».

A Câmara de Nelas recorreu, para o efeito, à simples difusão de um comunicado, há dois ou três dias, quando a movimentação em

Canas de Senhorim e noutros lugares do concelho já era uma realidade.

«O comunicado também era para desmobilizar a população de Canas e neutralizar o plenário marcado para ontem, mas não o conseguiu», acrescentou a mesma fonte contactada pelo «DL», para quem, por outro lado, «ficou mais uma vez à vista que só a subida de Canas de Senhorim a concelho poderá resolver os nossos problemas», numa alusão directa à velha questão da «autonomia» em relação a Nelas, que continua em aberto.

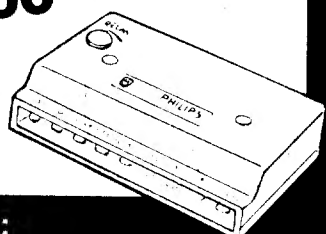
J.G.B.

O AVANÇO DA ELECTRÓNICA NOS NOVOZ AUTO-RÁDIOS E ANTI-ROUBO PHILIPS

Compre um Auto-Rádio Philips com leitor. OFERECEMOS-lhe* um Anti-Roubo electrónico Philips de 7.000\$00



* Esta oferta é limitada.



AGENTE OFICIAL:

FERNANDUS

RUA ARTILHARIA UM, 44 - 1200 LISBOA - TEL. 65 10 21



STAL SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL
SEDE NACIONAL

EXMOS. SENHORES
PRIMEIRO-MINISTRO
MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA
MINISTRO DO TRABALHO
SECRETÁRIO DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA FEDERAÇÃO DE MUNICÍPIOS DO RIBATEJO

PRÉ-AVISO DE GREVE

O STAL - Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local, ao abrigo do n.º 1 do art.º 2.º da Lei 65/77, de 26 de Agosto, e nos termos e para os efeitos do art.º 5.º do mesmo diploma comunica a V.Ex.ª que os Trabalhadores da Federação de Municípios do Ribatejo, paralisarão nos próximos dias 12 e 13 de Abril, com os seguintes objectivos:

- Por um sector eléctrico mais forte
- Pelo não endividamento da Federação
- Por maior justiça social
- Por melhores condições de trabalho.

Com os melhores cumprimentos e saudações sindicais

Santarém, 3 de Abril de 1984
A DIRECÇÃO NACIONAL DO STAL



FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL

SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO

COMISSÃO LIQUIDATÁRIA DO FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

DIRECÇÃO DE HABITAÇÃO DO SUL

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA A EMPREITADA N.º 3/DHS/84 - EXECUÇÃO DE INFRA-ESTRUTURAS E ARRANJOS EXTERIORES NO BAIRRO DOS ASSENTOS E FONTEDEIRA - PORTALEGRE

- 1 - PREÇO BASE DE EXECUÇÃO 15 027 720\$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA 375 693\$00
PRAZO DE EXECUÇÃO 180 DIAS
- 2 - ALVARÁ EXIGIDO
 - 1.ª Subcategoria da Categoria I para Empreiteiros de Obras Públicas.
 - Categoria Única para Industriais de Construção Civil
 - Classe e Subclasse correspondentes ao valor das propostas apresentadas.
- 3 - Data, limite e local para entrega das Propostas:
Até às 17.00 horas do dia 16 de Maio de 1984 na Direcção de Habitação do Sul - Serviços Administrativos, Quinta da Vista Alegre, Lote 38 - 2.ª Fase em Évora.
- 4 - Local, dia e hora do acto público do Concurso:
No mesmo edifício, 1.º andar, pelas 10 horas do dia 17 de Maio de 1984.
- 5 - Local e horário para exame do processo:
No mesmo edifício, 1.º andar, às horas normais de expediente.

Direcção de Habitação do Sul, em Évora, 2 de Abril de 1984

O RESPONSÁVEL PELA D. H. SUL **M. Albuquerque e Sousa**
Eng. Civil

Sérgio Apalhão telefonou ao presidente da Câmara do Alandroal

O ex-presidente da Câmara de Borba, Sérgio Apalhão (APU) ausente em parte incerta depois de se ter demitido do cargo, telefonou na quarta-feira ao presidente do Alandroal, Inácio Melrinho, também da APU. Inácio Melrinho disse à ANOP ter recebido um telefonema de Sérgio Apalhão, que não revelou o seu paradeiro. Este foi o primeiro contacto estabelecido pelo ex-presidente da Câmara de Borba depois do seu desaparecimento «por motivos de ordem pessoal» há cerca de duas semanas. Inácio Melrinho disse que Sérgio Apalhão (foto) lhe revelou no telefonema estar «ao corrente das calúnias» que contra ele foram levantadas e que «em breve» dará notícias. O presidente do Município do Alandroal acrescentou ter achado a



voz de Apalhão «estranha» e «a falar com grande emoção» ao enviar saudações para outros autarcas alentejanos amigos de ambos.

Cabo submarino para França

Acaba de ser aprovado o acordo entre o Ministério do Equipamento Social de Portugal e o Ministério dos Correios, Telecomunicações e Teledifusão da França, relativo à construção de um sistema de cabo submarino entre os dois países.

O novo cabo de grande capacidade e com utilização de fibras ópticas, deverá entrar ao serviço em data a definir entre 1987 e 1990.

Disparos contra arrastão espanhol

Um arrastão espanhol, que pescava em águas territoriais portuguesas, cerca de 500 jardas a sul de Montegordo foi apesado pelas autoridades

portuguesas. O Comando da Zona Marítima do Sul, revelou em comunicado que a embarcação espanhola «San António», de 3,5 toneladas e dois pescadores a bordo, encontrava-se em faina de arrasto de bivalves nas nossas águas territoriais. «Logo que avistou — refere — uma lancha de fiscalização

portuguesa que saía de Vila Real de Santo António, pôs-se em fuga em direcção à fronteira marítima. Foi interceptada mas não obedeceu à ordem de paragem pelo que foram disparados três tiros de aviso, dois dos quais para a proa, e um terceiro para os depósitos de combustível».

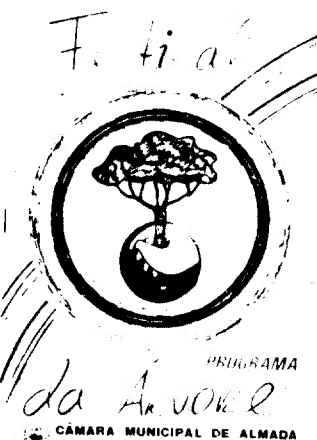
A embarcação acabou por se apresada e conduzida ao posto de Vila Real de Santo António, tendo sido multada em cem contos e apreendida a arte de pesca e o pescado.

Comerciante esmagado em Alcobaça

Um comerciante de Vale do Couvo (Bombarral), Fernando Rodrigues Porfírio, de 54 anos, casado, ficou esmagado entre duas camionetas, junto ao largo da feira em Benedita, Alcobaça. O acidente ocorreu na sequência do despiste de uma camioneta conduzida por Luís da Silva Isabel, a qual foi colidir com o outro veículo, arrastando no seu trajecto o comerciante.

O «Festival da Árvore» em Almada

A Câmara Municipal de Almada está a desenvolver, tal como foi programado, o «Festival da Árvore». Do programa que ainda falta completar destacar-se para uma exposição na Praça S. João Baptista. Como tema o «Ambiente e Saúde Pública — Todos nós Construímos Saúde». Motivos: espécies diversas de árvores e arbustos (envasados) criados no Viveiro Municipal do Alto do Índio; poemas alusivos à natureza, ciclo de cinema sobre Ambiente e Saúde; trabalhos realizados nas escolas do concelho, CERCISA e alfabetização. Amanhã várias escolas visitarão a exposição, com teatro infantil, fantoches pelas crianças do ATL do Raposo. (AIPICA) teatro pelas crianças da CERCISA. «Árvo-



res onde estão!» e projecção de filmes e «slides» sobre Ambiente e Saúde.

«Febre virosa» em escolas da Madeira

O Sindicato dos Professores da Madeira denunciou ontem ser cada vez maior o número de crianças que vão para a escola e dali são enviadas para os serviços de saúde com sintomas característicos da «febre virosa». Em comunicado daquele sindicato depois de revelar que a Escola Preparatória Gonçalves Zarco foi atingida e de perguntar «o porquê de não se querer fechar as escolas mais afectadas», afirma que «na Madeira têm havido surtos epidémicos consecutivos, que se espalham e conatagiam os cidadãos, com a convivência das entidades responsáveis que teimam em dizer que tudo vai no melhor dos mundos».

O Sindicato dos Professores conclui manifestando a «sua preocupação e o repúdio face a uma situação que põe em risco a saúde pública, afectando particular e profundamente a saúde escolar e o trabalho dos professores, sem que se verifique uma atitude frontal e coerente dos serviços oficiais da educação e da saúde».

Barreiro: balanço de um ano no termo de uma década

A vila do Barreiro revê-se, de um ano difícil, pela voz do seu presidente e vereadores. Trata-se de dizer aos eleitores o que foi feito; mais alargadamente um vasto público saberá das dificuldades que as autarquias vivem à medida que lhe apertam o cinto do orçamento; do que, apesar disso e de outras coisas, sempre vai sendo desbloqueado, por boas vontades, crédito e alguma, muita, luta.

«Normalmente, isto faz-se só quando há eleições» — diz-nos o vereador Alfredo Matos, eleito pela APU. A ideia, agora, é fazê-lo todos os anos, quer com informação local aos munícipes quer em contactos com a imprensa de maior repercussão local.

A ideia de estreitar os laços com os seus munícipes levou o executivo da Câmara do Barreiro a descentralizar as suas próprias reuniões. Já foi à Junta de Freguesia do Lavradio, prepara-se para outras incursões no mesmo âmbito; vai a colectividades e com isso atinge uma outra faixa de público.

«As reuniões que são feitas aqui na Câmara registam uma afluência relativamente pequena de público. Vêm apenas as pessoas que têm interesse concreto. Nas juntas aparecem centenas de pessoas, ficam a saber o que fizemos, porquê e porque não, o que está nos planos» — conta Alfredo Matos.

O relato de uma obra numa autarquia não se compadece obviamente com o virar das folhas dos calendários. Dar contas, ainda, tem o obstáculo da esterilidade dos números, da dificuldade de destrinçar entre o valor real de uma obra e aquilo que é mencionado como realização.

O Barreiro ressent-se do cansaço de 83: foi um ano difícil, com um défice, apesar de tudo, inferior ao que se previra inicialmente: mas os maus resultados, no campo financeiro, transitam para o ano em que já nos encontramos, condicionam-no ainda mais com a aproximação de medidas legislativas que Hélder Madeira, o presidente, considera alarmantes.

Enterrar dinheiro

Um resumo das actividades desenvolvidas, dos dinheiros gastos no ano de 1983, vem logicamente do desenvolvimento do que tem sido feito ao longo destes dez últimos anos: pôr em ordem a grande, intensa, incrível desarrumação que foi deixada.

A acção a nível do saneamento básico é disso exemplo: tem sido a preocupação constante de assegurar o abastecimento de água; o lançamento de grandes colectores de esgotos e pluviais, em coordenação com realizações noutros domínios; os primeiros estudos no sentido de, finalmente, se concretizar uma estação de tratamento, que se mostra cada vez mais indispensável.

Um exemplo claro do que acima fica dito é dado pelo novo hospital, em fase de acabamento, com capacidade para cinco centenas de camas. As obras envolventes deste hospital, classificado de regional, têm a participação obrigatória das «finanças» barreirenses.

Essas responsabilidades referem-se concretamente à garantia, por parte do município, do que respeita a acessos, água e esgotos. Qualquer coisa como 50 mil contos, só para dar uma ideia, sem pretender enlevar em números.

Agora, para quem ali passe, já quase nada resta do que foi metido dentro da terra. Pavimentação — uma parte da Avenida do Bocage; para trás ficam as infra-estruturas de água e esgotos indispensáveis. O exemplo é dado com os emissários de esgotos que a partir da nova unidade hospitalar levam em direcção ao Lavradio (e posteriormente à es-

tação de tratamento). São algumas centenas de metros, muitos milhares de contos.

O novo hospital, ainda, porque a referida avenida (do Bocage) foi rasgada para permitir um fácil acesso. Mas também uma ligação a necessidades futuras no

Alfredo Matos relata tudo isto mas enquadra o novo furo de captação de água: ele faz parte de um plano camarário para assegurar o abastecimento ao concelho até ao ano 2000. E continua os melhoramentos que têm sido realizados não só no nível quantitativo. Nos últimos anos foi possível levar água a casa de mais gente com melhor tratamento, em melhores condições técnicas de pressão e regularidade.

As realizações neste domínio

para peões, sobre a via rápida, para ligar ao Estádio Alfredo da Silva.

Mais à frente, já onde os concelhos do Barreiro e da Moita se tocam, mais uma amostra das realizações de um ano, do entrecruzar dos tempos numa administração autárquica: os arranjos envolventes da igreja do Lavradio. Ali exerce o sacerdócio um padre-operário, freguesiano na Setenave, dirigente sindical, um dos que estão a ser julgados por ter ido à porta de Mário Soares.



Vista aérea de uma parte do núcleo antigo

domínio viário: ligação às entradas da vila, tanto rodoviárias como fluviais.

Matar a sede

Os exemplos das actividades durante o ano passado são muitos. Insista-se no hospital, com uma pequena pormenorização técnica: ele implica a necessidade de abastecimento de 20 litros de água por segundo. Tal implicaria uma grande sobre-



Um elemento do património local posto ao serviço das crianças: neste moinho funciona uma ludoteca.

carga para a rede normal da vila.

A alternativa era a abertura de um novo furo. E ele foi realizado mesmo ao lado do hospital, junto a um grande depósito de água que entrou em funcionamento em 1980. Os ensaios já permitiram garantir 40 litros por hora, no novo furo, mas tudo indica que se cifrará nos 60. Bons resultados finais para um investimento que ronda, no total em 10 ou 11 mil contos.

ligam-se, ainda, a uma outra estrutura: os serviços municipalizados, que no Barreiro têm a particularidade de assegurarem os serviços de transportes. A Câmara do Barreiro comprou dez mil contos de novas instalações, quase mil metros quadrados. E ali as coisas passaram a funcionar melhor, e na Câmara ficou mais espaço para serviços igualmente importantes.

Uma voltinha pelas ruas

«Aqui são as instalações que compramos para instalar a futura Junta de Freguesia do Alto do Seixalinho» — diz, a determinada altura, Alfredo Matos. E ali, também, há também já espaço reservado para a futura (incerta mas desejável) autonomização da empresa de transportes urbanos.

A chamada de atenção do vereador fica pelo caminho que cruzamos: as árvores novas já plantadas no ano corrente, quase três milhares. As que já deram troncos capazes de resistir a ventos mais inesperados. Ou a ludoteca, integrada no conjunto de um parque, à beira do estuário do Tejo, confrontando-se com a parte mais oriental do porto de Lisboa.

E porque não uma visita rápida à biblioteca? Instalações de há relativamente pouco tempo que encurtam a olhos vistos, com o tempo que passa e os leitores que aumentam. Novas instalações, a dois passos, estão já a entrar nos acabamentos.

Lá, à frente, avança-se na solução de um problema que tinha parado: a Junta Autónoma de Estradas trouxe a via rápida, a partir da auto-estrada de Setúbal, até a 300 metros do chamado «nó do Lavradio». Que sentido fazia deixar a obra assim? — perguntou a Câmara do Barreiro.

E o objectivo foi conseguido, não totalmente, embora. Mas incluíra uma passagem superior

Mas a crise instala-se

Vila operária, o Barreiro ressent-se hoje, cada dia mais intensamente, das dificuldades no sector industrial. E particularmente porque uma grande fatia da vida local é condicionada pela Quimigal, por sua vez dependente das limitações impostas do Terreiro do Paço.

«É verdade. Todos os dias me aparece gente ali na Câmara a pedir emprego» — conta Hélder

Madeira. «Mas há também muita gente que vai lá para me dizer que já não há mais reforma até ao fim do mês».

E então entra em funcionamento uma cadeia que já foi de largo uso: um telefonema para a Misericórdia, a garantia do alimento mínimo até novo postal da Caixa Nacional de Pensões.

A Câmara, essa, não tem qualquer hipótese de resposta para este tipo de problemas. Como tem cada vez menos para aqueles que são verdadeiramente da sua competência. «Este ano não serão lançadas obras novas. Tratamos de acabar aquilo que já tínhamos em andamento» — dizem, à uma, Hélder Madeira e Alfredo Matos.

A porta desta Câmara, como de todas as outras, as dificuldades crescentes que Hélder Madeira imputa ao Poder Central, predo-

Obras importantes, aguardam, pois, que se registem os desbloqueamentos nas «instâncias superiores». É o caso da gare que melhorará o entrosamento dos três transportes que asseguram a mais intensa ligação entre o Sul e o Norte do País: fluvial, ferroviário e rodoviário.

«Talvez lá para o fim do ano se comece a ver alguma coisa» diz Hélder Madeira, em resultado dos últimos contactos com a Direcção-Geral dos Transportes Terrestres.

Se as crianças continuarem a comer pouco e mal

Está em preparação em Portugal uma geração de deficientes e marginais

— foi afirmado num encontro de mulheres do Norte

Mulheres de cinco distritos que participaram durante este fim-de-semana, no Porto, na Quinta Conferência de Mulheres do Norte, decidiram convocar um tribunal de opinião pública para denunciar a violação dos direitos da criança, tendo ainda decidido solicitar audiências aos órgãos do Poder, sensibilizando-os para os seus problemas, de forma a «dinamizar a intervenção das mulheres para a melhoria das condições de vida».

No seu apelo, com carácter de urgência, sobre a situação da criança em Portugal as mulheres do Norte consideram

que «os direitos da criança estão a ser gravemente violados em Portugal» e pedem aos órgãos do Poder uma «atenção imediata» sobre a situação.

Nesse apelo, as participantes no encontro citam uma das conclusões apuradas no Congresso sobre a Nutrição e o Desenvolvimento, recentemente realizado por iniciativa do Instituto Piaget, segundo a qual «está em preparação em Portugal uma geração de deficientes ou de marginais, se as crianças continuarem a comer pouco e mal».

Uma das congressistas,

Mar Ruth Rodrigues, depois de recordar «a avalanche de desemprego, de salários em atraso, de repressão, atingindo já sectores que até agora não sentiam esse problema», afirmou que «nunca como hoje, desde Abril de 1974, as famílias portuguesas viveram momentos de preocupação, de tanta angústia e quantas já de desespero».

Outra das participantes referiu que, devido a esta situação, «têm proliferado flagelos sociais, como a prostituição, a droga, a marginalidade, o suicídio, pedindo aos governantes «para que não brinquem

com a juventude».

No final do encontro foram ainda aprovadas moções de apoio às marchas pelo pão, pelo trabalho e contra a carestia, a realizar no Porto e em Braga, no próximo dia 14, e pela situação em alguns internatos de menores, onde, segundo foi afirmado, «vigoram a idade média do castigo», através da imposição de castigos «como o de ficar com uma perna levantada ou com um braço no ar, no meio do refeitório, sem comer», ou «o quarto escuro com ratos, onde se fecham as crianças consideradas indisciplinadas».

Faro discute hoje demolição de 140 casas na Ria Formosa

O presidente da Câmara de Faro convocou para hoje uma reunião de emergência para discutir o problema da demolição de habitações clandestinas situadas na Reserva da Ria Formosa — soube a ANOP.

O executivo camarário, chefiado por Negrão Belo, discutirá com representantes das comissões de moradores locais a decisão de 2 de Abril dos Ministérios da Qualidade de Vida e do Mar de demolir 140 habitações cons-

truídas clandestinamente em terrenos do domínio público marítimo do Sul.

As casas em questão fazem parte de um lote de 2350 construídas ilegalmente na sua maioria a partir de 1975 na Reserva da Ria Formosa, que se estende desde a Quarteira a Vila Real de Santo António, abrangendo os concelhos de Faro, Loulé, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António.

As demolições têm vindo a ser proteladas e os moradores, com

o apoio das autarquias locais, têm organizado manifestações contra a destruição das 140 residências, das quais apenas quatro são habitadas permanentemente, enquanto as restantes são de veraneio.

Enquanto as comissões de moradores exigem que seja definido um ordenamento para a Reserva da Ria Formosa, as autarquias defendem a transferência para as câmaras da área sob a jurisdição do domínio público

marítimo.

Os Ministérios da Qualidade de Vida e do Mar, que alegam a destruição do equilíbrio ecológico da zona, comprometeram-se a proteger 600 casas habitadas por pescadores e garantiram que estas não serão demolidas.

Os partidos do Governo e também a APU, que apoiam a não concretização das demolições, defendem a elaboração de um plano de ordenamento da região.

“Pacote” ainda não chegou

às autarquias

Borba, Valença e Famalicão:

três “crises” diferentes

Em Borba foi o desaparecimento do presidente APU da edilidade — e o PS diz-se agora sereno na espera dos resultados; em Valença, é a APU que pede um inquérito ao mandato anterior — mais um caso de terras e empreitadas; de Famalicão chegam novas da aceitação de pedidos de suspensão de quatro mandatos — e aqui são o CDS e o PSD que se distanciam do PS

ção de um inquérito às «ilegalidades» ocorridas na autarquia durante o mandato do anterior executivo.

Os factos que determinaram o pedido de inquérito pela APU relacionam-se com a expropriação de um terreno, adjudicação de empreitada e alienação de baldios por parte das Juntas de Freguesia de Gondil e S. Pedro da Torre.

Vejamos: a Federação Distrital de Évora do PS afirmou ontem, em comunicado, «aguardar serenamente o total esclarecimento da situação criada no município de Borba, resultante da demissão do presidente daquela edilidade».

Por outro lado, os socialistas eborenses exigem o rápido apuramento de responsabilidades sobre o sucedido, adiantando que «há fortes indícios do envolvimento do PCP na atitude tomada pelo ex-presidente da Câmara de Borba».

A Federação de Évora do PS, entretanto, recomenda aos seus autarcas da Câmara de Borba «a manutenção do seu empenhamento no sentido de garantirem a melhor gestão possível do município», ao mesmo tempo que reafirma o seu total apoio «pela posição, ponderada que adoptaram».

APU de Valença pede inquérito

Os vereadores da APU na Assembleia Municipal de Valença requereram ao Ministério da Administração Interna a realiza-

A proposta da APU, que obteve a aprovação da maioria dos elementos da Assembleia Municipal, solicita a «realização do inquérito à Câmara Municipal de Valença e a todos os seus serviços, tendo como objectivo o apuramento dos factos e das responsabilidades como forma de dignificar a autarquia de Valença do Minho».

Famalicão: quatro demissões

A Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão decidiu ontem aceitar os pedidos de suspensão de mandato de quatro vereadores do executivo pelo prazo de 30 dias, apresentados no final de Abril.

Os quatro vereadores da Câmara de Famalicão, dois do PSD e dois do CDS, pediram, numa carta enviada ao presidente do município, a suspensão do mandato, invocando motivos «inadiáveis e profissionais», razões «de família e de saúde».

Os quatro vereadores suspensos serão substituídos por aqueles que os seguiam nas listas eleitorais, nos termos da lei.

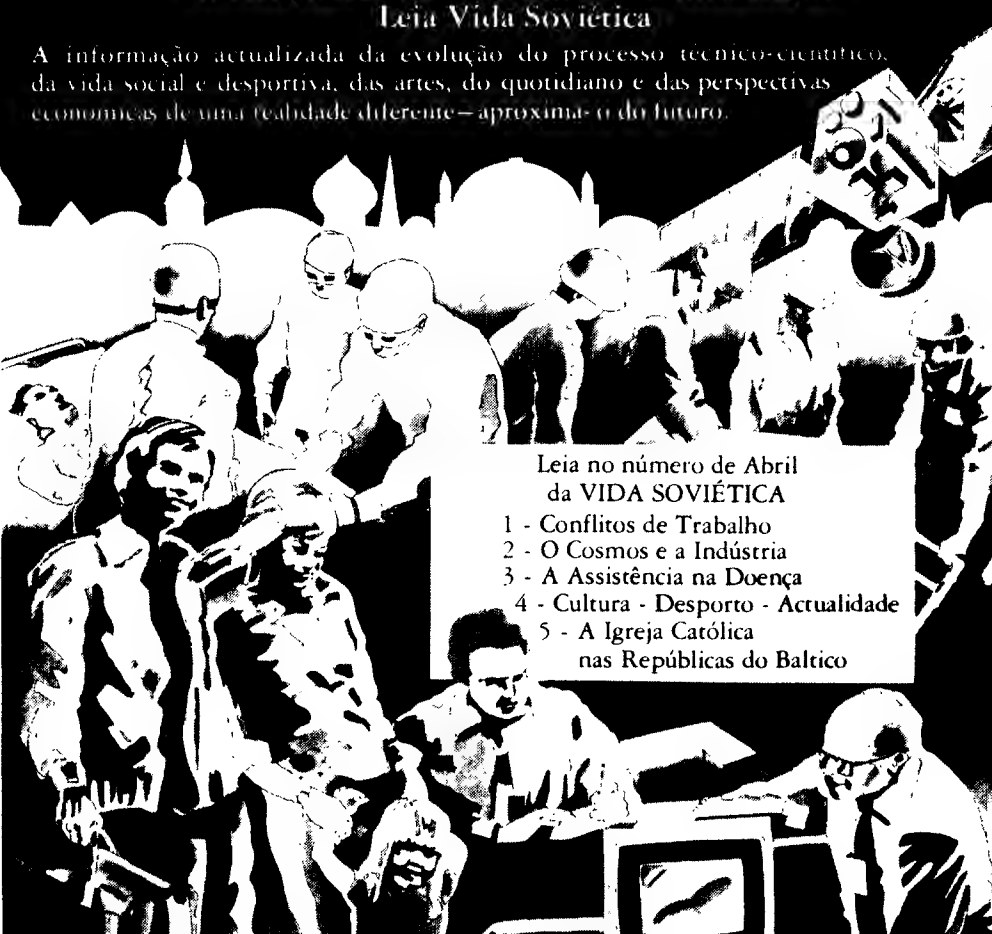


vida SOVIÉTICA

O complemento necessário da sua informação

Leia Vida Soviética

A informação actualizada da evolução do processo técnico-científico, da vida social e desportiva, das artes, do quotidiano e das perspectivas económicas de uma realidade diferente — aproxima-o do futuro.



Leia no número de Abril da VIDA SOVIÉTICA

- 1 - Conflitos de Trabalho
- 2 - O Cosmos e a Indústria
- 3 - A Assistência na Doença
- 4 - Cultura - Desporto - Actualidade
- 5 - A Igreja Católica nas Repúblicas do Báltico

Assinaturas (pagamento adiantado por cheque ou vale do correio)
 1 ano (12 números) - 200\$00 • 2 anos (24 números) - 350\$00 • 3 anos (36 números) 500\$00
 Fora do território português, o preço será indicado por consulta
 Distribuição, assinaturas e vendas de números atrasados:
 Central Distribuidora Livreira (CDL) - Av. Santos Dumond, 57, 2.º - 1000 Lisboa • 779825 - 779828

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM

Comemora-se em 7 de Abril de cada ano o Dia Mundial da Saúde, que no ano corrente decorre sob o lema «Saúde da Criança e Riqueza do futuro».

A propósito desta data, daquele lema e da situação cada vez mais degradante em que se encontra a assistência em cuidados de saúde a população do concelho, a Câmara Municipal de Santiago do Cacém em reunião ordinária de 6/4/84 decide:

- 1 — Exigir do Ministério da Saúde solução urgente para os problemas expostos no memorando enviado em 11/2/84 ao Sr. Ministro sobre os problemas que prejudicam o normal funcionamento dos serviços de saúde locais «Hospital Distrital de Santiago do Cacém, Centro de Saúde e Postos Médicos».
- 2 — Repudiar o brutal aumento do preço dos medicamentos.
- 3 — Exigir o cumprimento da disposição constitucional no que confere a um Serviço Nacional de Saúde Universal e gratuito para todos os portugueses.

Santiago do Cacém, 6 de Abril de 1984.

A CÂMARA MUNICIPAL

24 horas

A luta no Chile

Dois atentados contra quartéis da polícia política chilena, que não causaram vítimas, foram registados em Santiago do Chile e no balneário de Vina Del Mar, 140 km a noroeste da capital, informaram fontes policiais. Uma instalação da Central Nacional de Informações (CNI) situada no sector oriental da capital foi alvo de rajadas de metralhadora disparadas de um veículo de aluguer. No elegante balneário de Vina Del Mar, um engenho explosivo detonou frente a um quartel da CNI, provocando danos de pouco vulto, segundo a Polícia.

Mondale a somar

Walter Mondale superou Gary Hart nas convenções locais do estado de Wisconsin, as primeiras após uma decisão do Supremo Tribunal dos Estados Unidos de acabar com as eleições primárias «abertas». Aproximadamente com 40 por cento dos votos entrados nas urnas, o ex-vice-presidente democrata ul-

trapassou o senador do Colorado por mais do dobro dos votos. A vitória de Mondale era esperada, pois o processo de convenções locais favorece um candidato que, como ele, tem a seu favor a «máquina política» do partido, apesar de Hart ter ganho a eleição primária não vinculativa da passada terça-feira.

Papa-Forças Armadas

O Papa João Paulo II afirmou ontem, perante militares de 24 países, que as Forças Armadas são «necessárias para a manutenção da paz de cada país e de toda a humanidade». Com estas palavras, o Papa concluiu a missa que concelebrou na Praça de São Pedro com capelães dos países representados no jubileu dos militares, no âmbito do Ano Santo da Redenção.

Avionetas em «maré» de azar

Durante este fim-de-semana, dezasseis pessoas morreram em quatro acidentes com pequenas avionetas, registados em El Salvador, Espanha e Alemanha Federal. Cinco homens e duas crianças pereceram na queda de uma avioneta particular no monte salvadoreño de «Las Tinieblas», no departamento de La Libertad — informaram fontes oficiais. Em Espanha, caíram

dois pequenos aviões, um nas Astúrias — morreram os dois tripulantes — e outro num festival aéreo nas Canárias — morreu o piloto e quatro crianças e nove outras pessoas ficaram feridas. Em Wittlich, na região montanhosa alemã-federal do Eifel, despenhou-se um pequeno avião desportivo «Piper», tendo morrido os seus três ocupantes.

Sim à Paz mas não em detrimento da maioria negra sul-africana

— diz o presidente do Zaire

O chefe do Estado zaireense, marechal Mobutu Sese Seko, declarou sábado à noite, em Kinshasa, que desejava a instauração dum clima de diálogo na África Austral, mas não em detrimento do povo namibio, nem da maioria negra da África do Sul.

Recebendo num jantar o presidente moçambicano Samora Machel, chegou algumas horas antes para uma visita oficial de 48 horas, o marechal fez-se advogado dos interesses da Namíbia e dos direitos fundamentais e legítimos da maioria negra sul-africana.

Referindo-se aos acordos recentemente concluídos entre Moçambique e Angola, por um lado, e a África do Sul, por outro, recusou-se a fazer um processo de intenções aos signatários, tendente a fazer crer que os acordos sacrificariam aspira-

ções da maioria negra à liberdade e à dignidade.

Por seu lado, o presidente Samora Machel justificou a assinatura do pacto de não agressão, assinado em 16 de Fevereiro último, evocando longamente os actos de agressão de que o seu país tem sido vítima desde o acesso à independência.

Após ter sublinhado que o acordo de Incomati constituía uma vitória das forças desejosas de paz e de liberdade, abrindo a via para uma «coexistência pacífica na África Austral», o chefe do Estado moçambicano declarou que o seu país continuava apostado na independência da Namíbia e afirmou que concederia sempre o seu apoio político, moral e diplomático ao ANC (Congresso Nacional Africano), para permitir à África do Sul ser a pátria de todos os africanos.

A situação na Guiné-Conacri

O novo chefe de Estado guineense, coronel Lansan Comte, ao dar a sua primeira conferência de imprensa, ontem, declarou que os antigos dirigentes da Guiné, presos após o golpe de Estado, não seriam executados, mas julgados por «erros económicos e administrativos».

«Nunca tencionámos matar quem quer que fosse (...), não o faremos», acrescentou o presidente guineense, afirmando que não haverá processos políticos.

O presidente Comte, que não autorizou a imprensa internacional a ver os antigos dirigentes guineenses, prometeu deixar visitar o Campo Boiro, onde estavam encarcerados, em condições muito duras, os presos políticos sob o antigo regime, derrubado na passada terça-feira.

No que se refere às relações

com os outros Estados, o coronel Comte declarou que o novo regime tenciona apelar a todos os países do mundo, e que o novo regime não faz opções particulares.

«Mas nós contamos com a França, os Estados Unidos e todos os países africanos para que a assistência que eles nos concedem, e que nós queremos desinteressada, nos ajude a sair da nossa difícil situação», acrescentou, precisando: «Não recusamos nenhuma ajuda, quer ela venha do Ocidente quer do Leste».

Por outro lado, o Comité Militar de Regeneração Nacional (CMRN) guineense declara-se «inteiramente disposto a reforçar e desenvolver as relações fraternais de cooperação» libio-guineenses, numa mensagem dirigida ao coronel Muammar Kadafi, informa a agência de imprensa líbia JANA, captada em Paris.

Agravamento da situação na fronteira sino-vietnamita

PEQUIM, 9, (ANOP) — A China anunciou que as suas forças mataram 23 soldados vietnamitas que tinham cruzado a fronteira comum, enquanto a Embaixada do Vietname publicou uma nota de protesto pela «violação chinesa do território vietnamita».

Segundo Hanói, vários batalhões de infantaria chineses invadiram o Vietname e ocuparam duas colinas na província fronteiriça de Langson.

A agência chinesa XINHUA, por seu lado, anunciou que comandos vietnamitas cruzaram a fronteira comum para colocarem minas em solo chinês e foram rechaçados pelas forças de Pequim.

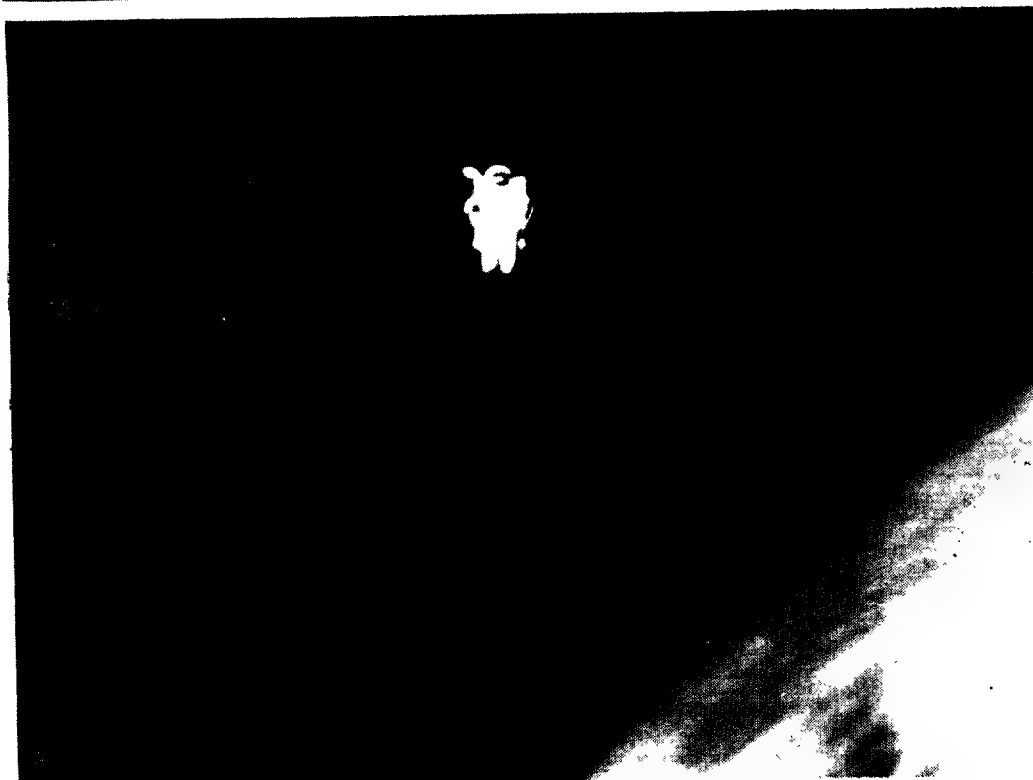
A tensão sino-vietnamita agravou-se consideravelmente nos últimos dias e, depois de contínuos bombardeamentos, durante a semana passada surgiram as acusações mútuas de «actos de guerra» e «pretensões criminosas». Segundo fontes diplomáticas, os incidentes bélicos na fronteira constituem «a mais firme advertência» da China ao Vietname, para que não ameace a sobrevivência dos «khmeres vermelhos» Cambojanos, que a China auxilia desde Janeiro de 1979, numa desesperada tentativa, apadrinhado pelos EUA, de derrubar o legítimo governo do Kampuchea.

Condenações à morte na China

Um tribunal chinês condenou à morte o sub-director de uma fábrica de cigarros, Zhang Ying, acusado de ter recebido um suborno para a compra de tabaco de má qualidade — foi hoje divulgado em Pequim.

Com Zhang Ying, foi condenado a prisão perpétua outro elemento destacado da finança chinesa, He Jingwen, que vive em Hong Kong, desde 1962.

A China lançou em Agosto passado uma dura campanha contra a delinquência que, em menos de três meses, condenou à morte e fuzilou mais de dez mil pessoas, acusadas de delitos de sangue ou comuns. Ela mantém-se em vigor, embora consideravelmente abrandada.



Recuperação do satélite avariado falhou. Nova tentativa terá lugar

A nova missão do Vaivém

Parece ter-se malogrado o principal objectivo

A primeira tentativa de recuperação de um satélite avariado, pela tripulação do transportador espacial «Challenger» fracassou.

O especialista George Nelson regressou ao «vaivém» com as «mãos vazias» — informou a NASA.

Nelson não conseguiu acoplar o equipamento especial de recuperação de satélites ao «Solar Max», quando este se encontrava

numa órbita aproximada de 600 quilómetros.

O «Challenger» aproximou-se até cerca de 60 metros do satélite e então Nelson saltou para o Espaço com a sua mochila propulsora (unidade autónoma de manobra) abeirando-se do «Solar Max», para começar a sua tentativa de estabilizar o engenho, para posteriormente o conduzir para mais perto do transportador.

Depois, outro dos especialistas tentaria levar o satélite para o interior do «Challenger» com o braço mecânico computadorizado.

«A manobra foi suspensa por razões ainda desconhecidas», disse um porta-voz da NASA.

Acrescentou que haverá uma segunda tentativa de acoplagem do satélite de observação solar avariado, cuja recuperação no Espaço constitui um dos mais ambiciosos projectos da NASA e o principal motivo desta missão do «Challenger».

A nova tentativa decorrerá hoje.

«Salyut 7»

A tripulação soviético-indiana da estação espacial «Salyut 7» com-

pletou a quarta jornada da sua missão, tendo detectado um incêndio de grandes proporções na Birmânia.

Os cosmonautas transmitiram a informação de imediato: o incêndio abarca uma área florestal superior a 50 quilómetros quadrados.

Fontes do centro de direcção de voos espaciais da União Soviética revelaram que os cosmonautas Leonid Kizim, Vladimir Soloviov, o médico Oleg Atkov — os três há dois meses no espaço — e Yuri Maliyev, Guenadi Sirekalov e o indiano Rakesh Sharma — que chegaram à estação na quarta-feira — tiveram um «pequeno problema» com uma das experiências planeadas para a missão.

Esse problema registou-se com um aparelho destinado a experiências biofísicas e foi rapidamente debelada, mediante instruções recebidas da Terra. O astronauta indiano e os soviéticos Strekalov e Maliyev devem regressar à Terra depois de amanhã.

CASA PRECISA-SE

Para alugar em Lisboa, mobilada ou não.

Respostas ao n.º 5402 deste jornal.

12.º CRUZEIRO às ILHAS MADEIRA e CANÁRIAS

A bordo do moderno paquete

FUNCHAL

Classe única • Serviço de 1.ª cl.

11 a 19 de Maio/84

(LISBOA A LISBOA)

FUNCHAL-TENERIFE-LAS PALMAS-LANZAROTE

Vantajosas compras em Portos Francos

DESCONTOS ESPECIAIS

ESPOSAS | 20%

3.ª IDADE | 20%

OPORTUNIDADE A NÃO PERDER

PEÇA NOS
PROGRAMA
DETALHADO

ORGANIZAÇÃO: F. X. SILVA

abreu

ALVARA Nº 35 OPERADOR TURÍSTICO

LISBOA - Avenida da Índia, 10 - Tel. 511341

ALMAIDA - Rua de Oliveira, 9 - C - Tel. 2755756

MOBÍLIAS USADAS

COMPRO — VENDE TROCO

ARMAZÉM MÓVEIS JORGE

AV. ALMIRANTE REIS, 35

Telef. 83 21 61

(Defronte Igreja dos Anjos)

Sabotagem dos portos da Nicarágua criticada por dirigentes da IS

Três dirigentes da Internacional Socialista defenderam em Madrid a independência política da Europa e criticaram a sabotagem dos portos nicaraguanos.

O primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, o ex-chanceler alemão-federal e presidente da IS, Willy Brandt, e o ex-chanceler austríaco, Bruno Kreisky, promoveram que a Europa encontre a sua identidade política, à margem dos interesses das superpotências.

Os líderes socialistas reuniram «informalmente» em Madrid, a convite do primeiro-ministro espanhol.

Numa conferência de Imprensa, Felipe Gonzalez disse que foram discutidos os problemas do Médio Oriente, América Central e África.

«Analisamos também os avanços em países como a Argentina e Uruguai, a crise na Bolívia e o fortalecimento da democracia na Venezuela,

Uruguai e Peru», disse Gonzalez.

Os três dirigentes socialistas expressaram a sua «grande preocupação» em relação à minagem dos portos da Nicarágua, que consideram uma violação dos acordos internacionais que «agrava desnecessariamente o con-

flito na zona».

Reiteraram o seu apoio ao Grupo de Contadora e criticaram indirectamente os Estados Unidos ao recusarem as iniciativas que vinculam a ajuda económica a projectos privados e não estatais.

A Internacional Socialista realiza uma reunião em Copenhaga em finais de Abril, para analisar a situação na América Latina.

Entretanto, os ministros dos Negócios Estrangeiros dos países membros do Grupo de Contadora advertiram que «no decurso das últimas semanas o panorama regional mostrou evidências de grave deterioração».

No final de uma reunião de emergência, os quatro minis-

tros dos Negócios Estrangeiros da Colômbia, Panamá, México e Venezuela expressaram a necessidade de que os governos da região «ajustem a sua conduta internacional ao espírito de conciliação» das iniciativas do Grupo.

Um comunicado oficial da reunião manifesta a preocupação dos ministros pelo aumento da presença de militares estrangeiros na região pelas acções de forças opositoras, nomeadamente a colocação de minas nos portos nicaraguanos.

«Uma acção terrorista»

Em Londres, o porta-voz trabalhista no Foreign Office,

Dennis Healy, acusou os Estados Unidos de terem minado vários portos da Nicarágua, o que constitui, considera, «uma acção terrorista».

«O mundo inteiro ficaria sobre brasas no caso de o Golfo Pérsico ser fechado ao tráfego, e eis que o governo americano semeia minas, desprezando todas as normas do Direito Internacional», declarou o antigo chanceler do Tesouro, numa entrevista à BBC.

«Isto, considero, é uma acção terrorista».

Há ainda um risco que consiste no facto de o Irão utilizar o caso como precedente para minar o Golfo e bloquear as exportações de petróleo para o Ocidente, declarou.

“Time” crítica política estratégica de Reagan

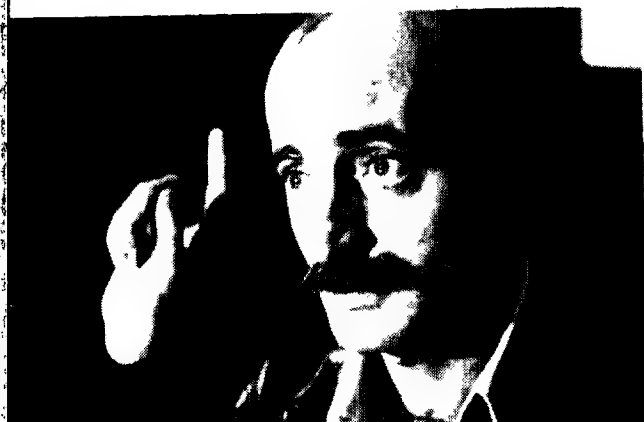
O presidente americano, Ronald Reagan, não tenciona modificar a posição dos Estados Unidos a respeito das armas estratégicas, embora Washington tenha criado um grupo de estudos encarregado de examinar as possibilidades de relançamento das negociações com Moscovo, escreve a revista americana «Time», na sua edição de ontem.

Recorda-se que os soviéticos interromperam, em Novembro último, as negociações «INF», sobre os mísseis de alcance intermédio, e as «START», relativamente aos engenhos estratégicos, depois de terem sido instalados na Europa Ocidental os primeiros mísseis «Cruiser» e «Pershing».

A «Time» revela que, depois de ter ouvido os argumentos dos seus conselheiros, o presidente Reagan declarou, durante uma reunião do Conselho Nacional de Segurança, que os Estados Unidos não fariam «concessões preferenciais» e que «não seria prudente modificar actualmente a posição americana».

Segundo a revista, esta tomada de posição «reflecte a competição existente entre os departamentos de Estado e da Defesa, a incapacidade (do presidente) para arbitrar a querela e também a sua incapacidade de definir uma política externa coerente».

A «Time» indica que o Departamento de Estado procura novas aberturas para retomar as conversações com a URSS, enquanto o Pentágono continua determinado a colocar os soviéticos num «gheto».



Perigo de divisão do Líbano persiste

— adverte o socialista progressista Jumblatt

O dirigente do Partido Socialista Progressista (PSP, druso), Walid Jumblatt, declarou que «o perigo de divisão do Líbano persiste, apesar das derrotas das forças reaccionárias no terreno e da sua aceitação mitigada da espolha árabe».

Num discurso pronunciado em Amasco durante uma cerimónia comemorativa do 37.º aniversário do partido «Baas», no poder na Síria, Jumblatt criticou, em o nomear, o seu antigo aliado na «Frente de Salvação Nacional» (FSN, oposição), Sujeimane Frangie. A ruptura deste com a FSN, na Segunda Conferência Nacional de Reconciliação Libanesa em Lausana (Suíça) em Março passado, reunificou as fileiras das forças da divisão», segundo o chefe do Partido Socialista Progressista.

«A supressão do carácter concessional da política no Líbano é uma condição essencial para a arabização do Líbano e a sua consolidação numa linha progressista» acrescentou Jumblatt e não a abandonaremos por preço algum».

O dirigente do PSP exprimiu, por outro lado, a sua preocupação a respeito do Sul do Líbano, que se arrisca, segundo ele, a transformar-se numa «margem norte» (de Israel alusão à Cisjordânia, também chamada margem ocidental do Jordão).

Jumblatt considerou que é preciso «o mais depressa possível encontrar os meios para conseguir a evacuação israelita dessa parte do Líbano».

O líder druso afirmou ainda «a unidade da luta palestino-libanesa» e indicou que os «dirigentes palestinos que consideraram que o nosso levantamento no Líbano ignorava o direito palestino cometeram um erro monumental».

Conversações e guerra

Pelo menos duas pessoas morreram e seie ficaram feridas em consequência de tiroteios ocorridos ontem na «linha verde» que divide os sectores muçulmano e cristão de Beirute, a capital libanesa.

O Alto Comité Político Militar reata hoje as sessões destinadas a pôr em prática um cessar-fogo «definitivo e total» no Líbano.

O Alto Comité, criado em Março na Conferência de Reconciliação Nacional Libanesa de Lausana (Suíça) reúne sob a presidência do presidente libanês, Amin Gemayel, a fim de aprovar um plano de consolidação do cessar-fogo e da divisão das forças, acordado na sexta-feira passada pelos seus representantes militares.

A reunião de hoje é a primeira do Alto Comité, desde a suspensão das suas sessões diárias em 4 de Abril, a fim de dar tempo aos representantes dos principais grupos armados a elaborar e ultimar um plano prático de divisão de forças na linha divisória de Beirute, nos bairros do Sul e na montanha a Sudeste da capital.

Yasser Arafat

Yasser Arafat, presidente do Comité Executivo da OLP, recebeu ontem à noite, em Tunes, uma mensagem muito importante dos dirigentes soviéticos, indicou a agência palestina WAFA, sem precisar o conteúdo da mensagem.

Esta foi entregue a Arafat, pelo embaixador da URSS na Tunísia, durante um encontro na sede do Comando da OLP, na capital tunisina.

A evolução da questão palestina foi examinada durante um encontro que se desenrolou na presença de Abu Jaafar, director do departamento político da OLP, precisou a WAFA.

Em formação no Chile

Movimento sindical de unidade

A criação do Movimento Sindical de Unidade chileno, que deverá ser integrado no Comando Nacional de Trabalhadores foi acordado ontem, numa reunião da oposição chilena.

Os debates foram dirigidos por Manuel Jimenez, actual vice-presidente da Coordenadora Nacional Sindical, com a intervenção, nomeadamente, de Emilio Torres, ex-presidente da Confederação de Traba-

lhadores do Cobre, e dos fundadores da extinta Central Única de Trabalhadores, Manuel Dinamarca e Júlio Valderrama.

O grupo recusou a divisão dos trabalhadores em centrais ideológicas e acordou na criação de uma Central Nacional de Trabalhadores.

O novo movimento sindical apresentará ao comando o seu desejo de participar como organização, com a mesma representação, na direcção que têm os outros grupos.

Actualmente, o comando é integrado pela Confederação de Trabalhadores do Cobre, a Coordenadora Nacional Sindical, a Confederação de Empregados Privados, a União Democrática de Trabalhadores e a Frente Unitária de Trabalhadores, sob a presidência de Rodolfo Seguel.

Segundo fontes sindicais, o Comando Nacional de Trabalhadores tomará a decisão relativa ao novo grupo no decorrer desta semana.

ouro

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRA A P/ PAGAMENTO •
das 10 às 12h. e das 14 às 18h.

Av. Alameda Rei 175 1.º andar MAPEROI
VICTOR - telef. 53 82 20

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozam da garantia real sobre os bens descritos e adjudicados ao requerido, para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio.

INVENTARIO FACULTATIVO, n.º 5707 - 2.ª Secção.
Requerente: MARIA MADALENA DE MESQUITA CORREIA CARVALHO MARTINS.

Requerido: HERDER DE MATOS DOS SANTOS WOLEKARTS, residente na Rua D. Praxedes de Moleiras, lote 28 - 2.º Dt.º Bobadela Sacavém.

Lisboa, 3 de Abril de 1984

O Juiz de Direito
ABÍLIO MARIA PERES

O Escrivão Adjunto Int.º
ANTONIO SIMÕES LOUREIRO DE SOUSA

«DL» 9 4/84 - 1.ª Pub.

AOS CONSTRUTORES

ODIVELAS E ALVERCA. Lotes prontos para construir 8 fogos sem elevador, e torres 50 fogos. Pagamento total ou parcial através de «letras» ou permuta.
Telefone 53 98 67



federação nacional
dos sindicatos
da função pública

10 ANOS DE LIBERDADE SINDICAL NA FUNÇÃO PÚBLICA

ALMOÇO COMEMORATIVO 28 ABRIL 1984

1. Associando-se às comemorações do 10.º Aniversário da Revolução iniciada em 25 de Abril, a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública decidiu comemorar em 1984 os **10 ANOS DE LIBERDADE SINDICAL NA FUNÇÃO PÚBLICA**.
2. Enquadrado nestas comemorações, a Federação e o Sindicato dos TFP do Sul e Açores irão promover a realização de um **ALMOÇO COMEMORATIVO**, que pretende ser um ponto de encontro para todos aqueles que, desde a primeira hora, lutaram pelos — e nos — Sindicatos da Função Pública, contribuindo assim para tornar possível a constituição, edificação e consolidação das suas organizações de classe.
3. Na impossibilidade de convidar pessoalmente todos os muitos «compañheiros de estrada» que gostaríamos de ver presentes neste Almoço Comemorativo e dada a necessidade de assegurar a tempo um local adequado para a sua realização, solicitamos que todos os interessados façam chegar a sua inscrição para este **ALMOÇO** — o mais tardar até ao próximo dia 13 de Abril — a sede da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, R. Rodrigues Sampaio, 138, 3.º 1100 Lisboa.

**REFORCEMOS A UNIDADE
PELO DIREITO AO TRABALHO
POR UMA NOVA POLÍTICA
CONTINUAR ABRIL**

Lisboa, 3/4/1984

O SECRETARIADO DA FNSFP

A DIRECÇÃO DO STFPSA

Manifestação de trabalhadores em S. Bento no dia 18

A União dos Sindicatos de Lisboa (USL) promove no próximo dia 18 uma jornada de luta que culminará com uma concentração às 18 horas, junto à Assembleia da República, em S. Bento.

Tomarão também parte na manifestação os trabalhadores vidreiros da Marinha Grande, que nesse dia se deslocam a Lisboa em caravana. Os vidreiros lutam sobretudo pelo pagamento de salários em atraso, contra os despedimentos e a repressão e o encerramento das empresas e o desemprego, bem como contra o aumento do custo de vida.

Esta jornada integra-se nas

lutas desenvolvidas nas empresas e que, segundo a USL atingirão «um ponto bem alto», no 1.º de Maio.

Em Coimbra

Iniciou-se ontem em Coimbra uma semana de luta promovida pela União dos Sindicatos local (USC) que engloba sessões de esclarecimento e encontros de rua em vários locais.

A USC propõe-se com esta campanha denunciar o agravamento do custo de vida e a política global do Governo.

O problema dos salários em atraso, que afecta três mil tra-

balhadores do distrito de Coimbra, constitui a tônica da semana de luta, que se prolonga até ao próximo dia 14.

Com esta iniciativa pretende-se mentalizar e mobilizar para a jornada do Primeiro de Maio - Dia Mundial do Trabalhador - explica o comunicado da USC.

No distrito de Coimbra o Primeiro de Maio vai ser comemorado nesta cidade, na Figueira da Foz e na Lousã.

No Algarve

Entretanto terminou ontem a semana de luta do Algarve, promovida pela União dos

Sindicatos de Faro, durante a qual foram distribuídos documentos, em português e inglês, aos «turistas, visitantes e clientes», denunciando o comportamento do patronato em relação à contratação colectiva.

Foi também distribuído nos mercados outro documento de protesto contra o aumento do custo de vida.

Na sexta-feira uma delegação de dirigentes sindicais entregou ao governador civil uma exposição sobre a situação social na província. Manifestou-lhe igualmente as suas apreensões pelo «contínuo encerramento de empresas».

Até quando, dr. Soares?



Esta manhã, mais uma vez, dirigentes sindicais de Setúbal deslocaram-se à residência oficial do Primeiro-Ministro a fim de conseguirem uma audiência que lhes permita expor os problemas enfrentados por milhares de trabalhadores do distrito. No entanto, para evitarem as prisões de que foram vítimas cerca de 300 sindicalistas, adoptaram um outro procedimento: «vestiram» cartazes nos quais inscreveram algumas denúncias sobre a situação de muitas empresas onde, simplesmente, fazem perguntas ao chefe do Executivo e resolveram «passear-se», aos pares, em frente à residência oficial de Mário Soares. São poucos de cada vez e vão funcionar em sistema de rotatividade. É apenas mais uma chamada de atenção ao Primeiro-Ministro que, desde Fevereiro, ignora os seus pedidos de diálogo. Mesmo depois de um socialista, o secretário de Estado do Trabalho, Vítor Ramalho, ter feito publicar, recentemente, um estudo elaborado pelos serviços daquele Ministério no qual estão patentes preto no branco os números dessa vergonha nacional que são os salários em atraso. A prova, para quem não queira acreditar, que os sindicatos tinham razão: há portugueses que, para além do mais, sofrem a suprema humilhação de depois de meses e meses de trabalho não recebem a remuneração a que têm direito. Os órgãos de poder não punem os responsáveis, não resolvem a situação. Até quando, dr. Soares?

A.S.

Direito ao trabalho ameaçado na Função pública

— afirma Carlos Silvério da Federação da FP

Relativamente à actual situação do emprego na Função Pública, que foi tema de um encontro nacional realizado este fim-de-semana em Lisboa, Carlos Silvério, membro da Comissão Executiva do Secretariado da Federação Nacional dos Sindicatos da FP enviou ao «DL» um depoimento em que sublinha que o direito à segurança no emprego «está gravemente ameaçado no sector da Administração Pública. O documento, diz, nomeadamente o seguinte:

«Hoje pode afirmar-se, com plena legitimidade, que não há garantia de estabilidade de emprego na Função Pública. O direito à segurança no emprego, com a dignidade constitucional do direito fundamental (art.º 53.º), está gravemente ameaçado no sector da Administração Pública. É mesmo possível dizer-se que, neste domínio, nos últimos anos houve um retrocesso nítido, que, em alguns as-

pectos, regrediu a situação anterior a 1974.

Não só se inverteu uma dinâmica e uma tendência, iniciada logo após o 25 de Abril, através da integração nos quadros de trabalhadores com vínculos precários e pela extensão dos direitos daqueles a estes, como ainda têm vindo a ser neutralizados direitos adquiridos.

Na mesma linha dos Governos anteriores, também o Governo PS/PSD tem vindo a perfilar a peregrina ideia da existência de excedentes na Administração Pública.

Por isso, não contente com o desenfreado aumento de preços e a imposição de baixos aumentos salariais, o Governo vem aprovando, à revelia dos sindicatos, um conjunto de legislação que conduz, se for aplicado, ao despedimento de milhares de trabalhadores na Administração Central e Local.

Pacote Almeida Santos

Na verdade, por força designadamente do Decreto-Lei n.º 41/84, é iminente o despedimento de milhares de trabalhadores da Função Pública que, não obstante exercerem funções que correspondem a necessidades permanentes dos serviços, não se encontrem integrados nos quadros de pessoal e não possuam, no mínimo, 3 anos de serviço ininterrupto, a tempo completo e uma subordinação hierárquica. Estes trabalhadores, não podendo ser integrados nos quadros de pessoal nem adquirir a qualidade jurídica de «excedentes», serão forçosamente despedidos.

Por outro lado, os trabalhadores, adidos, incolocáveis na sua maioria, pelo Decreto-Lei n.º 42/84, serão compulsivamente aposentados, sem qualquer bonificação na pensão.

Mas não são só os trabalhadores com vínculos precários e os adidos que o «Pacote Legislativo Almeida Santos» visa na sua sanha de despedimento.

Através de um autêntico «lay-off» para a Função Pública, o Governo, com o Decreto-Lei n.º 43/84 - nova lei de excedentes - poderá levar trabalhadores providos noutros quadros a uma situação de «disponibilidade», criando pelo seu prolongamento no tempo, ou pelo mecanismo de recolocação, condições susceptíveis de levar os trabalhadores à aposentação antecipada ou à própria rescisão do contrato.

Por outro lado, através do pacote legislativo autárquico o Governo, ao impor fortes restrições de despesas com pessoal na administração local, torna-se responsável pelo despedimento de milhares de trabalhadores e que ocorrerá em execução da legislação inscrita neste pacote.

MURPI promoveu concentração no Porto

O Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI) promoveu este fim-de-semana na baixa do Porto uma concentração-manifestação que reuniu centenas de pessoas.

A manifestação, incluída nas comemorações do «dia Mundial do Pensionista», comemorado no sábado, decorreu sob o lema «Reformados têm fome, querem comer, com este Governo não se

pode viver». Dizendo «não» ao aumento das rendas de casa, a «burla» dos preços dos medicamentos e exigindo «pensões dignas e não de miséria», os manifestantes desfilarão pelo centro da cidade até à Praça da Liberdade.

Também em Évora, centenas de reformados daquele distrito manifestaram-se, exigindo a actualização das pensões e das reformas.



ABÍLIO GONÇALVES PEDROSO
Agradecimento

IRENE DE ANDRADE CORREIA PEDROSO, irmãos, sobrinhos e mais família vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam na sua dor e bem assim aos que o acompanharam à sua última morada, não o fazendo pessoalmente por desconhecimento de endereços.

AGÊNCIA RODRIGUES



MANUEL FERREIRA CAETANO SOBRAL

AGRADECIMENTO

Pais e restante família vêm por este meio agradecer a todos quantos tiveram a amabilidade de o acompanhar, à sua última morada, ou que por qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar.



MANUEL FERREIRA CAETANO SOBRAL

AGRADECIMENTO

Pais e restante família de Manuel Ferreira Caetano Sobral vêm por este meio agradecer aos médicos todo o carinho e desvelo que demonstraram para com ele ao longo da sua enfermidade, agradecendo este que se torna extensivo a toda a equipa de enfermeiros que colaboraram com aqueles clínicos.

MORADIAS - PALMELA

5800 contos. Requiridas 7 assoalhadas, salão com lareira, 3 casas banho, garagem e jardim. Vendem-se em acabamentos como se encontram para compradores escolher cores e materiais finais. Telefone 53 96 67

ANDARES S/ENTRADA INICIAL

Podendo habitar já. Em Alverca e Carregado. Programa pagamento a combinar. Reservas pelo telefone 53 96 67

POUPE COMBUSTÍVEL



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

Alfândega do Porto LEILÃO

Para os devidos efeitos se torna público que no próximo dia 17 de Abril, pelas 14 horas, se realiza, no Núcleo de Leilões desta Alfândega, leilão das mercadorias a seguir indicadas:

Para o público em geral

Televisores a cores, a preto e branco, amplificador, colunas de som, rádio-leitor, gravador, gira-discos, cassetes, copos de vidro, máquinas de fazer café, motos, motorizadas, bicicletas a pedal, máquina de tricotar, máquinas de escrever, whisky, mastiques, espingardas de pressão de ar, etc.

Para comerciantes do ramo

Peças de auto, peças de vestuário em malha, tecidos, máquinas fotográficas e acessórios, peças para frigoríficos, motores eléctricos, máquinas para fazer fechos de correr, células fotoeléctricas, peças de máquina, produtos de toucador, brinquedos, plástico em obra, papel, produtos químicos, etc.

Estas mercadorias poderão ser examinadas no Núcleo de Leilões, durante os dias 9, 10, 11, 12 e 13 inclusive, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas.

Os arrematantes serão identificados pelo respectivo bilhete de identidade e quando adquiram mercadorias que se destinem a comércio deverão apresentar o conhecimento comprovativo do pagamento da contribuição industrial do corrente ano e certificado de comerciante emitido pela Direcção-Geral de Coordenação Comercial.

Núcleo de Leilões, 02 de Abril de 1984

A ENCARREGADA,
(Leopoldina Maria da Piedade Trevo de Vasconcelos)

DESPORTO

Uma tremenda vergonha!

Leixões: árbitros barbaramente agredidos e dois espectadores baleados pela GNR

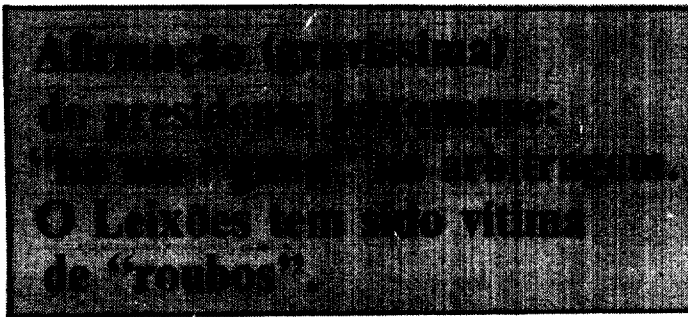
Não há a mais leve ponta de razão ou desculpa, de motivação ou pretexto para a vergonha que ontem ocorreu no Estádio do Mar, quando se jogava o minuto 75 e o Leixões empatava com o Gil Vicente (1-1). Os adeptos do clube da casa alegam que «uma grande penalidade foi escamoteada à nossa equipa e isso foi a gota de água que fez transbordar o copo».

A verdade é que o Leixões procurava a todo o transe (apesar de reduzido a 10 unidades, por expulsão de Mário Alberto, aos 73 minutos vencer a Gil Vicente, quando a forte oposição do Gil Vicente, quando aconteceu o derrube de Zé Fernandes dentro da área gileta.

Mas o árbitro Santos Ruivo entendeu que a jogada fora legal. O público, que já vinha «fervendo» há muito tempo (três leixoienses viram o cartão amarelo logo no início da partida: Mário Alberto, Quim e Fernando Jorge), não se conteve e das ameaças passou aos actos. Em breves segundos, uma pequena multidão invadia o rectângulo de jogo.

Os primeiros a arrancarem na direcção dos balneários foram os responsáveis do Gil Vicente, logo seguidos pelo trio de arbitragem, este protegido pelos directores leixoienses e pelo técnico José Rachão. A multidão (irada) avançou para os balneários que, depois de apedrejados, foram arrombados, apesar da reduzida protecção da GNR, cujos efectivos eram manifestamente insuficientes para controlar a situação.

Em breves instantes, Santos Ruivo e os seus auxiliares (João Gralha e António Cabeleira) ficaram nas mãos de toda aquela gente, de cabeça coberta, de nada adiantando a protecção que o técnico leixoiense José Rachão quis dar até ao fim, ao trio de arbitragem. Tal como este, Rachão acabou por sofrer na pele os efeitos da ira popular e por receber tratamento no Hospital de Matosinhos, para onde o trio de arbitragem foi conduzido numa ambulância dos bombeiros locais. De acordo com a informação médica obtida no Serviço de Urgência, Santos Ruivo, o árbitro de Santarém escalado para dirigir este encontro de má memória, sofreu «ferida corto-contusa na região occipital (que teve de ser suturada com 5 pontos), ferida corto-contusa no punho direito, escoriações na coxa direita e contusão na grade costal e região lombar. Por seu turno, António Cabeleira, que sangrava abundantemente, sofreu ferida corto-contusa no couro cabe-



ludo (suturada com 9 pontos) ferida corto-contusa na região occipital (suturada com mais 6 pontos), vergões e hematomas na região lombar. Quanto a João Gralha, ficou com os ossos do nariz fracturados e sofreu também escoriações diversas pelo corpo. Os elementos da arbitragem foram sempre acompanhados pelo médico do Leixões (dr. João Franco) e por Rachão que, mesmo depois de tratado, não arredou pé do hospital matosinhense.

Entretanto, no Estádio do Mar, para onde haviam sido pedidos reforços, a GNR atingiu a tiro dois dos adeptos leixoienses, numa altura em que eram desenvolvidos esforços para que a multidão dispersasse. Foram eles: Albino Fernandes de Jesus Botelho, (de 20 anos, residente na Rua da Benfoga, 93, na Senhora da Hora, Matosinhos), e António Fernandes, de Jesus Freitas, (de 27 anos, serralleiro, residente na mesma artéria, no n.º 103). O primeiro tinha uma bala alojada no fémur e o segundo num braço. Depois de assistidos no Hospital de S. João, puderam ambos regressar a casa.

No Hospital de Matosinhos, enquanto aguardava que o trio de arbitragem tivesse alta (o que aconteceu já ao princípio da noite), o presidente leixoiense (Ricardo Peixinho) disse aos jornalistas: «Está provado que há um «gang» na arbitragem

e, o que é mais grave, com o conhecimento dos membros do Conselho Nacional, como Pinto de Sousa. Aliás, na passada 2.ª feira, tive o cuidado de lhe enviar um «telex» onde chamava à atenção para a nomeação dos árbitros nesta fase final do campeonato, visto que nos últimos jogos fora, o Leixões tem sido sistematicamente violentado, como sucedeu por exemplo, na Lixa e, sobretudo, em Chaves, na jornada anterior».

Ricardo Peixinho não deixou, no entanto, de reconhecer que «é lamentável tudo o que se passou. Ninguém mais do que o presidente do Leixões lamenta o que sucedeu no «Estádio do Mar». Acontece, porém, que a massa associativa do Leixões, que acompanha a equipa para todo o lado, já há muito que vinha manifestando o seu desagrado pelos 'roubos' de que a equipa tem sido vítima».

Visivelmente combalido, Santos Ruivo não falou, mas os seus auxiliares foram dizendo: «arbitragem, nunca mais! Julgámos que não saíamos vivos dos balneários...»

Uma vergonha, tudo quanto se passou ontem, à tarde, no estádio matosinhense. As cenas de violência de que foram protagonistas péssimos desportistas de bancada e que deixaram marcas bem visíveis no trio de arbitragem não podem ficar impunes, se bem que, nestas circunstâncias, quem vai sentar-se no banco dos réus é o Leixões, visto que aos algozes ninguém os conseguiu deter.

Estranha-se profundamente, que o programa televisivo denominado «Domingo Desportivo» não se tenha preocupado em noticiar minimamente o mais triste dos casos ocorridos em toda a jornada futebolística, para deambular em torno de acontecimentos que não valem um centavo do espectador pagante. Uma vez mais, o sector da RTP encarregado de preencher o «Domingo Desportivo» não cumpriu a sua missão: tanto mais grave por (deliberada ou preconcebida) ter omitido a gravidade dos factos ocorridos numa zona populacional que desejava, no pequeno écran, ser esclarecida e bem informada.

A RTP (leia-se pelo menos «Domingo Desportivo») é uma negra imagem da Informação vinculada ao Lumiar, e que cada vez mais degrada os rostos da sua marca.

Nacional de futebol

Auto-golos e «penalties»: a ementa da jornada

A luta pelo título e pela entrada na Europa, mantém-se, cumprida a 25.ª jornada do campeonato nacional de futebol.

O comandante (Benfica) venceu por escasso 1-0 no Estádio da Luz o Boavista, depois de (sábado) o FC Porto ter goleado por 8-1 o Penafiel, nas Antas, com tentos de Gomes (4), Costa (2), Jaime Magalhães, Jacques e um autogolo de Lima Pereira. Por isso os primeiros continuaram separados por dois pontos. Apesar de derrotado em Vila do Conde (0-1), o Sporting manteve o 3.º lugar. Na luta pelo 4.º posto e pelo direito provável a participar na «Taça UEFA», Braga e Vitória de Setúbal mantiveram esperanças, ao vencerem em casa (respectivamente) o Salgueiros (3-1) e o Portimonense (2-0). Entre os últimos, houve surpresa em Agueda, onde o «lanterna vermelha» (Sporting de Espinho), venceu por 1-0, em autogolo de Simão. O Estoril não foi além de uma igualdade (1-1, em casa, frente ao Vitória de Guimarães), passando a antepenúltimo, graças à derrota do Salgueiros, agora penúltimo. O Farense, em situação cada vez

mais difícil, empatou (igualmente em casa) com o Varzim, (1-1).

Na Luz o Benfica pressionou, mas o guarda-redes jugoslavo Borota fez excelente exibição nas redes do Boavista, pelo que os comandantes do campeonato apenas marcaram uma vez, na 1.ª parte, pelo dinamamarquês Manniche, depois de Nené ter falhado uma grande penalidade.

O Sporting foi claramente superiorizado pelo Rio Ave, que venceu com um tento de Nhabela.

Em Braga, a equipa local venceu por 3-1 o Salgueiros (em risco de despromoção) mantendo o 4.º lugar da tabela. Os golos foram apontados por Jorge Gomes e Fontes (na 1.ª parte). Na 2.ª António Manuel reduziu para 1-2 e João Cardoso (de grande penalidade), fixou o resultado em 3-1.

No Bonfim, o Setúbal venceu por 2-0 o Portimonense: golos de Vitinha e João Cabral no período inicial.

No Estoril, Amílcar fez autogolo para o Vitória de Guimarães e, na 2.ª parte, Tião igualou, de grande penalidade. Foi o 7.º empate em casa da aflita equipa da Costa do

Sol.

Em Faro, um clube igualmente em apuros empatou com o Varzim, (também de grande penalidade) pelo estreante Júlio César, depois de estar a perder, através de um gol de Manuelzinho.

História

Para a história, eis os resultados da ronda: Sp. Farense - Varzim, 1-1; Estoril - Vit. Guimarães, 1-1; Benfica - Boavista, 1-0; Rio Ave - Sporting, 1-0; Sp. Braga - Salgueiros, 3-1; Vit. Setúbal - Portimonense, 2-0; Rec. Agueda - Sp. Espinho, 0-1 e FC Porto - Penafiel, 8-1.

Marcadores

Nené mantém o comando dos melhores marcadores do campeonato de futebol da 1.ª divisão. Porém, o dianteiro do Benfica não marcou, no Estádio da Luz, frente ao Boavista, enquanto o «bota de ouro», o portista Gomes, fazia quatro golos (sábado) nas Antas, ao Penafiel. A lista dos melhores marcadores é agora a seguinte: 1. Nené (Benfica), 19 golos; 2. Gomes (FC Porto) 17; 3. Jordão (Sporting

Diamantino (Benfica), M. Fernandes (Sporting) 14; 6. José Rafael (Sporting), 11; 7. Folha (Varzim) Manniche, (Benfica) Nhabela, (Rio Ave), 10; 10. Jorge Silva (Boavista), 9; 11. César, (Agueda), 8.

Divisão 2.ª

Com a tristíssima nódoa negra que fica pairando sobre Leixões (exigindo pronta, enérgica e duríssima mão justiceira sobre quem quer que esteja na base dos mais que lamentáveis incidentes que vitimaram Santos Ruivo e seus parceiros de equipa) eis os desfechos dos jogos que contaram para a Zona Norte da 2.ª divisão: P. Ferreira - Ac. Viseu, 2-0; Famalicão - Lixa, 4-2; Fafe - Valonguense, 3-0; Vizela - Valdevez, 4-0; Feirense - Sanjoanense, 1-1; Tirsense - Chaves, 0-1; Leixões - G. Vicente, 1-1 (interrompido no segundo tempo devido a invasão de campo) e S. Martinho - Riopele, 0-0. Classificação: 1.º Vizela, 34 pontos; 2.º Chaves, 32; 3.º Leixões, 31; 4.º Sanjoanense, 30; 5.º Famalicão, 29; 6.º P. Ferreira, 27; 7.º Riopele e G. Vicente, 25; 9.º Feirense, 24; 10.º Fafe, 23; 11.º Lixa, 22; 12.º Tirsense, 21; 13.º Valdevez e Valonguense, 20; 15.º Ac. Viseu, 19 e 16.º S. Martinho, 18 pontos.

Zona Centro: Ac. Coimbra - Alcobaça, 2-1; Peniche - Elvas, 2-0; Covilhã - U. Coimbra, 0-0; Naval - Anadia, 1-0; U. Tomar - Beira-Mar, 3-1; Guarda - Torreense, 2-1; R. Maior - Benf. C. Branco, 1-0 e U. Leiria - Caldas, 1-0. Classificação: 1.º Académico, 36 pontos; 2.º Peniche, 32; 3.º U. Coimbra, 30; 4.º Alcobaça e Elvas, 29; 6.º Torreense e Covilhã, 28; 8.º Guarda, 27; 9.º Benf. C. Branco, 24; 10.º Beira-Mar, Caldas e U. Leiria, 22; 13.º U. Tomar, 21; 14.º Anadia e Na-



Cova da Piedade-Marítimo: pontos divididos

val, 17; e 16.º R. Maior, 16 pontos.

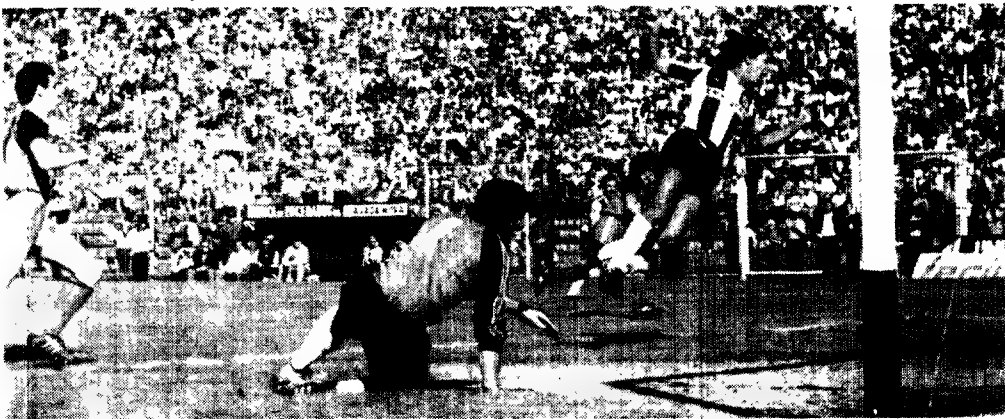
Zona Sul: Belenenses - Nacional, 2-1; Silves - Amora, 4-2; Esp. Lagos - Sesimbra, 1-0; Barirense - Lusitano, 0-0; Sacavenense - Olivais e Moscavide, 2-1; U. Madeira - E. Amadora, 1-1; C. Piedade - Marítimo, 0-0 e Odivelas - Olhanense, 2-1. Classificação: 1.º Belenenses, 37 pontos; 2.º Marítimo, 36; 3.º Nacional, 32; 4.º U. Madeira, 31; 5.º Olhanense e E. Amadora, 27; 7.º Amora, Sesimbra, Barrei-

rense e Odivelas, 23; 11.º C. Piedade, 22; 12.º Lusitano, 15.º Cavadenense e Silves, 20; 15.º Esp. Lagos, 19 e 16.º Olivais e Moscavide, 17 pontos.

Divisão 3

A 3.ª divisão também cumpriu a 25.ª jornada. Resultados da Série A - Monção - Valenciano, 1-2; Mirandela - Freamunde, 1-0; Limianos - Aves, 0-2; Taipas - Mogadourense, 4-1; Prado

Continua na pág. 15



Gomes: quatro golos ao Penafiel, agora também a ficar sem José Eduardo (que pediu rescisão do contrato)

Classificação

	J	V	E	D	G	P
1.º BENFICA	25	21	3	1	74-17	45
2.º FC Porto	25	10	3	2	52-6	43
3.º Sporting	25	16	3	6	49-20	35
4.º Sp. Braga	25	11	7	7	29-26	29
5.º Vit. Setúbal	25	11	6	8	35-23	28
6.º Vit. Guimarães	25	11	3	11	30-35	25
7.º Boavista	25	9	6	10	29-29	24
8.º Varzim	25	7	9	9	25-30	23
9.º Rio Ave	25	9	5	11	26-30	23
10.º Portimonense	25	9	5	11	24-29	23
11.º Penafiel	25	7	5	11	17-49	19
12.º Rec. Agueda	25	7	4	14	22-41	18
13.º Sp. Farense	25	4	10	11	25-41	18
14.º Estoril	25	4	9	12	16-37	17
15.º Salgueiros	25	4	8	13	17-35	16
16.º Sp. Espinho	25	4	6	15	10-31	14

Próxima jornada: Varzim-Penafiel (1-1), Boavista-Sp. Farense (0-0), Salgueiros-Benfica (0-3), Sp. Espinho-Sp. Braga (0-2), Vit. Guimarães-Rec. Agueda (0-3), Sporting-Estoril (0-0), Portimonense-Rio Ave (1-2), Vit. Setúbal-FC Porto (0-1).

DESPORTO

Do nosso enviado especial à Televisão

Boavista contratou meio mundo

Será que a montanha pariu um rato?

Acredito plenamente na palavra de Valentim Loureiro mas (na verdade) houve fumo sem fogo, porque estava toda a gente de olho na TV e, vai daí, Chalana (a isca que o anfitrião dos espectadores pretendia) nem sequer se dignou aparecer. Está ou não de mala feita para o Boavista?

Essa (desculpem a ignorância deste quase macaco de auditório) a grande incógnita da noite de primavera que se finda docemente, encaloradamente. Lá que o maestro Filipovic se tenha já colocado no fio de João Alves e Frederico, estávamos todos cientes a partir do instante em que, fortalecidas as relações com o «luvas negras» quando o centro-campista teve de ir até à Jugoslávia submeter-se à intervenção cirúrgica que, pela Luz, se imaginava produto de pura imaginação. Eriksson, sem sequer ter em conta o brilhante que foi presença na final da «Taça UEFA» à custa do seu sensacional ponta-de-lança perante o Roma, banii Filipovic das melhores cogitações: e o marido da ainda lembrada «Miss Jugoslávia» (logicamente) ficou com o destino traçado. Por seu lado, Padinha (espécie de Pereirinha que também pode ficar em estagnação durante largas folhas do calendário) não fará grande dor de cabeça a quem quer que seja benfiquista: ainda que prometa muito, nem sequer roçou a além mediania. Se passar na rua dele só os mais vizinhos o conhecem.

Por seu lado, a também apregoada mudança de José Rafael para o emblema xadrez,



Mário Wilson (futuro treinador do Boavista), Carlos Quinas (da RTP) e o presidente do clube do Bessa: encontro espalhafatoso com os convidados que mais interessavam

sófre travão: fractura de uma perna, os naturais receios de que possa surgir uma reedição do precalço acontecido com Alberto, tudo claro e perfeito: nem o homem forte do grémio axadrezado iria hoje colocar o cheque em mão do ainda farense, nem o próprio atirador ao golo, honesto e consciente, aceitaria uma situação de lotaria. Mas o Chalana, senhores, esse pequeno genial que o Benfca (pela iniciativa de Ilídio Fulgêncio) foi negociar ao Barreiro, contemplando com uma torrente de notas graúdas o clube do «D. Manuel de Melo», um intermediário no negócio e o próprio pai do artista, pode (efectivamente) já ter colocado assinatura válida em documento de mudança entre os BB, mas essa de não facilitar dar o rosto no pequeno ecrã (e depois de larga publicidade) fica como que problema adiado: nem os benfiquistas acreditam que ele vai mesmo perder

montantes quase fabulosos de prémios por jogo e larga fatia de possibilidades maiores de andar nas altas vivências nem, em hora quase eleitoral, os detractores de Valentim Loureiro vão deixar de sorrir e achincalhá-lo. Evidentemente que a Chalana (como a qualquer outro profissional do futebol português) é permitido, até no primeiro dia de uma época de trabalho, assinar o compromisso para a próxima, outro para daí a dois ou três anos, quem sabe se um quarto contrato para o ano de 1990. No demente e insuflado campo do futebol português, não há qualquer insólito: tudo é natural, ainda que incrível, que perfeitamente adequado ao fim do mundo.

Mas, meu caro Valentim Loureiro, não gostei da explicação que deu em «Domingo Desportivo»: Chalana envergonha-se de procurar melhor rumo para a sua carreira? Ainda hesita sobre a escada a tre-

par? Teme uma reacção benfiquista que não fez tremer João Alves na hora da grande decisão?

É aí que está o meu pé atrás. Alves, senhor de corpo inteiro, convocou toda a generalidade dos órgãos de Comunicação Social para assistir à assinatura do seu contrato com o Boavista, e apenas quando estava livre para voar como um pássaro. Fernando Albino de Sousa Chalana, o menino-homem nascido a 10 de Fevereiro de 1959, termina a presente ligação com o Benfica a 31 de Julho e, naturalmente, a 1 de Agosto irá apresentar-se na sua nova oficina, perante uma entidade patronal que pode garantir-lhe futuro à altura do seu sonho. O que dá para cismar é não ter tido a coragem, há poucas horas, de oferecer a cara e corroborar uma razão. Afinal, jogador que é mestre em fintar sobre o relvado, terá (também) de serpentear na roda da vida?

Uma incógnita: que, desta vez, nem sequer teve outro testemunho que o solitário representante da TV e os jornalistas dos órgãos de Comunicação Social que o ilustre major Loureiro entendeu que valia a pena convidar. Talvez porque ninguém mais se prestasse a fazer mera figuração (ou triste colaboração) num espectáculo mal encenado e sem apoteose. Mas que, no fim de contas, foi utilíssimo: a partir de agora o presidente boavisteiro sabe com quem pode contar. E todos nós (os papalvos do outro lado da TV) passamos igualmente a conhecer melhor o senhor major Valentim Loureiro.

Neves de Sousa



Antes: a RTP muito mal vista

Valentim Loureiro, na RTP: 'já contratei Chalana'

Valentim Loureiro, presidente do Boavista, afirmou ontem, perante as câmaras da RTP: Chalana, Filipovic e Padinha (Benfica) e o farense José Rafael, são jogadores do Boavista a partir de 1 de Agosto e todos por duas épocas. O próximo treinador da minha equipa é Mário Wilson.

Daí a pouco, mostrando-se profundamente conhecedor dos bastidores do Sporting, garantiu:

— O Sporting também está a fazer investimentos na equipa e dentro de dias haverá grandes revelações, em Alvalade.

O chefe do executivo axadrezado prometera que os jogadores contratados pelo Boavista estariam também na televisiva reunião: afinal nenhum deles compareceu. Não tive, am a coragem de vir — disse Valentim Loureiro acrescentando: espe-

cialmente Chalana sofreu muitas pressões depois do jogo com o Boavista.

Chalana (de 25 anos) tem 20 internacionalizações pela selecção principal portuguesa e alinha no Benfica desde a época de 1974/75, onde começou como júnior, vindo do Barrense. Neste escalão etário, foi 12 vezes «internacional» e jogou ainda três vezes na selecção de «esperanças». O jugoslavo Filipovic (31 anos) foi contratado pelo Benfica na época de 1981/82, transferido do Bruges (da Bélgica). Padinha (21 anos) foi do Alhandra para o Benfica na época de 1978/79, ascendendo mais tarde à equipa principal, onde tem tido uma presença irregular, devido a lesões. Foi «internacional» três vezes na equipa de «esperanças» sete na de juniores e outras tantas na de juvenis.



Nenê: o «penalty» falhado

Benfica, 1 — Boavista, 0

Vitorino: peixe sem bola enfia-se pela rede

Especial curiosidade rodeava o embate na Luz. Estavam, em trincheiras diferentes, jogando cristas, responsáveis directos por duas das mais prestigiadas colectividades portuguesas.

Distribuíram-se panfletos com insultos. Agrediu-se (verbalmente) gente honrada. E meia plateia esperava que, no relvado, se vivesse uma luta quase feroz.

Felizmente que nunca isso aconteceu: antes (e pelo contrário) teve lugar um duelo correcto e bonito, entre um Benfca que só não chegou à goleada porque Nenê falhou dois tentos mais que possíveis (uma grande penalidade que esbarrou num poste e uma magnífica cabeça que foi travada «in extremis» pelo guarda-redes contrário) para além de um punhado de momentos em que Borota e colegas de cortina (especialmente Adão e Frederico) varreram o perigo da sua portaria.

Onde o público jogou certo foi em Alves: o luvas negras caprichou em (perante a antiga entidade patronal) mostrar toda a vasta gama dos seus elevados recursos técnicos e, acompanhado por Almeida e Coelho, evitou que o golo de Manniche fosse somente uma conta de longo rosário, ainda que o Boavista tenha (desde o primeiro silvo arbitral) mostrado falta de ambição e demasiado receio de ver as suas malhas violadas.

E, o curioso é que dispôs de um lance que parecia condenado a fazer o nulo: Coelho «enrolou» Bastos Lopes, fez um centro milimétrico para

que Vitorino pudesse assinar o mais tranquilo golo da sua carreira e (ninguém mais esquecerá o monumental falhanço do n.º 10 do Bessa) eis que a bola vai parar à bancada e quem se aninha nas redes de Bento é o próprio Vitorino, como um peixe enredado na fatalidade!

Verdade se diga que Borota não merecia a derrota: mas foi ele o protagonista da falha grande do jovem juiz algarvio Francisco Silva, quando saiu fora da sua zona de domínio, mergulhou para a bola e desviou com a mão o esférico pela linha de cabeceira sem que o árbitro lhe mostrasse o obrigatório cartão amarelo e ordenasse o competente pontapé livre. Foi o erro que maculou o trabalho de Francisco Silva, indesculpável porque o competente juiz estava a meia dúzia de metros e viu perfeitamente que o guardião boavisteiro tinha tocado na bola com as mãos: e, meu caro Francisco Silva, as tais 17 leis que você conhece como poucos, não conhecem filhos ou enteados.

Para além das citações a Borota, Alves e colegas para 20 valores, igualmente nota destacada para Chalana e Alvaro, Carlos Manuel e Pietra, Shéu e Manniche. Benfiquistas que se limitaram ao essencial para ultrapassar um Boavista quebrado no ânimo por uma renúncia inexplicável à progressão atacante, que até esteve facilitada quando os rubros se atiraram para a frente e permitiram aquele minuto em que Vitorino entrou na história da gargalhada.

Neves de Sousa

Arbitragem, que esteve a um pequeno passo de ser impecável, de Francisco Silva (Faro) e dos fiscais Martins Gravanita e Alexandre Afonso.

Benfica: Bento; Pietra (Veloso, aos 38 minutos), António Bastos Lopes e Alvaro; Shéu; José Luís, Carlos Manuel, Stromberg e Chalana; Nenê (Diamantino, 75) e Manniche.

Boavista: Borota; Quiró, Frederico, Adão e Nelinho; Almeida, Alves, Carlinhos e Palhares (Zoran, 70); Vitorino (Jorge Silva, 75) e Coelho.

Golo por Manniche, aos 33 minutos. Cartão amarelo a Quiró, Alves e Borota.

Placard

Manuel Oliveira vence a maratona nacional

Manuel Oliveira (do Académico da Régua) venceu a 51.ª edição da maratona nacional, corrida em Almeirim.

Oliveira percorreu os 42,195 quilómetros em duas horas, 17 minutos, 20 segundos, a 6.ª melhor marca nacional nesta prova.

Entretanto, Conceição Ferreira (Sporting de Braga) que se estreou na maratona, ganhou a prova feminina, em 2.44.46, e conseguiu os mínimos olímpicos

para Los Angeles.

Na prova masculina, Albino Vieira (Faro) e Manuel Leite (Salgueiros) foram respectivamente, 2.º e 3.º classificados.

Mamede ganha em Itália

Fernando Mamede, (Sporting) triunfou no Cross Internacional de Lozzo Cadore, que se disputou perto de Belluno, (Itália) nos Dolomitas.

Mamede percorreu a distância de 9600 metros em 25 m 49 seg. Batendo o britânico Roger Hackenij e o austríaco Cerhart Hart-

mann.

Marcha atlética

José Pinto (Belenenses) classificou-se em 2.º lugar no Grande Prémio de Marcha Atlética da cidade de Hospitalet, perto de Barcelona. A prova, na distância de 20 quilómetros, foi ganha pelo espanhol Josep Marin (vice-campeão do Mundo), que gastou 1 hora 25 minutos e 17 segundos, menos um minuto e dez segundos que o campeão português.

Aurora Cunha: recorde

Aurora Cunha (FC Porto) bateu o máximo nacional dos 2000 metros, correndo a distância em 5 minutos e 54 segundos.

Nossa ginástica

Maria João Falcão classificou-se em 15.º lugar no torneio internacional da Primavera, em ginástica artística, concluindo na cidade polaca de Poznan. Outra ginasta portuguesa, Cristina Lebre, foi 25.ª na classificação das provas combinadas. O torneio foi ganho pela

soviética Galina Byeloglazova, que venceu em todas as disciplinas do torneio.

Xadrez: Mundial feminino

A soviética Lidia Semionova conquistou o direito de discutir o título mundial feminino de xadrez com a sua compatriota Maia Tchiburdanidze. Semionova ganhou a 12.ª partida da final do torneio de candidatas, que disputou com a também soviética Irina Levitina, vencendo o «match» por 7-5.

Raguebi: nós na Europa

Portugal venceu (em Copé-nhaga) a Dinamarca, por 40-3, em jogo a contar para o grupo B do campeonato europeu de raguebi. Ao intervalo, a selecção portuguesa vencia por 18-3. A classificação actual é a seguinte:

	J	V	E	D	P
1. Portugal	4	3	1	—	11
2. Espanha	3	2	1	—	8
3. Bélgica	4	1	1	2	7
Holanda	4	1	1	2	7
5. Dinamarca	3	—	—	3	3

Esta sessão tem o alto patrocínio da Embaixada da R.P.D. Coreia.

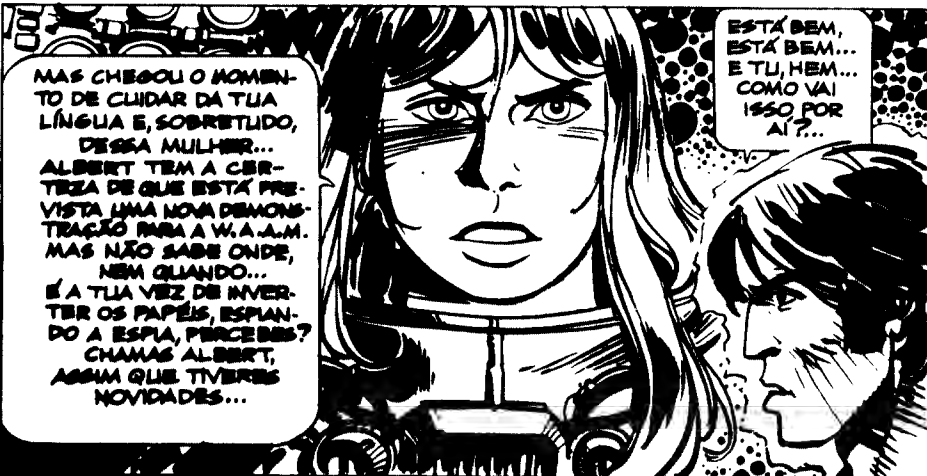
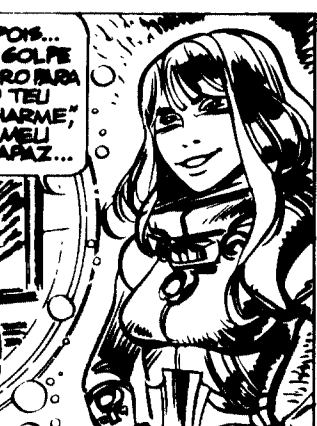
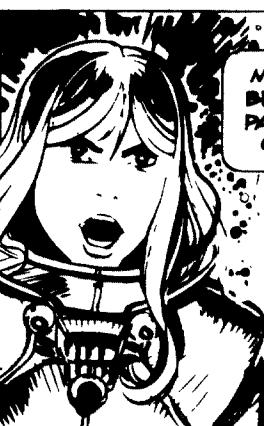
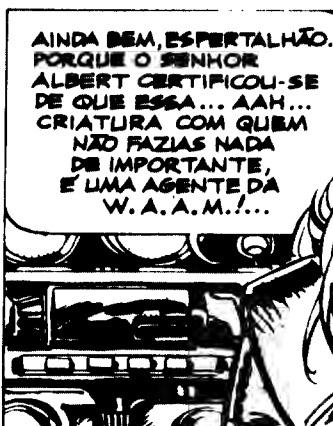
Uma aventura de Valerian... e Laureline

BROOKLYN STATION. TERMINUS COSMOS

Mezieres

Christin

4



Copyright Dargaud/Meribérica

CONTINUA

Grande Prémio da África do Sul

Terceira vitória para Nikki Lauda

Nikki Lauda, em McLaren Porsche, venceu pela terceira vez o Grande Prémio da África do Sul, obtendo assim o vigésimo triunfo da sua carreira.

Os treinos, todavia, haviam dado as duas primeiras posições na grelha de partida ao brasileiro Nelson Piquet, em Brabham BMW e a Keke Rosberg, em Williams Honda. Lauda, com o oitavo tempo, partiu apenas na quarta fila.

O austríaco só comandou a corrida a partir da vigésima segunda volta. A sua luta travou-se essencialmente com Nelson Piquet mas, na vigésima segunda volta o brasileiro entrou nas boxes para mudar pneus. Nove voltas depois, Piquet desistia por avaria mecânica.

A classificação geral final foi a seguinte:

1.º, Nikki Lauda, Áustria, McLaren Porsche, 1 h 29 m 23,430 s; 2.º, Alain Prost, França, McLaren Porsche, a 1 m 5,950 s; 3.º, Derek Warwick, Inglaterra, Renault, a uma volta; 4.º, Ricardo Patrese, Itália, Alfa Romeo, a duas voltas; 5.º, Andrea de

Cesaris, Itália, Ligier Renault, a duas voltas; 6.º, Ayrton Senna da Silva, Brasil, Toleman Hart, a três voltas; 7.º, Elio de Angelis, Itália, Lotus Renault, a quatro voltas; 8.º, Mauro Baldi, Itália, Spirit Hart, a quatro voltas; 9.º, Marc Surer, Suíça, Arrows Ford, a quatro voltas; François Hesnault, Ligier Renault, a quatro voltas; 11.º, Martin Brundle, Inglaterra, Tyrrell Ford, a quatro voltas; 12.º, Michele Alboreto, Itália, Ferrari, a cinco voltas; 13.º, Thierry Boutssem, Bélgica, Arrows Ford, a cinco voltas.

Classificação do Mundial de Condutores

1.º, Alain Prost, França, 15 pontos; 2.º, Nikki Lauda, Áustria, 9; 3.º, Keke Rosberg, Finlândia, 6; 4.º, Elio de Angelis, Itália, 4; 5.º, Derek Warwick, Inglaterra, 4; 6.º, Eddie Cheever, EUA, 3; 7.º, Ricardo Patrese, Itália, 3; 8.º, Martin Brundle, Inglaterra, 2; 9.º, Andrea de Cesaris, Itália, 2; 10.º, Patrick Tambay, França; Ayrton Senna da Silva, Brasil, 1.



Classificação do Mundial de Construtores

1.º, McLaren, 24 pontos; 2.º, Williams, 6; 3.º, Alfa Romeo, 6; 4.º, Renault, 5; 5.º, Lotus, 4; 6.º, Tyrrell, 2; 7.º, Ligier, 2; 8.º, Toleman, 1.

A próxima prova do campeonato é o Grande Prémio da Bélgica e disputa-se em 29 de Abril.

Professores do Conservatório não recebem há quatro meses

Os professores das Escolas Superiores de Música, de Dança e de Teatro e Cinema do Conservatório Nacional encontram-se há quatro meses sem receberem salários. Com efeito, e segundo nos disse um docente do Conservatório, o último salário que receberam foi o de Dezembro. De então para cá têm-se multiplicado os ordens e contra-ordens de pagamento. Em contacto com a Direcção-Geral do Ensino Superior, da qual dependem as escolas atrás referidas, foi-lhes, entretanto, assegurado que no primeiro dia útil de Abril seriam postos a pagamento os respectivos vencimentos, existindo para o efeito uma verba cativa.

No entanto, na passada sexta-feira, e ainda sem salários, docentes do Conservatório contactaram a 10.ª Repartição de Contabilidade Pública do Ministério das Finanças, onde se deveriam efectuar os pagamentos. A resposta que lhes foi dada é que a ordem para que estes se efectivassem tinha sido extraviada. Informado do facto, o secretário de Estado do Ensino Superior afirmou ir proceder a uma investigação.

Para alguns dos professores, esta situação poderá ter na sua origem a intenção de encerrar as escolas referidas e suspender o ensino nelas ministrado até ser efectuada uma reforma geral do ensino artístico, iniciada com um decreto conjunto dos Ministérios das Finanças e do Plano, de Educação e da Reforma Administrativa, datado de 1 de Julho de 1983.

Esta primeira reestruturação aponta para a extinção do Conservatório Nacional e a criação de escolas secundárias de Música e Dança e escolas superiores, no âmbito do ensino politécnico, de Música, Dança, Teatro e Cinema.

Desemprego entre as preocupações da JS

Em comunicado, ontem divulgado em conferência de Imprensa, o Secretariado Nacional da Juventude Socialista afirma «constatar com preocupação o aumento de desemprego e de jovens à procura do primeiro-emprego, a falta de saídas profissionais, a falta de uma política educacional de âmbito estrutural, as dificuldades dos jovens no acesso à habitação».

O facto dos socialistas estarem hoje no poder, num governo de coligação significa, para a JS, a necessidade de «assumir uma posição construtiva procurando apresentar propostas concretas que contribuam para o abrir de perspectivas de futuro para a juventude».

Neste sentido, a Juventude Socialista divulgou ontem propostas no âmbito de uma política de juventude, entre as quais se destacam as relacionadas com o combate ao desemprego juvenil. A redução progressiva do horário de trabalho, como forma de possibilitar a abertura de novos postos de trabalho; a atribuição de subsídio de desemprego aos jovens à procura do primeiro emprego; a restrição na aplicação de contratos a prazo e a manutenção da actual legislação de trabalho em matéria de despedimentos são algumas medidas apontadas neste âmbito pela JS.

Os jovens socialistas defendem também a «aprovação de uma lei-quadro do sistema de educação, a concretização legal da autonomia universitária e a abertura efectiva do ensino aos trabalhadores-estudantes, com a implementação de horários nocturnos e pós-laborais».

No que respeita à habitação, a JS defende, entre outras questões, «a concessão de empréstimos com juros bonificados aos jovens que tenham adquirido casa própria».

Esta tarde n' "O Camarim"

Debate sobre a situação do cinema em Portugal

«A situação do cinema em Portugal» é o tema para o debate que esta tarde, pelas 18 horas, se vai realizar no bar-restaurante «O Camarim», em Lisboa. Participam Jorge Leitão Ramos, crítico do «Diário de Lisboa», Salvado Teles Meneses («o diário») e Eduardo Gueda («A Capital»).

A noite, com início às 23 horas, Adelaide João estará n' «O Camarim» para interpretar «Maria Parda».

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

A vitória da poesia, os pontos de vista bem vistos e o folhetim de Chalana que continua...

Mentia se lhes dissesse que esperava o novo programa de Mário Viegas sem nenhuma preocupação. Não estava em causa a certeza da qualidade desse grande artista que ele é. Nem a certeza da qualidade da poesia escolhida. Havia, isto sim o medo de que um programa «só» de poesia pudesse não poder vencer o preconceito anticultural que se instalou na audiência. Esta, quando ouve falar de cultura, puxa logo, perdão!, carrega logo no botão.

Recordam-se muitos ainda com saudade dos programas de João Villaret. Eram engenhosos programas enriquecidos pela imaginação e sabedoria de dois grandes nomes: o outro é o de Francisco Mata. Não havia apenas poesia: havia um embelecado de versos, de memórias, de histórias e historietas, quantas vezes um sorriso no trapézio de uma lágrima, quantas vezes uma lágrima nas asas de um sorriso.

Sempre pensei que seria esse o melhor esquema para uma televisão com esta audiência. Temia, ao mesmo tempo, que a receita, em nova aplicação, não resultasse. Todos os fracassos, em TV, se pagam caro.

Afinal, Mário Viegas escolheu talvez o caminho mais difícil: jogar exclusivamente no território da poesia. O resultado excedeu tudo o que poderíamos esperar. Foi uma grande vitória para Mário Viegas, foi uma grande vitória para a poesia.

O êxito assentou muito na escolha dos poemas e na situação que se lhes deu ao longo do programa, com mudanças de «plano de jogo» para evitar a monotonia possível.

É de crer, e é aconselhável, que Mário Viegas vá prescindir de tenções didáticas ou eruditas. Igualmente me parece útil a lembrança afluente que, tantas vezes, humaniza uma figura e ajuda a «compreensão» de um poema. Sem imitar Villaret, claro, mas aproveitando-lhe a lição. Na realidade, todos somos oficinas uns dos outros.

Desculpem, se volto novamente a falar de Villaret. Apenas para dizer que, tantos anos após a sua morte, o vazio que deixou começa finalmente a desaparecer. Quando o nevoeiro que cobre a cidade se levanta, a luz que rompe tem o clamor de uma aléluia.

Ser pobre, ser rico...

Pontos de Vista, sabemos-lo agora, não é uma rubrica feminina, feminista se quiserem, não é de qualquer modo uma revista dedicada às questões, à situação, aos problemas íntimos da mulher para usarmos uma expressão desodorizante. Não se ficará, como diz esse impagável Odorico do Bem-Amado, pelos **particulares**, mas pelos **gerais**.

O «geralmente» de sábado abraçou o desporto, mais propriamente o atletismo. Acentuou-se, como aqui se disse na primeira crónica, o carácter mais visual, mais di-

nâmico, mais mexido do que o programa precedente. Foi muito bom estarmos com Armando Aldegalega (que soube ultrapassar os aspectos de vedetismo, para realçar o valor humano, educativo e social do atletismo), com Romeu Correia, uma fonte constante de sabedoria, de experiência e de arte de contar, com o dr. Paula Brito e Carlos Pinhão, perfeito mano-a-mano da ciência e desse humor que visa poesia ou dessa poesia que se veste de humor. Clara Junqueiro, longe da pressão da plateia, soube encontrar o tom coloquial, bem ser familiar, que a linguagem de TV exige. Igualmente as presenças de Manuel Dias, Carlos Lopes e Rita Borralho trouxeram vários ângulos de interesse.

Estão a ver? Aqui está um programa tecnicamente «pobre» que merece um horário mais rico. Em verdade vos digo: mais vale quem muito dá, do que quem muito tem.

«Continua nos próximos episódios»

«Marco Polo», a produção de luxo, continua a dourar as noites de domingo. «Tudo em família» continua a encerrar as noites de domingo com a sua caricatura aos folhetins americanos ou se calhar, ele próprio, como um genuíno folhetim americano...

Entre nós, os folhetins proliferam. É a entrada do país para a CEE, é a saída da CEE não se sabe para onde; é a filosofia económica do governo português com o incre-

mento da austeridade, com a promessa de reduzir a austeridade, com a possibilidade do aumento da inflação, com a esperança de que a inflação diminua este ano; quanto ao desespero há quem diga que ele não aumentará muito mais, há quem despenda a liberalização dos despedimentos. Enfim, não se compreende que a RTP importe uma caricatura aos folhetins, quando possui, cá, tanta matéria-prima. E ainda não falei nos folhetins internos da RTP, que já conduziram o **Telejornal** aquilo que poderá ser o plano mais baixo da qualidade jornalística. Aquilo mais parece um jornal de parede dos meninos do Círculo.

Também não falei do folhetim do Chalana vai, Chalana não vai para o Boavista. Ontem em Domingo Desportivo, o país ficou suspenso da promessa de um **directo** em que o próprio Chalana estaria presente, ao lado de Valentim Loureiro, cantado como líder por Mário Wilson.

Tudo assumiu aspectos da técnica do vendedor da banha de cobra, que mantém viva a expectativa do público pelo crocodilo que estará dentro de uma caixa, sabendo-se de antemão que lá não está nenhum crocodilo. Loureiro, que já conhecia ter sido Chalana fortemente pressionado para não comparecer, acabou por admitir que Chalana poderá voltar atrás...

Quer dizer: o «folhetim» continua. Mais «soap» do que os americanos. Os alunos a ultrapassar os mestres...

comunicação social

Qualidade alimentar

Imprensa Regional vai contribuir para melhorar

A Comissão de Apoio à Imprensa Regional (CAIR), em reunião recente, tomou conhecimento do interesse do Instituto de Qualidade Alimentar em obter a colaboração da Comissão para uma melhoria de informação através da Imprensa Regional, que venha a

ajudar a resolver «a falta de conhecimentos gerais sobre alimentação e qualidade alimentar por parte de todos os intervenientes na cadeia alimentar, isto é, produtores, industriais, comer-

ciantes e consumidores.

Pois bem: a CAIR resolveu colaborar nesta iniciativa, pelo interesse que o assunto merece para o público em geral.

Assim, a CAIR resolveu ainda desenvolver contactos junto do Ministério do Mar e do Ministério do Comércio e Turismo no sentido de serem implementadas campanhas de orientação de consumos através da Imprensa Regional e de produção junto do Ministério da Agricultura.

Relativamente aos equipamentos gráficos sobranceiros de reconversão tecnológica das empresas públicas da comunicação social, a CAIR resolveu sugerir à DGCS que assegure uma forma de distribuição equitativa pelos jornais regionais interessados, semelhante à que foi oportunamente proposta pela CAIR em relação ao equipamento gráfico da empresa «O Século».

Foi resolvido, ainda, insistir junto dos CTT para que, com urgência, encontrem solução para o

facto de os actuais preços praticados pelos CTT nas comunicações por «telex» serem incompatíveis com o desenvolvimento da colaboração indispensável entre as agências noticiosas nacionais e a Imprensa Regional.

«Diário da República»

Vem hoje inserto no «Diário da República» (I Série), o Decreto-Lei 117/84, emanado da Presidência do Conselho de Ministros, revogando o n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei 645/76, de 30 de Julho, por forma a que os preços de venda ao público, as tabelas de publicidade e as margens de comercialização das publicações periódicas editadas por empresas do sector público da Comunicação Social passem a ser de livre fixação pelas mesmas empresas, à semelhança do que já acontece com as empresas privadas do mesmo sector.

Acentua-se no decreto que ora entra em vigor, que ficam assim às empresas públicas e intervenções do sector da Comunicação Social dependentes da tutela em decisões que devem ser livres e consensualmente assumidas por todas as partes interessadas, em ordem a assegurar o exercício de uma sã concorrência entre empresas públicas e privadas.

Antena 1 (hoje e amanhã)

Arlindo Vicente, cancro, o adolescente...

Esta noite, às 21 horas, a RDP, através da Antena-1, emite um programa intitulado «25 de Abril - O tempo antes», evocando a figura de Arlindo Vicente.

Segue-se, meia hora depois, a emissão «Noites de luar»: semana cultural do ISPA, entrevista com Luís Figueiredo Tomé, do Graal; «A moda das sondagens», de Hélder Pereira; e «A música da face oculta da luta», de Ricardo Saló.

Amanhã, dia 10, destacamos

alguns programas de interesse: Das 10 às 12 horas, «Os quês e os porquês» (a problemática do ambiente pressentida de maneira notável por Eça de Queiroz); das 12 e 30 às 13, «Meia de música», (crítica discográfica a cargo do jornalista José Pacheco); das 14 às 16 horas, «De mãos dadas - a mulher e a vida». Destacam-se, neste programa, as seguintes rubricas: «O cancro ataca especialmente a mulher?» - depoimento do dr. Gentil Mar-

tins; «O adolescente e o mundo», pela dr.ª Lúcia Luís; e «A mulher e o ciúme», por Maria Belo.

De tarde, «Musicomania» - e a noite o programa «Noites de luar», com rubricas diferentes: «Prontuário da língua portuguesa»; «Lázaro também sonha com o El Dorado», peça em estreia no Porto pelo grupo Cena; e «O revólver do repórter», por Eduardo Guerra Carneiro, numa realização de Aníbal Cabrita.

Hoje

RTP1

A RTP-1 apresenta mais um programa do concurso «Um, Dois, Três» coordenado por Carlos Cruz

- 15.02 Grão a Grão
Inclui: «O Pequeno Lord» (1.º episódio), «D'Artacán e os Três Mosqueteiros», «Dias Felizes» (1.º episódio).
- 16.40 Inventário Musical (1.º programa)
- 17.05 Cem Grandes Quadros
- 17.20 Aventuras de Zé Gato (1.º episódio). «Os ballets de Beirute».
- 18.05 Pare, Escute Olhe (1.º episódio) Horácio «Arte Poética»
- 18.35 Teleregiões
- 19.05 A Balada de Hill Street
- 20.00 Telejornal
- 20.30 O Bem Amado (16.º episódio)
- 21.15 Um, Dois, Três
Um programa coordenado e apresentado por Carlos Cruz
- 23.15 Últimas Notícias

RTP2



Na RTP-2 exibe-se mais um programa da rubrica «Voz»

- 19.32 Notícias
- 19.40 Folclore
O Rancho Folclórico de Zebreira (Gondomar)
- 20.15 Voz
A esquadra de Aviação's
- 20.45 Vasco Granja apresenta
Realizar filmes animados
- 21.15 Jornal da Noite
- 21.45 Gabriela
- 22.20 ... Da Música
«Orquestra de Paris» Sinfonia n.º 41 de Mozart.

Amanhã

RTP1

RTP2

15.02: Grão a Grão; 16.30 Inventário Musical; 17.00 Cem Grandes Quadros; 17.10 Aventuras de Zé Gato; 18.05 Notícias; 18.10 Pare, Escute Olhe; 18.35 Teleregiões; 19.00 Os aporíanos; 19.30 Três Tons; 20.00 Telejornal; 20.30 O Bem Amado; 21.05 Relly, Rei dos Espiões; 22.00 Grande Informação; 23.00 Últimas Notícias.

19.32 Notícias; 19.40 Portugal Romano; 20.05 Adágio; 20.30 D'Hoje Pr' Amanhã; 21.15 Jornal da Noite; 21.45 Gabriela; 22.20 A Balada de Hill Street.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP1

Concurso Um, Dois, Três (21.15)

RTP2

Orquestra de Paris (22.20)

RTP1

21.15 UM, DOIS, TRÊS

Depois de uma aventura pelo Espaço, este concurso «show» dá um salto até à Idade Média. É pois no ambiente desse período, dos mais longos da História, que irá decorrer a quarta sessão de «Um, Dois, Três».

A exemplo das últimas sessões, e para além do cenário guarda-roupa apropriado ao tema-base do programa, ser-nos-ão oferecidos autênticos poemas ilustrados de época, hoje com a participação de actores Armando Cortez, Rui de Carvalho, um grupo de jograis constituído por Fernando Gomes, Cândida Vieira e José Jorge Duarte, um grupo de música medieval dirigido por Pedro Caldeira Cabral e ainda Filipe Gouveia, que apresenta uma rábula.

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus, Carrica 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Exposições

Continua patente ao público nas Galerias do Museu Calouste Gulbenkian uma exposição de desenhos e gravuras de Jacques Callot, constituída por 216 gravuras.

No espaço do Teatro do Nosso Tempo continua patente ao público uma mostra colectiva de pintura, desenho e escultura, com trabalhos de Sally Witcher, João Cafael, João Monsanto, David Vamae André Deleure.

Trabalhos de **Maria Brígida** estão em exposição no Solar do Vinho do Porto, à R.S. Pedro de Alcântara.

Na Galeria Ana Isabel, à R. da Emenda, 111, continua patente ao público uma mostra de pintura de **René Bertholo**.

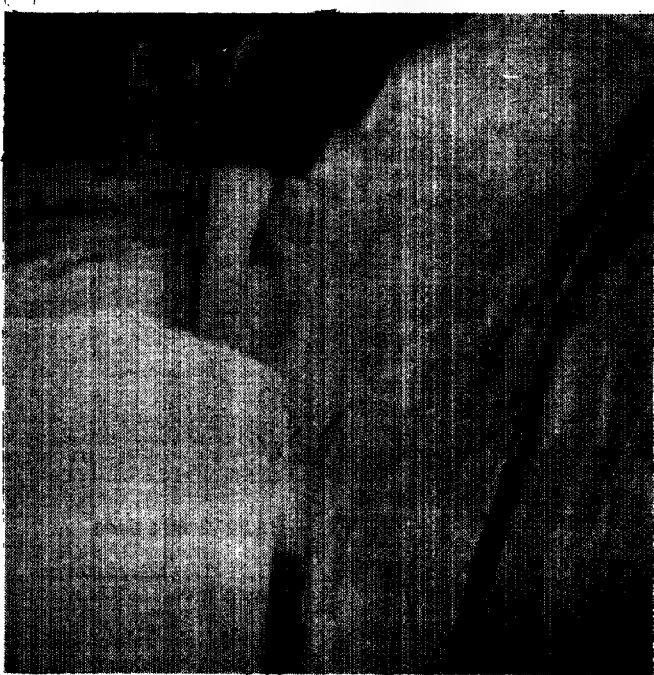
Pintura e desenho de **Margarida Kendall** continua em exposição nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian.

Uma exposição de aquarelas de **Eduardo Lemos** está patente no Centro Europeu de Línguas, à R. Padre Manuel da Nóbrega, ao Areeiro.

Na Galeria «Diário de Notícias», ao largo do Chiado, está patente ao público uma exposição de desenho e gravura, comemorativa do centenário do nascimento de **Luz Ortigão Burnay**.

No espaço do Teatro Ibérico, na Igreja Barroca do Antigo Convento de Xabregas, **Boavida Amaro** expõe collagens. Em paralelo com esta mostra de artes plásticas está também patente ao público uma exposição documental «O Teatro Ibérico - das origens à actualidade».

Na sede da «Alliance Française», à R. Braamcamp, em



Pintura de Francisco Laranjo, em exposição no Módulo, do Porto

Lisboa, continua uma exposição de inéditos de **Carlos Botelho**.

No atrium da Imprensa, à Casa da Imprensa, continua patente ao público uma mostra de cerâmica, gravura, pintura e serigrafia de **Artur José, David de Almeida, Isabel Laginas e Sérgio Pinhão**.

Uma exposição de **João Cutileiro** subordinada ao tema «O Artista e a Máquina», está presente ao público até ao próximo dia 12 de Abril, na Inforgal, à Av. do Brasil, 33, r/c.

Na livraria «O País», **Carmo Portela** tem em exposição uma mostra de tapeçaria e minitextil.

Gouaches de **Domingos**

Pinho continuam em exposição no Módulo Centro Difusor de Arte, à Av. António Augusto de Aguiar, em Lisboa. A mostra intitulada «A realidade e a imagem» é constituída por 25 trabalhos, realizados entre 1980 e 81 por aquele artista português.

Na sala de Arte do Restaurante Escorial, à R. das Portas de S. Antão, em Lisboa, **Margareta Roque** expõe óleos e aquarelas.

Armando Alves, Jorge Pinheiro, José Rodrigues, Mário Américo e Zulmiro de Carvalho, expõem desenho na Altamira, à R. Filipe Folque, em Lisboa.

Na Galeria Quadrum, **Victor Fontes** tem patente ao público uma mostra de pin-



Um dos trabalhos de Justino Alves, patente no Casino do Estoril

tura, com trabalhos realizados em 1983 e 84.

No âmbito do Festival da Árvore, continua patente ao público na Praça S. João Baptista, em Almada, uma **exposição documental** sobre o tema.

Numa organização da Escola Secundária Sebastião e Silva, de Oeiras, com a colaboração da Câmara Municipal, está patente ao público uma **exposição de Artes Visuais, no Palácio dos Anjos**.

Justino Alves tem patente ao público na Galeria de Arte do Casino do Estoril, uma mostra de pintura, com trabalhos recentes daquele artista português.

No espaço de «A Galeria», em Cascais, continua patente

ao público uma **exposição colectiva** com obras de 10 pintores e 1 escultor.

No Porto, na Galeria Dois-Grupo Alvarez, **Veiga Luís** expõe um conjunto de obras de sentido poético sob o tema «Magia Cósmica».

João Penalva tem em exposição nas salas da Cooperativa Árvore no Porto, uma mostra de pintura a óleo e acrílico sobre tela e linho.

Pintura de **Francisco Laranjo** continua patente ao público no Módulo-Centro Difusor de Arte, à Av. da Boavista, no Porto.

Trabalhos de **Ernesto Luís Henriques e Guilherme Correia** estão em exposição, até ao próximo dia 16, na Galeria de Arte Capital, em Leiria.

Aquarelas e litografias de **Jean René Thellier** estão em exposição no salão do GAT, nas Caldas da Rainha.

Música

A soprano inglesa **Sheila Armstrong** apresenta-se esta tarde, pelas 18h30m, num recital no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, acompanhada ao piano por **Geoffrey Parsons**.

Esta noite, pelas 21.30 horas, tem lugar no Teatro Gil Vicente, em Coimbra, o espectáculo de inauguração e apresentação da **Escola de Música** daquela cidade. Desde a música erudita ao «rock» o espectáculo tem vários momentos atractivos, como sejam música com influência de «Jazz» até ao fado de Coimbra.

Cinema

Na Cinemateca Portuguesa prossegue esta tarde a série de «cult movies» com a exibição, pelas 18 horas, do filme «Top Hat», de **Mark Sandrich**. À noite, a partir das 21h30m, será a série «25 de Abril-Imagens» com a projecção de «Brandos Costumes», filme realizado em 1974 por **Alberto Seixas Santos**, e «25 de Abril», de **Jacques Comets**.

No âmbito da retrospectiva do cinema canadiano, que está a ser levada a cabo pelo cineclube do Porto, em colaboração com o curso de videocine da Cooperativa Árvore e com o patrocínio da Embaixada do Canadá, são hoje exibidos dois filmes: «Drylanders», de **Donald Haldane** e «Los Canadienses», de **Albert Kish**.

AOS CONDUTORES

«Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por unidade)	
		COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)		94\$40	100\$40
ALEMANHA FED (marco)		50\$15	51\$25
AÚSTRIA (xelim)		7\$05	7\$25
BÉLGICA (franco)		2\$287	2\$487
BRASIL (cruzeiro)		\$055	\$105
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)		103\$00	105\$00
(notas de 5 e 1000)		103\$50	105\$50
DINAMARCA (coroa)		13\$85	14\$05
ESPAÑA (peseta)		\$839	\$999
EUA (dólar - notas de 1 e 2)		132\$15	134\$15
(notas de 5 e 1000)		132\$65	134\$65
FINLÂNDIA (marika)		23\$40	24\$00
FRANÇA (franco)		16\$30	17\$00
HOLANDA (florim)		44\$45	45\$45
IRLÂNDIA (libra)		154\$25	158\$25
ITALIA (lira)		\$074	\$084
JAPÃO (iene)		\$558	\$593
NORUEGA (coroa)		17\$40	17\$90
REINO UNIDO (libra)		188\$45	192\$45
SUECIA (coroa)		16\$85	17\$45
SUIÇA (franco)		60\$55	61\$85
VENEZUELA (bolivar)		7\$70	8\$70

Observações:
1. - Na respectante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

rádio

«ANTENA UM»
16.00 «Muscomania» Problemas e interesses dos jovens; 17.00 Revista da Imprensa; 18.00 «A Gaita dos sete foles» A música e os artistas portugueses; 19.00 «Informação e Música»; 20.00 «Folhetim: terra fria» do romance de Ferreira de Castro; 20.25 Informação Desportiva; 20.35 «Música Portuguesa»; 21.00 «25 de Abril - 10 anos depois»; 21.30 «Noites de Luar» CRÓNICA; apontamentos; música de qualidade; textos seleccionados; 23.00 Último Jornal; 23.30 Último Jornal; 23.50 Espaço de Opinião - Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2
16.10 Eufémia do Nascimento de Glúdia Pasta; Casta diva da ópera «Norma» de Bellini; 16.22 Música de Câmara - Quarteto em sol maior de Tartini; 17.00 Música Portuguesa; 18.05 Árias de Óperas; 18.32 O Bailado «Os Saltimbancos» de Henri Sauguet; 19.00 Terra-viva, Planeta Azul; 19.30 Intérpretes portugueses - Sonata em si bemol maior de LOCATELLI; - Sonata de KRUMPHOLTZ; - Navarra de ALBENIZ; 20.10 Música Sinfónica de Autores Russos - Abertura da Ópera «Russlan e Ludmilla» de GLINKA; - Sinfonia n.º 5 em ré menor opus 47 de SHOSTAKOVITCH; 21.00 O canto e os seus intérpretes; 22.00 Tudo isto é música também; 23.00 «O Rei David»; Oratória de Honneger 00.20 Concerto em ré menor (Sibelius); 01.00 Fecho Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283,290 e 397 m)
14.00 Matinée; 17.00 Rápido das cinco; 19.00 Programa do Sport Lisboa e Benfica; 20.00 Conta-corrente; 21.00 Quando o telefone toca 2 edições; 22.00 Portugal e a CEE; 22.15 Programas religiosos; 22.30 Desporto; 23.00 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)
15.00 O vapor; 16.00 O som da frente; 17.00 Ondas lusitanas; 18.00 Círculo em FM; 19.00 Em órbita; 20.00 Country music; 21.00 Jazzofone; 22.00 Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM
15.00 Clube da casa; 18.00 Jornal das Regiões; 18.30 Transmissão do Terço; 19.30 Horizonte; 20.30 Programa da LAR; 21.00 Quando telefone toca; 21.30 Ouvir e pensar (inclui «Rosa dos ventos»); 22.00 Hora de Música; 23.00 Diário 23; 23.40 Bola Branca (3.ª ed.); 23.55 Meditando.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 005

HORIZONTAIS:

- Temperam com sal. Ovários dos peixes.
- Deseje. Falecera.
- Cidade da Ucrânia. Praia.
- Altar cristão. Irdio (s.q). Sobrado.
- Anénio (s.q). Catedral. Estou. (inv).
- Nota musical. Campeão.
- Veia poética. Chouriço de sangue.
- Descerem. Oceano.
- Artigo indefinido. Seguias. Cobalto (s.q).
- Pista. Nome de flor.
- Enfelta. Sem dinheiro (Gir). Artigo definido.

VERTICAIS:

- Rainha da Arábia também conhecida por Belkias. Firme.
- Deseje na água (o hidroavião). Abismo.
- Adivinharás. Bastal Serviço Nacional.
- Área (fig).
- Gostais muito de. Cidade da Argélia.
- Extinguiu-se. Arsénio (s.q).
- Rénio (s.q). Milímetro. Preposição.
- Profecia (fig). Cabelos brancos.
- Antiquado. Sacrificio.
- Brisa. Guamecera de asas.
- Rio que banha Setúbal. O mesmo que azinheira (planta).

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9856

HORIZONTAIS:

- Ruído. Uma das Espóradas. Cobalto (s.q).
- Concerto musical nocturno. Bi-goma de ourives.
- Antes de Cristo. Chefe etiope. Rã (pop).
- Palmeira da Amazônia. Equipem.
- Alugariamos.
- Pertences. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Laço.
- Satanás. Executariam.
- Terra nova e arroteada de fresco. Campeão.
- Rádio (s.q). Atravessasses.
- Obrigara a. Tempo do verbo ser.
- Bois selvagens. Pronome reflexo.

VERTICAIS:

- Diplomata e humanista francês. Xaile das mulheres índias e persas.
- Confrontaram.
- Ósmio (s.q). Sobre. Plutónio. (s.q).
- Revolucionário francês que foi assassinado no banco por Carlota Corday. Freguesia do concelho de Portimão.
- Batráquio. Autores. Anel.
- Unir por casamento. Executaram.
- Alternativa. Montão.
- Apoiasse.
- Carruagem. Pronome demonstrativo.
- Cidade de Espanha. Aqui está.
- Olé. Adicionasse.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 005

HORIZONTAIS:

- Crateras. Pi.
- Are. Imitar.
- Isara. Agá.
- Abatia. Árad.
- Nanos. Aparo.
- Eça. Píadas.
- Lo. NÃO. Rás.
- Dó. Lua.
- Surra. Sono.
- Péra. Cs. Ras.
- Amasso. HÁ.

VERTICAIS:

- PANELA. Pá.
- Ria. Baco. SEM.
- Ar. Ará. Atp.
- TESTO. Noras.
- Ais.
- Rirá. Polaco.
- Ama. Al.
- Si. Aparas.
- Tarda. Ora.
- Pagaras. Na.
- Irados. Rosa.

Provérbio: Não há panela sem testó

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9855

HORIZONTAIS:

- Acompanhava.
- Lo. Am.
- Ora. Ará. Atp.
- Lá. Gruta. ER.
- Br. Mira.
- Graméis.
- Meá. Ara. Rim.
- Or. Nona.
- Atira. Sem.
- Há. Are. Ni.
- Ar. Aró. To.
- Te. Sintam.
- Assas. Mioma.

VERTICAIS:

- Acolá. Mossa.
- Re. Gero.
- Olá. Bra. Ras.
- Mo. Grá. Ama.
- Ar. Má. las.
- Aprumariam.
- Há. Are. Ni.
- Ar. Aró. To.
- Te. Sintam.
- Assas. Mioma.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Maiores 12 anos
TUBARÃO 3

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
- M. 18 a.
FOME DE VIVER
c/ Catherine Deneuve e David Bowie

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Moças de 14, 15 e 16 anos...
O despertar de uma adolescente!
RAPARIGAS PRECOSES
(SCHOOL GIRL REPORT)

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 anos
LAÇOS DE TERNURA

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OS LOBOS NÃO CHORAM
c/ Charles Martin Smith e Brian Dennehy
Um filme de Carroll Ballard

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 16 anos
NEGÓCIO ARRISCADO
c/ Tom Cruise e Rebecca de Mornay

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
LICÕES PRIVADAS
C/ Sylvia Kristel

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
FEBRE DE PRIMAVERA
c/ Zeenat Aman e Danny
Um filme de J. Om. Prakash

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 16 a.
A CÂMARA SECRETA
c/ Michael Douglas
Às 24
CUBA

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 16 a.
O ÚLTIMO FÔLEGO

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
- M. 12 anos
A ÚLTIMA VIRGEM AMERICANA

CONDES 322573

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
DEBAIXO DE FOGO
c/ Gene Hackman, Nick Nolte
e Joanna Cassidy
Colombo

2000 2100055

Av. B. Voluntários, lts 113/4

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
JOGOS DE GUERRA

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 anos
TUBARÃO 3

ESTÚDIO 555134

Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15, 17, 19, e 21.30
N. ac. men. 13 anos
**OS DEUSES DEVEM
ESTAR LOUCOS**
80.ª semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
**THE DAY AFTER, O DIA
SEGUINTE**
5.ª Semana

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24
- Int. men. 16 a.
DEBAIXO DE FOGO
de Jonathan Taplin
c/ Nick Nolte, Joanna Cassidy
e Gene Hackman

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45
- M. 12 a.
SER OU NÃO SER

IMPÉRIO 555134/5

Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
**AS LOUCAS AVENTURAS DE BARBA
AMARELA, O PIRATA**

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - M. 12 a.
Maiores 12 anos
POLÍCIAS E LADRÕES

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30, 18.15 e 21.30
- M. 12 anos
**JOÃO BRONCAS
E OS MALUCOS DA BOLA**
Às 24
VIVA O ROCK AND ROLL

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 anos
O CRISTAL ENCANTADO

ODEON 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 16 a.
O GRANDE ATAQUE DO DRAGÃO

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- M. 16 a.
**AREIAS QUENTES, DESEJOS
SELVAGENS**



«The Day After» o filme que maior impacto tem provocado em todo o mundo. Em exibição

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.45, 19.00 e 21.30
Para todos
O SOLDADO AVENTUREIRO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
NO LIMAR DA REALIDADE
Às 23.30 - M. 18 a.
ASSASSINOS DE ELITE

SALA 2
Às 14.15, 16, 17.30, 19 e 22.30
- M. 12 a
ZELIG
23.30
- M. 16 a
TRAÍÇÕES
SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.15
- M. 16 anos
A MULHER EM CHAMAS

SALA 4
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 16 a
FELIZ NATAL, MR. LAWRENCE
Às 23.30 - M. 18 a
1900 I

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
**THE DAY AFTER, O DIA
SEGUINTE**
5.ª Semana
Às 24 - Int. men. 13 a.
A ILHA DOS URSOS

ROMA TEL. 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
O acontecimento!
O filme de maior impacto em todo o
Mundo
**THE DAY AFTER, O DIA
SEGUINTE**

ROXY 548560

Av. Almirante Heij, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
**AS LOUCAS AVENTURAS DE BARBA
AMARELA, O PIRATA**

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a
YENTL

SALA 2
Às 14.15, 16.45, 19 e 21.15
FOME DE VIVER
c/ Catherine Deneuve e David Bowie
- M. 18 a.

SALA 3
Às 14.30, 16.30, 18.45 e 21.45
- M. 12 a.
ZELIG
c/ Woody Allen e Mia Farrow

7.ª ARTE 730715

Av. República à E. Entre Campos junto

ao n.º 63
Às 14.30 - 17.00 - 19.15 - 21.45 - 24.00
- M. 12 anos
YENTL
c/ Barbra Streisand
Amy Irwin

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14 C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 anos
A EDUCAÇÃO DE RITA
Às 00.00
UMA MULHER FURACÃO

TURIM 706666

E. de Benfca, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a
**AVENTUREIROS DO FIM DO
MUNDO**
c/ Tom Seleck e Bess Armstrong

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Coutinho, lote 879

Às 15, 18 e 21.30
- M. 16 anos
NEGÓCIO ARRISCADO
c/ Tom Cruise e Rebecca de Mornay

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
O ESTRIPADOR DE NEW YORK

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Laços de ternura», às 21.30 (16 anos)
ALFA-2 - «Jogos de guerra», às 21.15 (12 anos)
ALFA-3 - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)

OLÍMPIA - «O Anjo da Maldade», sessões permanentes (18 anos)
MUNDIAL - «Jogos de Guerra», às 21.30 (12 anos)
CAPITÓLIO - «Giselle», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
RESTELO - «A Última Virgem Americana», às 21.30 (16 anos)
LONDRES - «Finalmente Domingo», às 21.30 (12 anos)

ALFA-CLUB - «O mundo a seus pés», às 21.30 e 24.00 (13 anos)
TIVOLI - «Jovens Médicos Apaixonados», às 21.30 (12 anos)

ESTÚDIO ACS - «Violência e Paixão», às 21.15 (13 anos)
TERMINAL - «No Limiar da Realidade», às 21.30 (12 anos)
APOLLO 70 - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)
CITY CINE - «Zeig», às 21.30 (12 anos)
CINEMATECA - «Brands Costumes», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «O Dragão Negro Ataca», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - «Casino» - «O Regresso do Inspector Martelada», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - «Palácio» - «Amor e Balas», às 21.30 (18 anos)
S. JOÃO DO ESTORIL - «Cinelandia» - «Turmo da Noite», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS - «Impala» - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS - «Oxford» - «O Dia Seguinte», às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA - «Incrível» - «The Day After», às 21.15 (12 anos)
ALMADA - «Academia» - «Violência e Paixão», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Cine-Estúdio» - «La Traviata», às 21.30 (12 anos)

COSTA DE CAPARICA - «Sicilia» - «Megaloforce», às 21.30 (12 anos)
AMORA - «Lord» - «Afrodite», às 21.30 (18 anos)
SETUBAL - «Júpiter» - «Loucuras de um Casal», às 21.15 (12 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - «Cine estúdio Flores» - «Esmeraldas Sangrentas», às 21.30 (12 anos)
ERICEIRA - «Cineestúdio» - «O Rapto do Presidente», às 21.15 (13 anos)

Porto

ESTÚDIO - «Chamavam-lhe Génio», às 21.45 (13 anos)
SALA-BEBÉ - «Revelações», às 21.45 (16 anos)
JULIO DINIZ - «Esquadrão Salamandra», às 21.30 (12 anos)
COLISEU - «Tubarão 3», às 21.30 (12 anos)
RAIONE - «Nunca mais digas nunca», às 21.30 (12 anos)
LUMIERE-L - «Comédia romântica», às 21.45 (12 anos)
VALE FORMOSO - «As Noites Quentes de Dallas», às 21.30 (13 anos)
ÁGUA - «O Fugitivo», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «O Último Fôlego», às 21.30 (16 anos)
BATALHA - «Caçadores do espaço», às 21.45 (12 anos)
PEDRO CEM - «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-A - «O Bom Casamento», às 21.30 (12 anos)
PASSOS MANUEL - «Os Marginais», às 21.45 (12 anos)
CHARLOT - «O Último Fôlego», às 21.30 (16 anos)
TRINDADE - «O Dia Seguinte», às 21.30 (12 anos)
FOCO - «Jogos de Guerra», às 21.45 (12 anos)
OLÍMPIA - «A última orgia do III Reich», às 21.30 (18 anos)

Lisboa

ALFAMA - «ESCOLAS GERAIS: Anunciada», Rua do Vigário 72-73 (T. 866380); **ALTO SÃO JOÃO: Nova Luz**, Rua D. Domingos Jardo 28A (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo**, Av. da Igreja 28 B (T. 892882); **AV. REPÚBLICA: Cardote**, Av. Visconde Valmor 28 ABC (T. 772291); **BAIRRO DE CHELHAS: Serejo**, Zona J - Lote 531 - Loja B (T. 852611); **BAIXA** - «Coliseu: Centro Farmacêutico, Rua Portas St. Antão 88 (T. 321211); **BELEM** - «ALTINHO: Gomes Sue», Rua da Junqueira 326-328 (T. 638193); **BENEFICÊNCIA** - «SETE RIOS: Laranjeiro, Rua Filipe da Mata 160-162 (T. 761035); **CEMITÉRIO INGLESES: Urbano Freitas**, Rua Silva Carvalho 1-5 (T. 626338); **CHILE** - «ANJOS: Pereira Pinto, Av. Almirante Reis 121 B (T. 545751); **LUMIAR: São Tomé**, Est. Do Desvio Lote 12 C (T. 790704); **PICHELEIRA: Mariz**, Cc. Picheleira 140 BC Rua Prof. Mira Fernandes MAF (T. 880703); **ODIVELAS: Joleni**, Rua Dr. Alexandre Braga 3B (T. 910812); **PONTINHA: Cruz Correia**, Est. Santo Elói 41 A (T. 992453)

REFORÇO

AREIRO: Vera Cruz, Pç. Afrânio Peixoto 2B (T. 884941); **BENFICA** - «ES- TAÇÃO - URUGUAI: Santa Cruz, Av. Gomes Pereira 34 B (T. 704828); **CAIS SODRE: Ultramarina**, Rua S. Paulo 99-101 (T. 321771); **CALVÁRIO: Monge**, Rua Lusitana 30-32 (T. 636704); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. Estados Unidos América 140 B (T. 760658); **CAMPOLIDE: Oliveira**.

teatros

Lisboa

MARIA MATOS - «Annie», 21.00 (6 anos)
VILLARET - «O Super Silva», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - «Central» - R. Oliveira, 11-D (Tel. 2750504). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE** - «Castro Rodrigo» - L. 5 de Outubro, 82 (Tel. 2750121). Permanente; **FEIJÓ** - «Tovar Chaves» - R. Dr. António Elvas, 104-D (Tel. 2296119). Até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA** - «Chal» - Av. General Humberto Delgado (Tel. 2403218). Até às 19 horas; **SESIMBRA** - «Leão» - Av. Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **LAVRADIO** - «J. Consolado» - Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C (Tel. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO** - «Higiénica» - R. D. Manuel I, 178 (Tel. 2073017). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA** - «Cardoso» - Av. Liberdade, 159 (Tel. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS** - «Abreu Cardoso» - B.º Cid. Setúbal, 1-B (Tel. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA** - «Matos Lopes» - R. 1.º Maio, 401 (Tel. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL** - «Godinho» - L. Igreja, 51 (Tel. 2213580). Até às 22 horas; **MONTEJO** - «Moderna» - R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA** - «Silva Rocha» - P. República, 16 (Tel. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS** - «Guimarães» - R. Cândido Reis, 30 (Tel. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE** - «Gamelro» - L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 2341100). Até às 19 horas; **SETUBAL** - «Higiénica» - R. Frei Agosti-

Linha de Cascais

ALGÉS: Branco, Av. Com. G. Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero Quental, 95 (T. 2190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duques, Lotes A - r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHÊ: Carvalho**, B.º Padre P. Correia, 4-B (T. 2690383). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CARCÁVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **MALVEIRA CA SERRA: Luz**, Est. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **PARADE: Brandão**, Av. República, 77 - C (T. 2471054). Permanente; **SASSOIEIROS: Amaral**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imanil**, Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Viv. M.º Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques Santos**, R. Ferreira J.A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente

Linha de Sintra

AMADORA - «Amadora» - P. 25 Abril, 30-A (Tel. 935518). Permanente; **Soares Correia** - Est. Águas Livres, Caroneira (Tel. 965517). Até às 22 horas; **DAMAIA** - «D. João V» - Av. Gurgel Amaral, 2-A (Tel. 970461). Até às 22 horas;

QUELUZ - «Vasconcelos» - Est. Part. Henri. Pousão (Tel. 964649). Até às 22 horas; **CAMARATE** - «Batista» - R. Ave-lino S. Oliv., 5 (Tel. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM** - «Central» - R. Elias Garcia, 55 (Tel. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS** - «Miranda Garcia» - Est. Mem Martins, 173 (Tel. 9214103). Permanente; **MERCES** - «Claro Russo» - R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO** - «Riomouro» - Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (Tel. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA** - «Marrazes» - Estefânia (Tel. 9230058). Permanente; **COLARES** - «Abreja» - (Tel. 9290088); **MOSCAVIDE** - «Santa Bárbara» - R. Francisco M. Beato, 75-A (Tel. 2518918). Permanente; **SACAVEM** - «Soares» - R. José L. Moraes, 15-A (Tel. 2518025). Até às 22 horas; **LOURES** - «Saraiya» - Av. República, 86 (Tel. 2530027). Até às 22 horas.

PORTO</



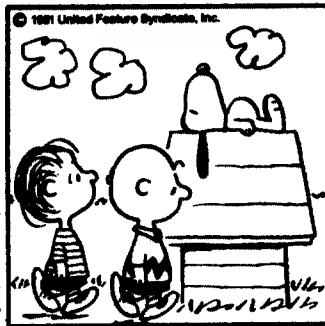
DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.
 Administração, Redacção, Publicidade
 e Serviços Técnicos
RUA LUZ BOMBA, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 3211545 - 320711/2/3
Publicidade: 320740
 Serviço de correio (Rua 21)
 Portagem: 321154
 Redacção: 320711/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico: DGRG
Telex: 1200 LISBOA PORTUGAL

DEPARTAMENTO DO PORTO
 Rua do Porto, 20-2 - 4000 PORTO
 Telefones: 33054/5

DEPARTAMENTO DE INTERIORES
 Rua do Porto, 115-17 - 1200 LISBOA
 Telefones: 320711/2/3



MARÉS DE HOJE
PREA-MAR BAIXA-MAR
 08.42 03.10 m 01.50 01.70 m
 21.14 03.20 m 14.31 01.80 m

Dia 10
 10.21 03.10 m 03.36 01.80 m
 22.45 03.40 m 16.08 01.80 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	12°
BRAGANÇA	9°
VILA REAL	10°
PORTO	12°
COIMBRA	12°
CABO CARVOEIRO	13°
PORTALEGRE	12°
LISBOA	13°
ÉVORA	12°
BEJA	12°
FARO	13°
SAGRES	13°
PONTA DELGADA	14°
FUNCHAL	15°

Na abertura da Conferência Norte-Sul

Eanes denuncia "novas formas de dependência"

Continuação da pág. 1

«O que está em causa é o projecto planetário da procura de novos modelos que permitam um desenvolvimento solidário e equitativo de todos os povos», afirmou Ramalho Eanes na sua alocução de boas-vindas, para frisar que «nesse projecto Portugal está, a todos os títulos, naturalmente empenhado». Especificando, Eanes referiu que «a situação de país do «Sul» no espaço do continente europeu torna-o particularmente sensível às grandes questões do relacionamento Norte-Sul. Nessa sua qualidade, disse o Presidente da República que «Portugal não poderá deixar de proceder à denúncia das novas formas de dependência que por vezes se ocultam sob a capa de ajuda ao desenvolvimento, e envidar esforços para, conjuntamente com os países do hemisfério sul que pela história lhe são próximos, restituir a cada povo e a cada nação a liberdade de se autodeterminar em função da identidade cultural que lhe é própria».

Antes, e referindo-se «às novas formas de dependência», Ramalho Eanes salientou que «a abertura da Europa ao Mundo nem sempre se fez dentro dos padrões do respeito mútuo e do primado dos valores do espírito que são apanágios das nossas raízes culturais comuns». «Ao domínio colonial de séculos passados substituíam-se hoje — acrescentou o Presidente da República — relações de neocolonialismo». Eanes disse ainda que o «modelo de desenvolvimento industrialista se encontra hoje radicalmente posto em questão».

Por seu lado, o Primeiro-Ministro, Mário Soares, a quem coube o primeiro discurso introdutório da Conferência, afirmou que Portugal, pela sua história, «pelas relações fraternas que mantém com povos de outros continentes e raças, e pelo próprio estúdio em que se encontra a economia por-

tuguesa, está particularmente empenhado no diálogo Norte-Sul».

Para Mário Soares, «os últimos três anos têm demonstrado que a crescente tensão entre o Leste e o Oeste e a falta de entendimento útil no diálogo Norte-Sul, transformando-o numa verdadeira retórica desprovida de sentido».

«Se queremos caminhar no sentido de alcançar o objectivo essencial que nos reune aqui, que é o da cooperação para o desenvolvimento, teremos de ser capazes de deter a corrida aos armamentos», disse o Primeiro-Ministro português, que acrescentou ser a «paz condição imprescindível para a criação de um clima propício ao entendimento e à cooperação».

Antes, Mário Soares tinha destacado o «labor excepcional e incansável de Willy Brandt» no que respeita ao diálogo Norte-Sul. O ex-chanceler alemão-federal tinha também sido elogiado pelo presidente da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, Karl Ahrens, a quem coube, conjuntamente com Ramalho Eanes, a alocução de boas-vindas.

Karl Ahrens lançou, na altura, um apelo a favor da transferência massiva de recursos para o Sul e de uma reforma do sistema comercial internacional a fim de melhorar as relações Norte-Sul.

No segundo discurso introdutório da manhã, o primeiro-ministro de Cabo Verde, Pedro Pires, que falava em nome dos cinco países africanos de língua portuguesa, congratulou-se pelo facto de ser Portugal o País anfitrião da conferência. Ao longo da sua comunicação, Pedro Pires analisou o conceito de interdependência e denunciou o modo como ela tem sido concretizada através da subalternização do Terceiro Mundo.

Personalidades presentes

A Conferência sobre o papel

da Europa no Diálogo Norte-Sul, é uma iniciativa da Assembleia Parlamentar dos 21 Países Membros do Conselho da Europa e reúne, no Palácio de S. Bento, em Lisboa, até depois de amanhã, cerca de 250 participantes entre ministros, deputados, responsáveis de organizações internacionais e especialistas de matérias interessando a interdependência das economias dos países em vias de desenvolvimento e dos países industrializados.

Entre os participantes e convidados portugueses contam-se, para além do Presidente da República — que proferiu esta manhã a alocução de boas-vindas — e do Primeiro-Ministro, que fez o discurso introdutório à primeira sessão, Manuel Alegre que, na sua qualidade de presidente da Comissão Parlamentar dos Negócios Estrangeiros, preside amanhã a um grupo de trabalho sobre o «relançamento económico mundial», o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, que intervém também amanhã na sessão plenária, dos deputados Rodolfo Crespo e Rui de Almeida Mendes e o presidente da Assembleia da República, Manuel Tito de Morais, que encerrará os trabalhos na quarta-feira.

Entre as personalidades estrangeiras mais destacadas contam-se o ex-chanceler alemão Willy Brandt, actual presidente da Comissão Independente das Questões Internacionais do Desenvolvimento do Conselho da Europa, que interveio hoje depois do meio-dia, Emile Van Lenep, secretário-geral, da OCDE, que intervém ainda esta tarde, e Karl Ahrens, presidente da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, que preside à conferência.

Além destes, e entre muitos outros, destacam-se, igualmente, Porfirio Muñoz Ledo, presidente do Grupo dos 77, Uffe Ellemann-Jensen, ministro dos Negócios Estrangeiros da Dinamarca e presidente do Comité de Ministros do Conselho da Europa, Bradford Morse, administrador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Gamani Corea, secretário-geral da CNUCED, Munir Benjenk, vice-presidente do Banco Mundial, Giovanni Livi, director da DG do Desenvolvimento na

Comissão da CEE e Bertil Bolin, director-geral adjunto da OIT.

Temas em debate

Os principais temas em debate durante esta conferência de três dias são os seguintes:

Importância da interdependência Norte-Sul no relançamento económico (principais domínios em que a relação se manifesta, vontade política dos Governos e Parliamentos com vista à melhor compreensão destes fenómenos por parte das opiniões públicas).

Reformas na economia mundial e processos de negociação (cooperação financeira internacional e suas componentes actuais, tais como a questão do endividamento a longo prazo, as reformas institucionais, os novos fluxos financeiros. A cooperação europeia nas negociações internacionais será igualmente discutida sob este tema).

Factores de desenvolvimento: ensinamentos a retirar das contribuições europeias (o problema alimentar mundial, os preços dos produtos de base e as estruturas dos mercados, as necessidades de investimento, as tendências demográficas, a protecção e conservação das fontes energéticas, o desarmamento e o desenvolvimento).

Organização dos trabalhos

Amanhã de manhã, nova sessão plenária, devendo Jaime Gama proferir o seu discurso de fundo. À tarde, reúnem-se três grupos de trabalho sobre «Recuperação económica» (este presidido por Manuel Alegre), «Reformas da economia e processos de negociação» e «Instrumentos do desenvolvimento». Cerca das 19 horas, está previsto um fórum de discussão com as organizações não governamentais.

À noite, os membros da conferência participam numa recepção oferecida por Mário Soares no Palácio Foz.

Extratrabalhos, os membros da conferência visitam, na quinta-feira de manhã, os Palácios de Queluz e Sintra, o Cabo da Roca, Guincho, Cascais e Estoril. Tudo termina com um almoço no Restaurante Galeria Bela, em Sintra.

Rosa Coutinho comenta notícia

Ridículas as informações nela contidas

«O único comentário que posso fazer é rir-me», disse-nos esta manhã o almirante Rosa Coutinho, instado pelo «DL» a comentar uma notícia da NP segundo a qual, meia centena de ex-oficiais do Exército português, recrutados pelo KGB, treinam nos arredores de Luanda, grupos de guerrilha da SWAPO. A notícia atribuída por aquela agência a uma fonte antigovernamental afirma «que solicitou o anonimato», referia que os «ex-oficiais» foram contratados através de uma empresa de Lisboa, pertencente ao ex-comandante da Região Militar Norte, Eurico Corvacho e ao almirante Rosa Coutinho.

Este considerou «ridículas» as informações nela contidas e acrescentou «ser evidente», que tem manifestado sempre a sua «amizade e solidariedade para com o povo angolano, «na dura luta que trava contra todas as ameaças e pressões que tem sofrido desde que se tornou um povo independente».

«E quem me conheça — acrescentou o almirante Rosa Coutinho — sabe perfeitamente que eu não considero a solidariedade como uma afirmação de circunstância ou um sentimento platónico».

Refira-se a propósito que esta atitude do almirante Rosa Coutinho tem sido sempre reconhecida pelo Governo e pelo povo angolano, manifestando-se este ano pelo convite que lhe foi dirigido e que aceitou, para ser o «convidado especial» da Liga de Amizade e Solidariedade com os Povos, nas próximas comemorações do 25 de Abril, que se realizam em Luanda e noutras cidades angolanas, pelo que Rosa Coutinho partirá em breve para Angola.

MORRIS MINI 1000 EE-31-28

Verde escuro, roubado há cerca de 15 dias em Santo Amaro de Oeiras. A quem o vir ou dele souber notícias agradece-se comunicar à Polícia de Segurança Pública de Oeiras.

PÁSCOA '84

VIAGENS DE AVIAO

PALMA DE MAIORCA (8 dias) | IBIZA (8 dias)
 Partidas: 14 e 21 de Abril | 14 de Abril

PALMA + IBIZA | LONDRES (1 semana)
 15 dias - 14 de Abril | 15, 19, 22, e 26 de Abril

S. MIGUEL (7 dias) | CIRCUITO AÇOREANO
 14 e 21 de Abril | 8 dias - 14 e 21 de Abril

AÇORES E MADEIRA | ATENAS (1 semana)
 8 dias - 16 e 23 de Abril | 19 de Abril

EGIPTO com CRUZEIRO | ROMA (1 semana)
 19 de Abril | 14 de Abril

HUNGRIA, POLÓNIA E CHECOSLOVÁQUIA
 Partida: 20 de Abril

MADEIRA (8 dias) | MARROCOS (TÁNGER)
 Part. de Lisboa - várias | Fim sem. (4 dias) - 20 de Abr.
 Part. do Porto - várias | 8 dias - 20 de Abril

UNIÃO SOVIÉTICA | ATENAS E ROMA
 9 dias - 25 de Abril | 8 dias - 15 de Abril

ATENAS, ISTAMBUL E ROMA | PARIS (8 dias)
 9 dias - 20 de Abril | 13 e 20 de Abril

TUNÍSIA (PRAIAS) | TRÊS BELAS CIDADES
 20 de Abril | 10 dias - 24 de Abril

AMSTERDAM (8 dias) | SONHO DO JAPÃO
 17 de Abril | 15 dias - 16 de Abril

NOVA IORQUE | INDIA, NEPAL E TAILÂNDIA
 9 dias - 19 de Abril | 17 dias - 17 de Abril

VIAGENS DE AVIAO E AUTOPULLMAN

LONDRES E ESCÓCIA | SUÍÇA E ÁUSTRIA
 8 dias - 15 e 22 de Abril | 8 dias - 14 de Abril

ALEMANHA ROMÂNTICA - (9 dias)
 Partida a 23 de Abril

CIRCUITO ITALIANO - (8 dias)
 Partida a 14 de Abril

JUGOSLÁVIA - Circuito da Costa Adriática
 8 dias - Partida a 23 de Abril

BENELUX, PARIS E VALE DO RENO
 8 dias - Partidas a 14 e 17 de Abril

TERRA SANTA | TERRA SANTA E EGITO
 8 dias - 18 de Abril | 9 dias - 17 de Abril

VIAGENS EM AUTOPULLMAN DE LUXO

MARROCOS IMPERIAL - (11 dias)
 Partida a 19 de Abril

ESPANHA, ANDORRA E LOURDES - (11 dias)
 Partida a 15 de Abril

ITÁLIA, ROMA E ASSIS - (18 dias)
 Partida a 14 de Abril

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

DESDE 1940

abreu

LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
 LISBOA Avenida de Roma, 66 B Tel. 803609
 ALMADA Rua de Oliveira, 9 C Tel. 2756272
 PORTO-BRAGA COIMBRA FARO-PORTIMÃO FUNCHAL

Sete Ponto Sete

Mensagens pessoais

Cem anos de música

Págs. 6 e 7



Cinema português em debate

● Luís Salgado de Matos responde em nome do IPC

Págs. 4 e 5

"Junqueira":

Afinal há poços de ar para os pulmões

Manuel Cintra



João Perry no filme de Cristina Hauser

AQUELA cara magra e trabalhada durante meses de filmagens pelas mãos de Manoel de Oliveira tinha espantado muitos de nós. Mesmo aqueles para quem essa versatilidade e magnífica do Amor de Perdição não era simples de receber e assimilar. O caso é que Cristina Hauser, ao longo de quatro horas, dominava a tela como quem não está em casa mas sim num lugar por vezes mais belo: o desenrolar de centenas e centenas de fotogramas. Pois aqueles olhos que nessa altura olharam de lá para cá, acabam de dar o salto de quem por sua vez olha do lado de cá da câmara, e de dá-lo muito bem.

No seu primeiro filme, "Junqueira", não tendo a infelicidade de querer pôr tudo, como alguns jovens realizadores tantas vezes fazem, Cristina Hauser soube dominar quase completamente as doses daquilo que de si e dos outros, de umbigo e de cinema, quer isto dizer, podia caber em meia hora de película. Apesar de algumas faltas de tacto ou exercício de estilo aos quais não serei eu sensível eventualmente por defeito meu, é na pior das hipóteses consolador que uma realizadora, num país de homens, ao estreir-se, perante todas as dificuldades que o nosso cinema sempre atravessou, chegando agora à fase do aborto prematuro em tantos casos, é consolador, dizia eu, que à primeira, uma realizadora tão jovem consiga resultados assim. Não que eles sejam fantásticos, ou geniais, não. Este filme nada tem de fantástico e muito menos de genial. Os génios que vão à tava, que não é deles que precisamos actualmente. Precisamos é de pessoas assim, com sensibilidade e capacidade para entrar pela porta da frente sem que isso resulte numa vergonha, para chegar, sem gravata, sem vestido de noite, perto dos outros e entregar-lhes uma prova de amor pelas coisas belas. E dizer: tomem. Está aqui. Foi assim que eu fiz e prometo melhorar. Porque o filme de Cristina Hauser, embora não domine completamente (sobretudo a nível de ritmos e de pequenos pormenores na direcção de actores) promete, e promete muito. Quem consegue que João Perry (sem menosprezar a sua longa experiência e já conhecidas qualidades de representação) tenha, em trinta minutos, uma das suas melhores interpretações de sempre, é porque de certeza o dirigiu melhor que alguns realizadores portugueses que julgam estar em Hollywood e afinal apenas têm as ruínas da Tóbis.

Não se trata aqui de elogiar um filme pelo que ele é, mas sim pelo que ele prova. Trata-se de chamar a atenção para mais um filme português que merecia ser visto por muitos e que muitos mereciam ver. Porque, pela história que conta, nos debruça sobre a morte, sobre a ternura de estar morto e ter tido ternura em vida, e deixar com os fantasmas das paredes apenas dúvidas. Porque tudo isto, até o próprio pensamento, corre risco de se transformar só em pó.

A não ser que alguém se lembre de tornar a pôr curtas e médias metragens na programação dos cinemas. A não ser que alguém se lembre de fazer alguma coisa por aqueles filmes que como este, nascem a brilhar, a falar de alguém que acaba de nascer, que merecia ser acarinhado e encorajado, e acabam tantas vezes por ser muito mais vistos em festivais estrangeiros do que por aqueles que sendo do nosso país, teriam mais que ninguém direito a vê-los.

É possível que quase ninguém venha a ver este filme. Pois a solução, Cristina, é lutar por outro, de metragem normal, que nos venha a encher os olhos daqui a uns anos, sabe-se lá quantos, se chegar a estreir. Obrigado ■

Sete Ponto Sete

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE ABRIL DE 1984

L I M B O S

Tecnologia e política: a comunicação como consenso

Chaké Matossian

O

problema fundamental que move a nossa cultura é o do consenso a que a tecnologia pretende responder com um processo de comunicação universalizante, baseado simultaneamente numa individualização necessária à ocultação do factor político.

As tecnologias invadem hoje o quotidiano e dizê-lo é uma banalidade. Para além do banal esconde-se por vezes o fatal. Tentemos desde logo saber o se produz para além da simples constatação dessa invasão tecnológica. Que mitos traz a tecnologia consigo? Porque aumenta o seu sucesso à medida que a «crise» se agrava? Que vazio ou que dependência concorre para esse «look high tech» que faz tantos adeptos? A que corresponde essa demasiada ocupação espacial, esse engarrafamento tecnológico geral que começa nas casas onde moramos (foros de microrondas, computadores familiares, etc.) se estende ao Terceiro Mundo e se eleva hoje até ao céu estrelado (satélites), estranho «transfert» de uma vontade de universalização que alimenta o mito de uma comunicação total e eficaz, que, nem o espaço nem o tempo podiam deter, e que, ao pretender transcender a cena do factor político, nada mais faz do que ocultá-lo, deixando aberta a sua relação com o factor simbólico.

Deus ex machina

A tecnologia rodeia-se de mistério, de magia, tem algo de miraculoso, o consumidor fica fascinado com as máquinas cujas entranhas são, para ele, enigmáticas. A. Moles põe em relevo a invasão das «pulgas» (os microprocessadores) cuja pequenez contribui para aumentar o carácter transcendente do objecto, o mistério do seu funcionamento que necessita do saber de um especialista de quem o consumidor dependerá: o interior dos objectos escapa agora ao homem comum... é um local sagrado a que nenhum indivíduo tem acesso e em que decorrem processos nos quais não pode participar⁽¹⁾.

Mas o consumidor recebe, em contrapartida, um poder quase transcendente. Ele manipula o mundo transformado em dados. O terminal em sua casa também representa o mundo a seus pés. O indivíduo guarda, aramazena os dados, tem acesso aos bancos. Começa o reinado do grande delírio arquívista, com o consequente medo de perder um sinal que mais tarde possa ser importante. Codifica-se e programa-se

a fim de poder consultar, incessantemente, acrescentando sempre. Está em acção um ideal de retenção (que, de resto, se encontra nos problemas de «reconversão do lixo...») assimilando o acesso aos dados ao do conhecimento: «o momento em que o indivíduo, sentado em frente do seu terminal, consulta o Saber, sem mudar de lugar, é o tempo forte do argumento»⁽²⁾. O que se aproxima da ideia baconiana de que o conhecimento é o poder.

Uma resposta à crise?

A tecnologia revolucionaria a nossa época, ela toma o papel de motor da História. O seu aspecto lúdico faz-nos esquecer os problemas sociais que engendra, tais como o desemprego. O seu lado mágico apresenta-a como saída necessária e unicapossível para a crise, tanto económica como política. Como diz A. Kerherbé «as tecnologias não se contentam em ser omnipresentes: elas devem gerir uma nova era do nosso planeta, onde o Homo Sapiens se transformará em Homo Communicatus». É através da informação e da comunicação que a tecnologia tentará resolver a crise dos modelos políticos, encarregando-se de elaborar um consenso universal, uma consciência planetária. «A indústria da informação é considerada nas nossas sociedades não só como uma saída económica da crise mas também como uma saída política da crise. Tanto como produtor de consensos entre grupos e classes, como ao nível nacional e internacional, pede-se-lhe que participe na reestruturação das mentalidades», diz Mattelart⁽³⁾.

A indústria da informação parece pois repetir o trabalho da liturgia, visto delimitar o espaço do discurso público e legítima o poder e os indivíduos. É, de resto, a tese magistral de Legendre que desmonta, do princípio ao fim do sistema industrial a fim de descobrir onde se esconde a sua relação com a verdade. «A liturgia convoca o povo e dirige-se a ele, isto é, a todos os que têm a ver com o discurso da legitimidade, amigos ou inimigos no poder, a toda a gente, portanto. No fundo, o enraizamento do fenómeno dogmático é representável em termos de comunicação: em todas as sociedades, o poder deve falar e os seus súbditos devem comunicar, não só com ele, mas ainda entre si e em seu nome». O mundo industrial ainda sonharia com o império romano? «A ideologia da comunicação universal e os fantasmas de língua total ficam livres como uma sequência natural da civilização romana»⁽⁴⁾.

Neste contexto de universalização, a noção flexível da

identidade cultural pode surgir como paradoxal. Se, por um lado, o domínio audiovisual tende para a internacionalização através dos seus pólos financeiro e industrial, ele utiliza, por outro lado, a identidade cultural, para esconder medidas proteccionistas ou apoiar a elaboração de um produto nacional (mas era preciso que a limitação das importações de produções estrangeiras fosse acompanhada por uma política de produção nacional e que essa produção nacional fosse outra coisa diferente da repetição da mediocridade internacional, sem o que seria melhor não gastar energias nem dinheiro). A identidade cultural pode assim ser o estandarte de um imperialismo cultural, como é o caso da latinidade (Mattelart) da «francidade», da lusofonia etc...

A supremacia do indivíduo no contexto de universalização do sistema tecnológico e industrial, constitui outro paradoxo. Se a democracia é hoje um problema, é indispensável notar que um ritmo de crescimento diferente, arrasta consigo mudanças no que diz respeito às liberdades e ao controlo social. Nos nossos dias, a comunicação e a cultura representam as matrizes industriais da ordem social. A tecnologia retoma as noções de Serviço público e de Bem público entrando em todos os domínios: hospital, educação, lares, ela tem a função de reestruturar o social. Segundo Mattelart, a configuração do problema da democracia é «radicalmente diferente da legada pelo Estado-nação democrático-liberal do século XIX»⁽⁵⁾. O fim dos modelos de sociedade é acompanhado por uma mudança na relação entre o indivíduo e o colectivo. A celebração do indivíduo na ordem mercantil transnacional tem o objectivo de minar a sociabilidade do indivíduo. E se, como diz Legendre, o problema do elo social implica necessariamente o do elo sobre a outra cena, o inconsciente, e se o elo é inelutável visto ser um «caso de verdade» e a «utilização do discurso do elo é a demonstração da impossibilidade de falar verdade fundamental a não ser por metáforas»⁽⁶⁾, então o ataque do elo operado por ordem transnacional tecnológica também diz respeito à instauração de si próprio como verdade absoluta e omnipresente na sua transparência total como instauração de si em transcendência como o que não precisasse senão de si próprio para justificar o seu próprio discurso.

A relação com a verdade está pois no cerne do problema, tal como o disse Habermas: «Continua em aberto o problema de saber se, nas sociedades complexas, a formação dos motivos da acção ainda está efectivamente ligada a

normas que reclamam uma justificação, ou se os sistemas de normas perderam entretanto a sua relação com a verdade»⁽⁷⁾. Mattelart põe o problema de modo semelhante. Visto que a civilização, transnacional só oferece, em matéria de comunicação e de cultura, propaganda, estaremos no direito de «esperar outra concepção do simbolismo de uma civilização que refaz o social como simulacro?»⁽⁸⁾ Se Habermas propõe uma ética comunicacional que se tornou possível com a constituição de uma prática racional baseada nas normas do discurso racional, Mattelart vê, com um certo optimismo, a hipótese de uma redefinição da democracia. Segundo ele haveria no cerne do desejo da democracia «a liberdade para todos de produzir os códigos que determinam os valores, os regimes de verdade, e as hierarquias sociais e culturais: tudo o que permite ao indivíduo criar um singular que ascende ao universal»⁽⁹⁾.

Outros caminhos: adoptar o poder irónico do objecto, a simulação para melhor se dissimular e deixar a outras instâncias o trabalho fastidioso do poder: «Para além dos ecrãs do panoptismo generalizado, todas as formas de simulação e de dissimulação são possíveis. Elas convergem para a uma devolução maciça da responsabilidade, uma desistência da vontade»⁽¹⁰⁾. Ficar na oscilação, no duplo jogo objecto-indivíduo (aquilo a que Guillaume chama a «espectralização», passar incessantemente do anónimo para o pedido de identidade como abrigo simbólico (a posição de Zelig). Ou ainda combinar, organizar com humor — «porque, se a ironia é a coexistência do ser com o indivíduo, ou do Eu com a representação, o humor é a do senso e do non-sense»⁽¹¹⁾ — ao acaso dos encontros e segundo as relações transversais e já não das relações de grupos determinados, acabar com o militismo e militarismo que forçam a declinar a identidade.

«O interessante está em saber se há pessoas que fazem isto ou aquilo no seu canto, eu no meu, e se há encontros possíveis, acasos, casos fortuitos, e não alinhamentos, reuniões, toda essa merda em que cada um é considerado a má consciência e o corrector do outro»⁽¹²⁾. ■

(1) Abraham Moles, *La gadgetisation par les puces*, in *L'Etat des Sciences et des techniques* notável obra colectiva que trata da «revolução científica», permitindo ao profano ascender à compreensão dos diversos domínios que compõem o mundo científico. Especialistas internacionais integraram este volume dirigido por Marcel Blanc e publicado em 1983 nas Ed. *La Decouverte Maspéro/Borel Express*.

(2) Annick Kerherbé, *Sciences et médias: les nouveaux mythes de la modernité*, in *L'Etat des sciences et des techniques*.

(3) A. Mattelart, X. Delcourt, M. Mattelart, *La culture contre la démocratie? L'audio-visuel à l'heure transnationale*. *La Decouverte* 1983.

(4) Pierre Legendre, *L'Empire de la Vérité*, introduction aux espaces dogmatiques industriels. *Fayard*, 1983.

(5) Jürgen Habermas, *Raison et Légitimité*. *Payot*, 1978.

(6) Marc Guillaume: *Une approche ironique de figures transpolitiques*, in *Critique*, Março de 1984. Ed. *Minuit*.

(7) Gilles Deleuze: *Logique du Sens*. *Minuit*, 1969.

(8) Gilles Deleuze: *Lettre à Michel Cressole*, in *Deleuze*. Ed. *Universitaires*, 1973.

L I T E R A T U R A

P

ROCURARMOS saber quem foi o inventor do livro de bolso é o mesmo que lançar-nos numa querela sobre o sexo dos anjos. A maior parte dos países da Europa orgulham-se de os possuir. É certo que numerosas colecções populares que podem ser aparentadas a esta fórmula já circulavam no velho continente em fins do século XIX. Talvez que o antepassado do livro de bolso seja mesmo o inesgotável missal, tão fácil de guardar nas dobras da sotaína.

Mas os primeiros que impuseram o livro de bolso em grande escala foram os anglo-saxónicos em vésperas da segunda guerra mundial, em especial o célebre Penguin britânico que propõe o mais fabuloso dos catálogos. Em França, Paul Angoulvent cria, nas Presses Universitaires de France, a célebre colecção de pequenas enciclopédias *Que sais-je?*, em 1944. Seghers publica a colecção *Poetes d'aujourd'hui*. Um tipógrafo belga, André Gérard, inspirando-se na Penguin, lança em 1949 a colecção *Marabout*, que hoje pertence à Hachette. A Livraria dos Campos Elíseos pode, no entanto, gabar-se de antiguidade com a sua colecção de romances policiais *Le Masque* criada em 1927...

Mas o iniciador do Bolso bem colado, bem cortado, com a sua capa ilustrada por vezes gritante, como a conhecemos hoje em França, foi Henri Filipacchi. Diz a lenda que a ideia lhe veio ao ver um GI comprar um livro numa livraria francesa, e rasgá-lo em duas partes para poder guardá-lo no blusão. De facto, o pocket-book foi um êxito nos Estados Unidos nos anos 50. Todos os anos se vendem mais de duzentos milhões. Estes números fascinam a edição francesa e sobretudo a Hachette, cuja colecção popular *Pourpre* corre para o seu fim.

Guy Schoeller, então próximo colaborador de Henri Filipacchi, tinha um amigo que lançara o livro de bolso nos Estados Unidos. *Fui lá*, diz ele. Voltou convencido. A Hachette autoriza Henri Filipacchi a fundar a sua colecção ao abrigo de uma das suas filiais, a «Livraria geral francesa», sem dúvida mais tranquilizadora do que a casa-mãe para os editores a quem se vão pedir títulos. A ideia de génio de Filipacchi foi a de arranjar para a sua colecção o título *Livre de poche*, marca registada, o que levaria os concorrentes e os jornalistas a usar perifrases para falar de obras em «formato de bolso».

Quando em Fevereiro de 1953 surgem os primeiros títulos da colecção, numa época em que se publicam livros cosidos, não cortados com capas austeras, pode imaginar-se que nem todos os editores apostavam no êxito da operação. Erro: *Koenigsmark*, de Pierre Benoit — nem um só exemplar se encontra

para marcar o trigésimo aniversário da colecção, *As chaves do reino*, de Cronin, e *Voo nocturno* de Saint Exupéry, com edições de setenta mil exemplares cada, a um quarto do preço da edição corrente, esgotaram-se em poucas semanas. Começa no Hexágono a propagação do livro de bolso...

Os autores célebres multiplicam-se no catálogo da colecção: Henri Filipacchi tem a sorte de poder ir buscar obras à maior parte da edição francesa, à Gallimard (a mais rica), à Table Ronde, de Albin Michel, etc., e às casas que a Hachette irá controlar, como Grasset Stock. Fayard... Até 1960 a produção progride 30% todos os anos. Catorze milhões de volumes são feitos em 1961, ano da morte de Henri Filipacchi.

Depois do romance, o «Livre de poche» adopta as obras práticas — o Larousse de poche principalmente, best-seller em todas as categorias, — depois autores clássicos seleccionados por Roger Nimier: Stendhal e Rimbaud terão vendas inesperadas.

O reverso da supremacia

Entretanto, editores poderosos lançaram-se na aventura do livro de bolso. Frederic Ditis criou *J'ai lu* (1958) na Flammarion e orientou a sua política comercial principalmente para as grandes superfícies. As Presses de la cité lançaram *Presses-Pocket* (1962) e a *Plan 10/18*. Outros editores criam edições mais especializadas. Alimentado por noventa editores, o *Livre de poche* é então a colecção mais imponente.

Essa supremacia tem o seu reverso. Obrigadas a passar sob as forças caudinas dos grandes grupos, algumas casas receiam pela sua independência. É o caso da Gallimard. Já irritada com a recusa do *Livre de poche* se ocupar de ensaios seus, a casa da Rua Sebastien Bottin cria em 1962 a colecção *Idees*. Depois de longos meses de discussões vãs para a renovação dos seus acordos, a Gallimard rompe com a Hachette em 1971 e arrasta consigo as suas filiais. Para o *Livre de poche* é uma perda anual de uns oito milhões de volumes e de quinhentos e dezassete títulos num catálogo que conta então mil e quinhentos! Quanto à Gallimard, ela consegue montar em poucos meses uma colecção de literatura, *Folio* (1972), e a sua distribuição.

Em breve o *Poche* expõe por todo o lado a sua capa atraente. Nas montras das livrarias, nas estações de caminho-de-ferro, mas também nas tabacarias e nos bares, nas estações de serviço onde menos se podia esperar, sempre em busca de um público maior. O *Livre de Poche*, diz Frédéric Ditis, que hoje dirige a grande difusão de Hachette, tornou o livro familiar, tranquilizador. Ele venceu os obstáculos da sua difusão, tais como preço e o lugar, junto das categorias sociais menos abastadas... Os que não se atreviam a entrar nas livrarias por timidez cultural, encontraram o livro barato, à mão, perto de si. A sua «dignidade» foi respeitada. Em

A terrível saga dos livros de bolso

Bernardt Alliot

todo o caso, a expansão do livro de bolso acompanhou a urbanização e a industrialização maciças, o aumento dos efectivos escolares e universitários do país.

De início por vezes incompletos, os livros de bolso também evoluem. Os textos são, cada vez mais, publicados integralmente e precedidos de uma introdução. Eles beneficiam com um verdadeiro trabalho de edição e cobrem todos os géneros. Christian Bourgois recorda a época abençoada de Maio de 68 que seguiu a explosão das ciên-

fabrico. É preciso retirar as etiquetas, à mão, apagar os preços marcados, eliminar os trabalhos deteriorados. Válerá a pena fazê-los regressar para os reconhecer e os destruir?

Na última década, os livreiros, em breve submetidos aos efeitos perversos dos «discount», passam parte do seu tempo a desfazer os embrulhos que lhes são mandados. Empenhados na batalha para ocupar o terreno, vê-se os representantes das grandes colecções gerir

Na próxima semana:

O que fazem os ingleses, os italianos, os americanos e os alemães (da RFA)

cias humanas. Propus a Nielsen, director-geral do grupo das Presses de la cité, que salvasse o «10/18», que morria lentamente. Foi uma aposta um pouco arriscada: saldei em duzentos mil exemplares do catálogo e refiz uma nova capa. Publiquei Hegel, Marx, Arrabal, Castoriadis, Moscovici, Lyotard, os colóquios de Cerisy, cadernos, teses, etc. «10/18» estava perfeitamente dentro da sua época.

Durante os anos 75-80, a produção do livro de bolso chega a perto de cem milhões de exemplares.

Uma recém-chegada, a firma canadiana Harlequin, vai fazer estoirar as estatísticas. Em 1978 lança uma colecção de romances sentimentais. Destes livros assépticos, destes produtos elaborados por «autores», segundo directivas muito precisas, vendem-se em 1979 treze milhões de volumes e em 1982 trinta milhões. E *J'ai lu*, a série «Duo», criada em 1981, que publica romances sentimentais, anglo-saxónicos, vende três milhões e meio de volumes em 1982, e a sua progressão continua. Quem os compra? Essencialmente as leitoras da imprensa sentimental.

Para diminuir as despesas de distribuição, surge a ideia de fazer com que os livreiros rasguem as capas dos livros não vendidos. Na Hachette examina-se outra maneira de distribuir o livro. A taxa de devolução é de 10%, diz Frédéric Ditis, e a escolha dos livros resulta mais cara do que o seu

Antoine Gallimard, é um instrumento de luta contra a inflação. Le Vent Paraclet, de Tournier, que custa 100 francos na edição original, só custa 32 na «folio». O que decerto explica a atenção benevolente dos poderes públicos...

Edouard de Andréis, director-geral adjunto da Seuil (37% do volume de negócios da *Poche*), não acredita numa saturação do mercado, a julgar pelo número de novidades, que pouco aumentou nos últimos três anos. Mas ele acredita na *selecção natural*. O período de reedição dos clássicos e dos grandes contemporâneos está quase terminado. **Algumas colecções terão dificuldade em aumentar os seus títulos nos próximos anos.** Ele também acha que o bloqueamento dos preços, quando o preço do papel e do fabrico mudam, torna a vida difícil às colecções de preço único. **Os nossos limites de rentabilidade são cada vez mais altos, diz ele. Em breve hesitar-se-á em publicar títulos em menos de vinte e cinco mil exemplares, o que poria problemas aos títulos mais selectivos.**

Livros pesados

Mas, para os títulos de menos venda, os editores criaram colecções intermédias, que propõem textos impressos em melhor papel, com uma capa por vezes elegante, com tiragens entre os seis mil e os oito mil exemplares e que, pela sua qualidade, mereciam ser republicadas. «Tel» e «L'Imaginaire» são publicados por Gallimard, «Biblio» pelo *Livre de Poche*, «Les Cahiers Rouges» por Grasset, «Pavillons» por Robert Laffont, etc.

Nesse editor, Guy Schoeller lançou os seus «Bouquins», grandes volumes espessos e sólidos, de 800 a 1200 páginas, isto é, o conteúdo de quatro a cinco livros de bolso e que custam entre 60 e 98 francos. Publica aí textos raros e dicionários. Os seus doze primeiros títulos tiveram trezentos mil compradores. Em dois meses, a erudita «História do Declínio e da Queda do Império Romano», de Gibbon vendeu dois mil exemplares. Satisfeito com esse êxito Guy Schoeller encara a hipótese de publicar em 1987 a obra de Proust, completada por um «dossier» de 250 páginas da autoria de quatro universitários...

E, no livro de bolso «normal», Christian Bourgois, o autor de «Empresas um pouco Loucas» que deplora o desaparecimento do público dos anos 1970-1975, curioso e amante de teoria, nem por isso deixou de conseguir a renovação da sua colecção. Ocasionalmente os seus «10/18» figuram entre os livros de bolso mais elegantes. É de sublinhar a boa influência estética do pequeno formato sobre o conjunto da edição.

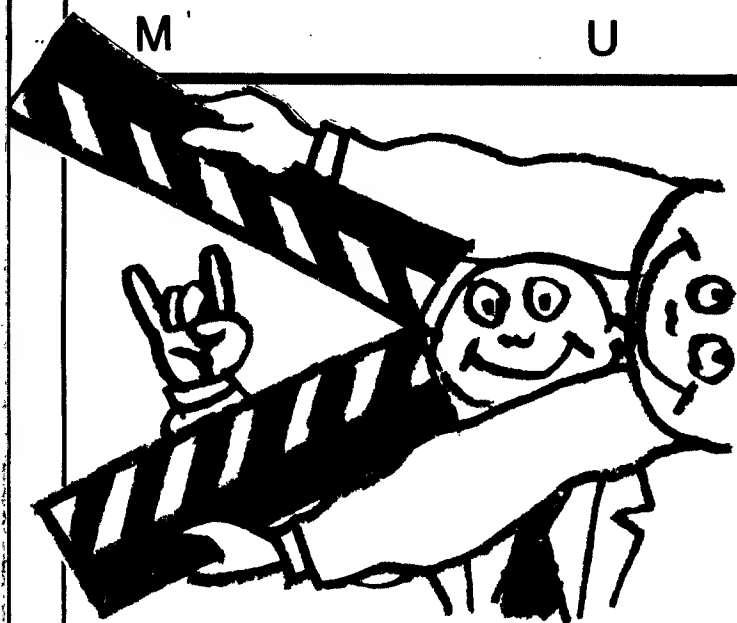
O livro de bolso, considerado na origem como um produto de segunda ordem, tornou-se pois uma edição em parte inteira. Frederic Ditis acha que só ocasionalmente publicará inéditos. É certo que Pierre Belfond, que outrora quis lançar inéditos em *Poche-Club* só perdeu com isso. Seria cedo demais? O certo é que a jovem colecção *Points-Virgule* da Seuil, que

publica numerosos inéditos, é um êxito que surpreendeu toda a gente.

A chegada do livro de bolso à autonomia também tem repercussões na edição primitiva. Ele incita a títulos cada vez mais «frescos» e provoca a diminuição de vida das edições normais. As novidades passam cada vez com mais frequência, ao fim de um ano, para o livro de bolso. A progressão das vendas do pequeno livro é paralela a uma lenta erosão das vendas das novidades. Segundo Antoine Gallimard, em dez anos as vendas médias dos primeiros romances passaram de mil e quinhentos para oitocentos exemplares. Ora um jovem romanista precisa de ser publicado em edição corrente para se impor e receber a consagração dos medias... Veremos desaparecer a primeira edição ou surgir a publicação simultânea em «luxo» e em bolso? De momento nenhum editor se atreve a fazer um tal prognóstico. Uma questão que nunca, estranhamente, se põe, a propósito dos livros coroados pelos grandes júris literários, volta incessantemente o livro de bolso leva as pessoas a ler mais? **Ele democratizou a leitura**, responde Frederic Ditis. Talvez convenha sermos prudentes. Os relatores do VI Plano já causaram escândalo em 1970 ao avaliar em 1% o alargamento do público motivado pelo livro de bolso. Em todo o caso pode-se pensar que com cento e dezanove milhões de volumes realizados em 1982, o que representa um terço da produção total dos livros, tendo ele próprio duplicado em vinte anos, o livro de bolso aumentou o número de leitores.

Uma sondagem do serviço de estudos e investigações do Ministério da Cultura, publicado em 1982, indicava que 26% dos franceses não tinham lido nenhum livro durante o ano, mas em 1973 eles eram 29%. Os livros de bolso constituem mais de metade da biblioteca dos jovens entre os quinze e os vinte e quatro anos, entre os parisienses, estudantes e alunos. Outra sondagem, publicada este mês pelo mesmo serviço, diz que, dos dezoito aos vinte cinco anos, período da vida em que mais se lê, um «jovem trabalhador» em dois lê menos de dez livros por ano. O acesso à leitura é mais um problema de sociedade do que um problema de edição.

Que resta nas cabeças dessa cultura barata? Há vinte anos, a «inteligentia» tomou, de súbito, consciência de que ensaios, obras de erudição que se julgavam reservadas a uma elite, eram maciçamente distribuídas pelo livro de bolso. Em Novembro de 1964, Hubert Damisch publicou no *Mercurio de France* um estudo de grande repercussão contra a cultura de bolso e autodidacta. Em Abril e Maio do ano seguinte, a revista de Jean-Paul Sartre *Les Temps Modernes*, consagrou um «dossier» a este tema: o filósofo mostrou-se dos mais reticentes. Com o recuo do tempo, a posição dos detractores do livro de bolso, surge, sob o brilho dos argumentos, com uma certa cor de elitismo, de nostalgia perante uma certa intervenção da cultura.



Com o prometido depoimento de Luís Salgado de Matos, presidente do IPC, damos por provisoriamente encerrado este breve debate em torno da actualidade do cinema português. E dizemos provisoriamente porque, quer as decisões na forja (que Salgado de Matos anuncia), quer o futuro próximo do plano de produção para 1984 não deixarão de merecer a nossa atenção, atendendo-se a que o que parece estar em curso é uma mudança de fundo do papel do IPC: de um organismo financiador e dinamizador desliza, lenta mas seguramente para uma intervenção

Cinema português: debate provisoriamente encerrado

centralizada em todos os domínios. Há uma filosofia estatizante no seu rumo, ao contrário do que ocorre na generalidade da sociedade portuguesa. Rumo tanto mais curioso quanto os seus promotores e inspiradores se opuseram, em 1975, que essa filosofia vingasse em Portugal. Com uma diferença: em 1975 tudo era mais claro e, evidentemente, não era a presente facção intelectual quem estava no Poder. Debate provisoriamente encerrado, portanto. Mas em aberto. E sem conclusões.

Jorge Leitão Ramos



Não é possível falar em indústria quando uma act é permanentemente subsidiada

O

começo da aplicação do novo Regulamento da Assistência Financeira à Produção Cinematográfica suscitou natural interesse na profissão e no público. É natural que assim seja: o cinema português é muito falado, a atribuição de subsídios suscita inevitável controvérsia. O Instituto Português de Cinema agradece ao «Sete Ponto Sete» e ao «Diário de Lisboa» esta oportunidade de contribuir para o esclarecimento do público.

Em que consiste o novo regulamento? Para responder à pergunta parece necessário fazer um breve diagnóstico da situação da produção portuguesa. Sem este pano de fundo, as soluções adoptadas no regulamento não serão facilmente compreensíveis.

Caracterizemos então a situação actual, em termos de produção primeiro e de comercialização depois. A produção é quase inteiramente subsidiada pelo IPC. São raras as co-produções ou as co-participações com empresas estrangeiras e ainda mais raros os filmes de fundo feitos sem o apoio do IPC.

O aumento dos custos de produção tem sido constante por razões que, em larga medida, escapam à responsabilidade dos agentes económicos portugueses.

A difusão do filme português quase se limita, infelizmente, ao circuito de salas portuguesas. A televisão portuguesa exhibe poucos filmes portugueses modernos. As vendas a televisões estrangeiras são esporádicas.

É raríssima a exibição de filmes portugueses nos circuitos comerciais de salas em países estrangeiros.

O filme português tem um acesso difícil ao circuito de salas portuguesas. Existem outros circuitos de exibição diferentes das salas de cinema. Mas deve registar-se que, nos últimos anos houve ligeira melhoria da situação. Mas as receitas que asseguram são completamente insuficientes.

Por outro lado, corremos o risco de se generalizar, a ideia de gratuidade da exibição de filmes portugueses. Numerosas escolas, colectividades ou associações multiplicam as ocasiões especiais em que procuraram mostrar, sem encargos, filmes portugueses. É louvável o desejo de informação assim manifestado. Mas já é menos favorável que os produtores não sejam devidamente remunerados.

Esta situação tem numerosas causas. Há uma razão central que, contudo, não pode ser iludida: o mercado de salas português não é suficiente para amortizar o custo de produção de um filme português. Vejamos rapidamente porque. Suponhamos que — e é uma hipótese favorável — o produtor arrecade 30% das receitas de bilheteira. Suponhamos também que o preço médio do bilhete é 100\$00. São suposições muito próximas da realidade portuguesa.

Luís Salgado de Matos Presidente do IPC

Para amortizar um filme que custou 20.000 contos seriam necessários mais de 600.000 espectadores. Ora é muito raro que entre nós um filme atinja um tão elevado número de espectadores. De facto, o número médio de espectadores por filme em Portugal andou pelos 9000 espectadores (1982). Um grande êxito como «Os Salteadores da Arca Perdida» teve 440.000 espectadores (até fins de 1982), «Reds» 296.000. Um filme português com 100.000 ou 150.000 espectadores não se paga, pois, com as receitas de bilheteira — e, neste sentido, dá prejuízo.

É este um dado central que não é possível esquecer nem contornar. Daí resulta que o capital privado de risco só excepcionalmente ocorre a financiar a produção de filmes. daí resulta que se fazem poucos filmes porque são escassos os fundos públicos. Daí resulta que não é possível falar, com rigor, em indústria quando uma actividade é permanentemente subsidiada porque estruturalmente deficitária. É possível, sim, termos filmes feitos com elevado grau de profissionalismo e cuja qualidade os faça aceitar tanto em Portugal como no estrangeiro. Não tem indústria cinematográfica quem quer mas quem pode. O IPC apoia a infra-estrutura (laboratórios, estúdios) e tomará outras medidas que permitirão, eventualmente, a criação de uma indústria de produção cinematográfica portuguesa. Mas ela não pode assentar

apenas nas salas portuguesas: como a seguir melhor se verá, exige ligação com a televisão e exportação.

Acrescente-se que a eventualidade de uma indústria de cinema não pode servir para uniformizar o tipo de filmes produzidos e reduzir a um escasso número os realizadores e produtores contemplados.

É neste contexto que tem que ser perspectivado o problema do público do filme português. A questão é complexa e avançaremos apenas algumas perguntas. Em primeiro lugar: Há um público de cinema ou há públicos?

Em segundo lugar: o cinema português fortalece-se se ao aumento de público corresponder um aumento dos défices dos filmes? Em terceiro lugar: há alguma fórmula que permita produzir filmes cujo êxito comercial — cujo público — está de antemão garantido? Por fim: há algum produtor ou realizador que só tenha tido êxitos de bilheteira?

Objectivo de fundo: regularizar a produção

A produção de filmes é uma manifestação de vitalidade cultural, necessária ao equilibrado desenvolvimento da cultura portuguesa e da cultura dos portugueses. E também um instrumento significativo da nossa projecção internacional.

É neste contexto que surge o novo Regulamento da Assistência Financeira à Produção

Cinematográfica, anexo ao Despacho Normativo n.º 29/84, publicado no «Diário da República» de 31 de Janeiro passado.

Um objectivo de fundo é regularizar a produção: o último plano de assistência financeira datava de 1981. Os objectivos essenciais desta regulamentação são: diminuir o custo de produção dos filmes portugueses; melhorar a sua relação com o público; fortalecer as empresas produtoras e os criadores, nomeadamente os realizadores.

Para alcançar estes objectivos estabeleceu-se o seguinte regime. Começou-se por definir um subsídio máximo, igual ao valor de um filme padrão. Que é um filme padrão? Trata-se de um conceito que tem fins exclusivamente orçamentais: «é um filme passado na actualidade e que, exigindo menores investimentos, é técnica e artisticamente adequado ao mercado português». Com base nos pre-

ços dos factores de produção, fez-se um orçamento de um filme padrão cujo valor, para o formato de 35 mm, é de 20500 contos. Claro está que este valor não limita a liberdade do realizador ou do produtor que o podem aplicar como entenderem. O único constrangimento é o do valor do subsídio e, portanto, o do custo do filme. E, ainda aqui, através do mecanismo dos empréstimos e do recurso a capitais exteriores ao IPC é possível diversificar os tipos económicos de filmes: a nova regulamentação abre as portas à produção de filmes subsidiados cujo custo total poderá exceder os 40 000 contos.

A determinação do subsídio máximo traduz a preocupação de aumentar o número de filmes produzidos em Portugal. Para isso é necessário fazermos filmes mais baratos. Se o subsídio do IPC for superior ao necessário para produzir um filme em



ividade

As condições técnicas e profissionais, será menos o número de profissionais a trabalhar e haverá o estímulo para que os produtores obtenham fundos externos ao subsídio do Estado. O subsídio máximo igualiza as oportunidades dos produtores e realizadores. O IPC concederá empréstimos que premiarão os produtores que obtiverem aqueles financiamentos externos. A concessão do empréstimo, é necessário que o filme tenha a potencialidade de o amorar. Perguntará o leitor: se os filmes não são rentáveis, como é possível que alguém lhes empreste ou neles invista? O subsídio não reembolsável do IPC diminui os riscos e a amortização dos custos e, portanto, poderá atrair capital. No caso, por exemplo, de produtores estrangeiros que não estão interessados em produções ou co-participações com empresas portuguesas e que trazem novos mercados. Outras medidas constantes do plano destinam-se também a diminuir os custos de produção. É o caso do «pool» de distribuição, que visa alcançar melhores condições de preço na compra de material sensível, e a empresa de comercialização estrangeira que procurará dividir as despesas com a distribuição do filme português no exterior, aumentando a sua eficácia.

à ajuda automática

A escolha dos projectos é feita em duas fases. Numa primeira fase, um júri formado por personalidades idóneas escolhe a base em três critérios:

- garantias de qualidade artística e cultural;
- capacidade de comunicação com o público a que se destina;
- rotatividade dos realizadores contemplados.

Não se contempla portanto a ajuda automática. Ela só se justifica quando existe uma produção regular. Por outro lado, a sua aplicação determinaria a perpetuação de desigualdades anteriores.

Numa segunda fase, os projectos inicialmente escolhidos são avaliados com base em dois critérios: viabilidade de execução dentro do orçamento proposto e garantias de cumprimento do plano de trabalho e do orçamento apresentado.

Todas as fases do processo são públicas, o que dá garantias de uma melhor escolha e da protecção dos direitos individuais.

Uma vez escolhidos os filmes serão atribuídos os subsídios não reembolsáveis.

Protocolo com a RTP vai ser negociado

Não se pode pedir a uma regulamentação da produção cinematográfica que reestruture a produção cinematográfica. É simples a explicação do paradoxo: a integração vertical é muito forte no cinema e, por isso, a produção de filmes é fortemente condicionada pelas condições da comercialização desses mesmos filmes.

Aliás, o despacho que põe em vigor o novo regulamento afirma que ele é transitório porque não está ainda estabelecida a conveniente articulação entre o cinema e a RTP e porque é necessário reconsiderar a problemática da distribuição e da exibição dos filmes portugueses, quer no mercado nacional quer nos mercados estrangeiros.

O I.P.C. está a trabalhar nas direcções referidas acima. O Conselho de Administração da RTP aceitou — honra lhe seja — uma proposta de abertura de negociações para um protocolo sobre as relações entre o cinema e a televisão, a exemplo do que sucede nos outros países europeus. A proposta do IPC está em fase avançada de elaboração e em breve a apresentaremos à RTP.

O IPC está também a trabalhar na apresentação de propostas sobre a difusão do filme português. E está a trabalhar em várias direcções.

Irá apresentar em breve ao debate público um projecto de regulamento de assistência financeira à exibição que, além de ser justa em si mesmo, contribuirá para o alargamento do mercado português.

Em segundo lugar, está a estudar a possibilidade de constituição de uma empresa de comercialização de filmes portugueses no estrangeiro. Para clarificar as «regras do jogo» da produção cinematográfica — e porque os estudos de viabilidade não estão ainda concluídos — era necessário prevenir os produtores que teriam de ceder os direitos de comercialização no estrangeiro dos filmes subsidiados. Já foi entregue às Associações de Realizadores e de Produtores um projecto de regulamentação que, nomeadamente,

prevê a possibilidade de os produtores cederem direitos sobre mercados externos (assim salvaguardando as co-produções e co-participações) desde que obtenham adequadas compensações. Outras entidades serão consultadas sobre o referido projecto, que anexamos.

Vamos negociar acordos cinematográficos com países europeus. Já concedemos facilidades nas co-participações.

O cinema português tem que exportar; no campo da produção isto significa desenvolver as co-produções e co-participações.

O IPC está ainda a estudar a possibilidade de execução de um sistema de protecção à exibição do filme português que, protegendo a produção, acautele os interesses da distribuição

e da exibição. Até ao fim do próximo mês será apresentado um projecto neste sentido.

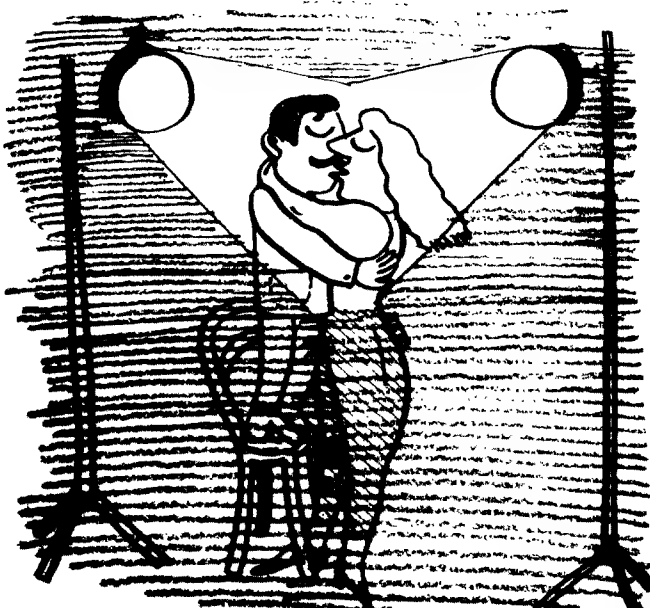
O cinema português tem condições para se desenvolver se todos soubermos aproveitar a difícil situação actual para efectuarmos a necessária reestruturação. A exiguidade do mercado interno é um «handicap» inicial. Mas temos trunfos importantes: a qualidade dos técnicos, artistas e profissionais portugueses, os nossos baixos custos de produção em termos internacionais.

Se jogarmos bem estes trunfos, o cinema português e os filmes portugueses poderão impor-se em Portugal e no estrangeiro. ■

*Os subtítulos são da responsabilidade de 7.7

Anteprojecto de Regulamento dos Direitos de Comercialização para o mercado externo dos filmes subsidiados pelo IPC, apresentado às Associações de Realizadores e de Produtores.

1. Os direitos a que se refere este instrumento abrangem todos os mercados com exclusão de Portugal e dos países ou territórios abastecidos regularmente pelas empresas distribuidoras portuguesas.
2. Os direitos a que se refere o presente instrumento compreendem:
 - a) Exibição comercial em salas de espectáculos;
 - b) Exibição em estações de televisão;
 - c) Transcrição para sistema vídeo ou similares;
 - d) Reprodução de banda sonora;
 - e) Direitos de «merchandising».
3. O produtor do filme subsidiado cede à empresa que, nos termos do artigo n.º 23.º do Despacho Normativo n.º 29/84, de Sua Excelência o Ministro da Cultura, se dedica à comercialização de filmes no estrangeiro os direitos de venda, a contar da data da entrega da cópia síncrona do filme nos serviços do IPC, pelo período de dois anos renováveis uma ou mais vezes se não houver denúncia até trinta dias antes do prazo.
4. O produtor do filme subsidiado que pretenda alienar direitos para mercados externos determinados, ou percentagem fixa de direitos sobre as receitas do filme, antes da entrega da cópia síncrona ao IPC, comunicará a este as condições em que pretende contratar aquela alienação. No prazo de oito dias úteis a contar da recepção da proposta do produtor, o Instituto comunicará a sua decisão. O IPC autorizará a cedência excepto se:
 - a) Não houver adequada contrapartida entre os direitos cedidos e as vantagens obtidas pelo produtor português;
 - b) Não forem fornecidas provas de idoneidade comercial do contratante estrangeiro;
 - c) Não houver instrumento jurídico que formalize validamente a cedência de direitos.
5. O produtor do filme subsidiado será pago por cada venda que for efectuada pela empresa de comercialização, que cobrará uma percentagem, nas condições comerciais prevalentes nos mercados em causa. ■



Mensagens pessoais

Atenção fotógrafos

Desejo adquirir em bom estado máquina fotográfica com banco óptico 13X18 ou 9X12 com ou sem ópticas. Contactar João Sousa Marques, Rua Cidade da Beira, 62 5.º Esq., telef. 312257. Urgente.

Canon A-1

Vende-se Canon A-1, com objectivas de 50 MM/1.8 e Zoom 70-210 MM/4 (Canon) por preço a combinar. Responder a: Jorge Girão, pelos telefones: 60 90 61 (Ext. 365) das 14.30 às 17.00; 204 26 95 das 19.00 às 20.00.

Gageiro

Album fotografias «Gente» de Eduardo Gageiro, compro. Tel. 32 75 51 das 10-12 e 15-18.

Correspondente

Desejo corresponder-me com jovens leitores do Diário de Lisboa, que residam no Norte do País, para troca de conhecimentos e possível amizade. Tenho 17 anos e sou estudante. Teresa Pereira, R. António Sardinha, n.º 24-3.º Dt.º 2700 Amadora.

IVA: iniciações

Sabe que o Imposto de Transacções vai ser substituído pelo Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA)? Sabe que este novo imposto vai abranger mais de 90% dos comerciantes e industriais? Dão-se cursos de iniciação de 10 horas. Dirija-se à Rua Tomás da Anunciação, n.º 83-r/c — 1300 Lisboa. Telefone 68 85 72.

Artesanato em mármore

Vendo artesanato em mármore: cinzeiros, serra livros, candeeiros, abuleiros damas e xadrez, etc. Telefone 923 35 19 depois 19 horas.

«Abat-jours»

Vendo. Fabrico e restauro. Bons preços. Se preferir traga o seu próprio tecido. Adapto a candeeiros peças diversas. Desconto aos leitores deste jornal. Av. do Brasil, 182 traseiras. Fácil estacionamento. Telefone 88 19 37 — 1700 Lisboa.

Postais de aviação comercial

Troco e compro, modernos ou antigos. Se preferir oferecer os que tem, melhor, vou buscá-los. Paulo Onofre, tel. 96 07 11, Largo Falcão Rodrigues 10, Belas.

Traduções alemão

Fazem-se traduções à máquina de alemão/português e português/alemão por correspondente-tradutora-intérprete reformada. Contacte Cecília, Rua Silva Carvalho, 305-3.º — 1200 Lisboa.

Tensão arterial

Aparelho de medir a tensão arterial vendo com estetoscópio ao preço de 2800\$00. Peça informações ao apartado 5386 — 1708 Lisboa Codex ou pelo tel. 76 74 94.

Explicações

Licenciada em História dá explicações de História, Português e Francês ao ciclo preparatório e ensino secundário. Contacte Rua Abade Faria, 18-2.º Esq. — Mercês — 2725 Mem Martins. Telefone 921 62 40.

Mobiliário

Mesas e cadeiras, para cafés, restaurantes, pastelarias, bares, cervejarias, escolas, refeitórios, colectividades de recreio, centros de convívio, clubes, etc. Preços de revenda. J. Meirelles Est. de Chelas 201, telef. 38 60 31.

Apartamento Oeiras

Mobilado, alcatifado, com electrodomésticos e T.V., em Oeiras, com vista para o mar; grande sala comum, quarto, salinha, despensa, «Kitchenette», marquise e varanda. 30 000\$00. Telefonar para 64 14 14.

Apartamento Caparica

Aluga-se apartamento novo, com quatro assoalhadas, hall e duas casas de banho, quase completamente mobilado, junto às praias da Caparica, a meia-hora da Pç. de Espanha e a um quarto de hora de Almada. Trata pelo telefone 243 37 47.

Consultório

Aluga-se sala com 2,5X4 m, 3 janelas, em andar ocupado por consultórios e sala de espera comum. Telefonar para 207 94 30 após as 20 horas.

Casa Sintra ou Estoril

Casal de 75 e 76 anos de idade, ele aposentado da função pública, precisam alugar casa na linha de Sintra ou do Estoril, com uma renda que seja humanamente possível pagar. Agradeço resposta para o telefone 243 47 03, depois das 20 horas.

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Academia dos Amadores de Música

Um século de transparência

C

em anos. Já um século? Começou por ser um núcleo elitista, amante da música no tempo em que as audições eram um acontecimento na vida lisboeta. Depois, com mais crise menos crise, foi-se confirmando como escola, lugar de ensino para amadores e profissionais, competindo com o Conservatório sem se deixar ficar mal, antes pelo contrário. Actualmente as suas instalações são inadequadas, em termos de espaço, à elevada frequência de alunos (cerca de 750) que aprendem a dominar os mais variados instrumentos (piano, guitarra, violino, violoncelo, contrabaixo, flauta de bisel e transversal, clarinete, trompete e saxofone — esqueci algum?), que se iniciam nos conhecimentos teóricos e práticos da música.

Os dois pilares que suportam a Academia são, sem dúvida, a Escola e o Coro, esse lendário Coro em que Lopes Graça tem desempenhado um papel importantíssimo. Sem ele talvez não fosse o que foi nem o que ainda é. **«Aparecem caras novas todos os anos, embora muitos dos antigos se mantenham...»** Diz Albino de Faria, um veterano, com 34 anos de Coro, a glória das exhibições públicas e a rotina das terças e quintas, dias de ensaio. É um daqueles hábitos afectivos que nunca se quebram.

Por aquele segundo andar da Rua Nova da Trindade, por cima do Oscar dos livros, já passou muita gente. Anónimos aprendizes de música, músicos famosos, nomes da literatura, tiveram ali acolhimento, cada um no seu campo, na sua tarefa. **«Nesta sala, na noite de 19 de Dezembro de 1945, tocou pela última vez em público o pianista José Viana da Mota».**

Há cem anos chamava-se Real Academia dos Amadores de Música e era dirigida por cavalheiros da nobreza. Hoje é simplesmente Academia dos Amadores de Música e tem uma direcção plebeia, mas, nem por isso menos capaz. A sua fundação, que data de Março de 1884, está ligada a «homens e damas habitados a pisar alcatifas reais, verdadeiros profissionais da música, pois era certo que dela não se mantinham, com ela gastavam tempo e entusiasmo...», segundo uma reportagem, publicada no «DL», em 1952.

Lourdes Féria

Lê-se numa placa. Pois foi exactamente naquela sala, agora em obras porque ameaçava ruir. **«Conseguimos um subsídio da Fundação no valor de 5000 mil contos para as obras... mas faltam-nos ainda cerca de 12 mil, o previsto para a sua conclusão».** Afirmo Fernando Flores, professor de contrabaixo e membro da direcção da Academia.

Acústica

Por sorte descobriram um anexo, nas traseiras da casa, abandonado há cerca de quinze anos, onde se estão a construir novas salas de aula, devidamente adaptadas, em termos acústicos, ao exercício da especialidade que na Academia se ensina. Era perturbador para um professor, para um aluno de piano ouvir, distintamente, no compartimento ao lado, a aula de... por exemplo, de guitarra. Mais do que perturbador, era insuportável. **«Com as obras vamos ter, no respeitante a condições acústicas, uma das melhores escolas do País».**

Para a direcção da Academia dos Amadores de Música a escola é fundamental mas não é tudo. Há que desenvolver outras actividades, dando cumprimento ao que os seus estatutos dizem: **«Desenvolver o culto da Arte em Portugal por meio da sua escola de música, concertos e conferências».** Tarefa cada vez mais árdua visto que a

Academia não nada em dinheiro. Antes do 25 de Abril ainda se ia fazendo alguma coisa graças à caridade dos músicos que actuavam por amor à arte. Nos dias em que vivemos, mecenas, bemfeitores, gente de boa vontade, rareiam. A propósito: o que sucedeu à «Gazeta Musical», a revista da Academia? **«Está parada há mais de vinte anos... há pessoas interessadas em fazê-la reviver mas não vejo como...»** (Albino de Faria).

Fundada na década de cinquenta, a «Gazeta Musical» teve como dinamizador João José Cochofel que **«gastou muito dinheiro com ela».** Entre os colaboradores da revista sobressaem nomes como os de Mário Dionísio, José Gomes Ferreira, Joel Serrão... etc, etc. **«A revista correspondia ao sonho e à ambição de um grupo de amigos... mas vendia-se muito pouco. Curiosamente quem menos lia a Gazeta eram os músicos profissionais»** (Lopes Graça).

Setenta e sete anos tem o compositor e maestro Lopes Graça, o que não é factor de impedimento para a continuidade do seu trabalho de professor — harmonia, piano e composição — na Academia dos Amadores de Música. **«Em 1954 o Governo cancelou o meu diploma do ensino particular... só depois do 25 de Abril o retomei, já fora do tempo, e por haver falta de**

professores da especialidade». Fala-me, ainda, da crise nas orquestras e do período áureo, nos anos trinta, quando havia três orquestras sinfónicas em Lisboa. Menciona: a do S. Luís, dirigida por Pedro Blanc, uma outra fundada por David de Sousa e uma terceira (a do Tivoli) dirigida pelo maestro Pedro Freitas Branco. **«Foi um período de grande brilho... mas a ditadura acabou com tudo».**

Lamenta Lopes Graça que as nossas orquestras sejam escassas e que algumas delas não funcionam por falta de músicos.

Interpretar Debussy, por exemplo, torna-se difícil pois há crise nos instrumentos de corda. **Nos instrumentos de sopro ainda nos socorremos indo recrutar músicos às bandas militares. Com as cordas é impossível... aliás a crise não existe apenas em Portugal mas também noutros países, sendo um fenómeno de carácter mundial. Claro que os países ricos ainda arrajam músicos, na medida em que possuem dinheiro para os contratar».**

Na Academia dos Amadores de Música ensina-se a tocar piano, guitarra... mas harpa já não. Diz Lopes Graça que há carência de harpistas, nas orquestras, e que ele próprio se defronta com um problema desse teor. Tem uma obra para estreitar, em S. Carlos, intitulada «D. Duardes e Fléride» que exige duas harpas e só conseguiu arranjar uma. Houve uma grande harpista portuguesa, Cecília Borba, sobrinha do antigo director da Academia Tomaz Borba, que formou muitos músicos da especialidade. A partir de Wagner, as orquestras contam com este instrumento... que é fundamental. Eu compus uma obra que nunca me foi possível apresentar porque precisava de quatro harpistas e não os tinha.

Já com a guitarra as perspectivas são outras. Há interesse e executantes suficientes. Há professores e alunos, não digo em abundância, mas pelo menos que cobrem as necessidades. A

guitarra clássica é um instrumento lindo, e está muito em moda... É evidente que eu também escrevo para guitarra. Os compositores escrevem para tudo o que for preciso... Por acaso até acabei de entregar uma obra inédita a um professor da Academia que conta com quatro guitarras. Sabe: a guitarra teve um enorme sucesso nos séculos dezasseis e dezassete. Agora nota-se um renascimento dela, sobretudo a partir de Segóvia. Há, de facto, um surto do gosto pela guitarra na música portuguesa.

E do piano? — pergunto lembrando-me de que, antigamente, o piano fazia parte das educações esmeradas. Bem... é mais difícil porque um piano custa centenas de contos. Por isso as famílias evitam, actualmente, educar os filhos no gosto desse instrumento.

Guitarra

José Peixoto, professor de guitarra clássica na Academia, manifesta a mesma opinião do maestro Lopes Graça. A guitarra é um instrumento popular, barato, enquanto o piano corresponde mais a uma tradição. De qualquer forma são os instrumentos que congregam maior número de alunos. Muitos jovens, que gostam de rock, vêm para a escola aprender guitarra, instrumento que custa entre quinze e trinta contos. Há quem estude por amor ao instrumento, por gostar de tocar... e quem persiga objectivos profissionais.

Ser músico é profissão rentável? Depende. Há o trabalho nas orquestras, bastante instável, e o circuito comercial puro «onde se pode enriquecer». José Peixoto está entre isto. Trabalha, neste momento, com Janita Salomé, no grupo de Caldeira Cabral (Música Antiga) e no Quinteto Xis, um grupo de jazz. Concilio todas estas coisas e ainda o ensino porque o trabalho de base, no aspecto técnico é o mesmo... a linguagem é que difere.

Matriculou-se no curso de guitarra da Academia com catorze anos, embora ache que se deve começar mais cedo, talvez aos quatro ou cinco anos, altura em que há uma sensibilização, mais profunda, aos sons e à melodia. Pelo que me é dado conhecer esta escola funciona. A verdade é que aqui começa-se e termina-se o ano lectivo sem grandes problemas, ao contrário do que sucede no Conservatório.

De acordo com um outro ex-aluno da Academia, hoje nela professor, o curso de guitarra ali ministrado autoconstruiu-se e encaixa-se num sistema que se auto-alimenta. Seduz de facto muita gente. E depois? Não é possível haver mais de 50 solistas em Portugal. Trata-se efectivamente de um instrumento fácil, tentador... mas em termos de es-

tudo afunila um bocado. Embora seja um bom acompanhador de cantores, na prática tradicional a guitarra é solista. Quanto à escrita para guitarra, penso que exige uma grande bagagem técnica e teórica. Dantes havia, ou talvez ainda haja, o preconceito de que a guitarra era um instrumento inferior.

Para Nuno Dorca a música traduz algo de muito forte e íntimo. Nós, os músicos de guitarra, somos muito solitários. Contudo ele toca com Pedro Caldeira Cabral. Actua num campo onde se sente bem e no qual pretende aprofundar os seus conhecimentos. **Espero que a Gulbenkian me conceda uma bolsa para estudar no estrangeiro. Aqui aceitam-se muito mais os músicos que dizem: estive no estrangeiro... é ótimo!**

Quanto à Academia dos Amadores de Música, tanto José Peixoto como Nuno Dorca, afirmam que serve, que se move. Não está morta, tem uma dimensão aconchegada, é simpática. **O Conservatório tem pompa mas também teias de aranha...**

Crítica musical? Para quê? Lopes Graça não lhe atribui grande significado. Aliás nem, sequer, a lê. Embora tenha sido crítico penso que quem decide do valor das obras é o público. Os músicos não precisam dos conselhos da crítica, mas sim dos mestres. É uma actividade muito delicada e perigosa... Através da história têm-se visto os falhanços da crítica. Maltratou grandes músicos, disse sobre eles enormes asneiras, o que não impediu o reconhecimento da sua qualidade. Repito: é o público que decide o destino das obras e as selecciona no tempo.

Coro

Com o seu Coro tem caminhado ao longo dos anos. Sempre solicitado, o Coro de Lopes Graça (como é conhecido) atende os pedidos que lhe dirigem sociedades recreativas, associações culturais, diversas entidades políticas e sindicais. Lá vai ele participar dos festejos do 25 de Abril em Santarém. Lá vai cantar as canções populares portuguesas inscritas no seu repertório. Fundado no tempo do MUD (Movimento de Unidade Democrática) com um determinado objectivo, actualmente subsiste pelo que vale. **Cantávamos as canções contestatárias e políticas, chamadas Heróicas, quase na clandestinidade, porque a Pide nos espiava..**

Diz Lopes Graça que cantar num Coro qualquer um o pode fazer, desde que não seja um caso desesperado. De uma dureza de ouvido perfeitamente invulgar. Nestes anos todos só me apareceram meia dúzia de casos impossíveis... Quanto à música popular portuguesa, apesar de degradada pelos

A alma e a memória da Academia: Lopes Graça e Francine Benoit.



P A R A Í S O S



Aqui cumprem-se os anos lectivos

Continuação da pág 6

meios de Informação, ainda se define pela riqueza. Claro, que existem zonas privilegiadas como o Alentejo, Beiras e Tras-os-Montes. As mais fracas são as zonas litorais porque o folclore implica a fixação das populações e uma cultura própria. Julgo que ainda há coisas para descobrir, embora Jacometti tenha percorrido praticamente todo o País...

Dentro em breve, os fans do Coro da Academia dos Amadores de Música têm à sua disposição mais um disco de canções regionais portuguesas, edição da Discoteca Básica, um departamento da Secretaria de Estado da Cultura. «O Coro, antes do 25 de Abril, até se radicou na Academia dos Amadores de Música, foi corrido de várias casas. Depois, o Borba chamou Lopes Graça e disse-lhe que tinha a Academia à sua disposição. Entre o reportório do Coro destacam-se verdadeiras obras-primas como as Encomendações das Almas. Para cantar num Coro não é preciso saber música. É uma questão de ouvido. Algo que se transmite de geração para geração como o artesanato. O sabor popular não se inventa, não se fabrica não se imita. De qualquer modo o canto pertence às manifestações instintivas do ser humano. Obviamente que o saber música ajuda... mas também pode ser destruidor (Francine Benoit). Pois é. Francine Benoit, uma mulher muito ligada à Academia dos Amadores de Música. Os seus noventa anos de idade não lhe pesam na cabeça. Mantém-se lúcida, como o cérebro a funcionar quase em pleno. Entrou para Academia pela mão de

Vieira de Almeida mas não se lembra bem quando (alguns lapsos de memória criam-lhe hesitações no discurso), no entanto sabe que pôs lá os pés, pela primeira vez em 1906, com onze anos. Como o meu pai corria mundo eu não tinha possibilidades de fazer a instrução primária, requisito exigido pelo Conservatório. Bem... sei que na altura do Regicídio eu era aluna da Academia. Adorei aquilo... eu falava muito mal o português e, por isso, não sabiam em que classe me haviam de colocar.

Porque a sua candidatura ao ensino oficial, no tempo de Salazar, era boicotada, Francine Benoit desempenhou as funções de professor na Academia. No entanto, muito antes, em 1920, ensinou na escola modelo da República, dirigida por César Porto. Na Academia ensinava História da Música, disciplina que detestou... era preciso ter conhecimentos que eu não tinha. Não obstante possuir uma cultura musical forte sou uma tarimbeira. Li alguma literatura francesa e livros de aventuras e expedições... o que é vago. Depois, passei a ensinar solfejo e, mais tarde, harmonia, substituindo Lopes Graça nessa função. Mas do que gosto mesmo... é de Contraponto, uma ciência subtil e arrevezada.

Desculpe a minha ignorância... mas o que é Contraponto? Francine explica: ... é a associação de melodias sobrepostas. Com orgulho informa-me que Emanuel Nunes tinha aprendido Contraponto com ela. Emanuel Nunes, o conceituadíssimo compositor português que, no estrangeiro, enfileira ao lado dos maiores? «Sim, sim... está na capela Stockhausen... eles têm releções e capelas...

eu não.»

Mas tem partido — digo. Não será também uma capela? Sou comunista há muitos anos. Mas quando as coisas entram nesse espírito de capela... é de fugir. Francine Benoit dirige o seu discurso para a Academia, referindo-se aos tempos de tulgur em que era dirigida por Tomaz Borba. Teve uma época em que decaiu um pedaço, quando Pedro Blanc assumiu a direcção. Ele era um bom mestre mas não tinha estofa para ser director, dado à sua incontrolável timidez.

Fala-me do prestígio da Academia quando estava instalada num palácio em Santa Catarina, ao cimo do elevador da Glória. E da sua fugaz passagem pela António Maria Cardoso, exactamente no prédio onde, depois, morou a Pide. Com o tempo foi-se verificando uma quebra sensível na Academia... hoje não há professores de Contraponto nem de certos instrumentos de corda.

Filha de mãe belga e de pai

francês, Francine Benoit, aos 90 anos, ainda dá lições de piano, em sua casa. Os portugueses gostam imenso de piano... Maria João Pires foi minha aluna particular. E continua a fazer crítica regular num vespertino de Lisboa. Crítica de música erudita. Da outra não entende nem está interessada em entender. Toda essa música que inunda o mercado é um vírus. Presta-se ao desencadear da brutalidade... Mas, por outro lado, pode ser boa para reunir milhares de pessoas num praça.

Francine Benoit é uma mulher interessante. Cativa-me pela maneira, quase desabrida,

como diz as coisas. Havia qualquer coisa em mim de indisciplinado e que se disciplinou pela força da vida. Eis uma das razões por que nunca se dedicou ao canto. Voltando, de novo, à Academia confessa-me que muito do seu prestígio se deve a Lopes Graça e ao Coro. Salvaguardou muito do património musical português e foi, por outro lado, um baluarte da Resistência.

Ouve muita música? — pergunto. Para quê? Tenho a música dentro de mim...

Despedimos-nos. Eu, já de saída, e Francine Benoit retem-me mais um pouco para que ouça o seu desabafo: gostava de saber o que se passa com o Conservatório... Também eu e, provavelmente, mais

um milhão de pessoas. Com a Academia dos Amadores de Música, o que para aqui importa, é tudo transparente. Um século de transparência, feito no dia 18 de Março. ■



Sete Ponto Sete

doces crónicas



Clip

● Com a aproximação do aniversário do 25 de Abril, multiplicam-se as iniciativas que visam comemorar os 10 anos da revolução dos cravos. A Cinemateca não escapou à regra e inaugura hoje um ciclo intitulado 25 de Abril-Imagens. Ao longo dele, a oportunidade de rever situações por muitos vividas e que fazem já parte de uma história que parece por vezes (assustadoramente) distante. «Brandos Costumes» de Alberto Seixas Santos e 25 de Abril de Jacques Comete (ambos de 74) abrem o ciclo às 21.30. Ao longo da semana serão exibidos, entre outros, Tarrafal-Campo da Morte Lenta (1978) da Unidade de Produção Cinematográfica n.º 1 e «As Armas e o Povo» dos Trabalhadores da Actividade Cinematográfica (1974). Amanhã às 21.30. Na quarta, às 18 horas, António Pedro Vasconcelos com «Adeus, Até ao Meu Regresso» (1974) e «Caminhos da Liberdade» (1974) da Cinequipa. Às 21 e 30, «O Povo Unido Jamais Será Vencido» (1974) de António Escudeiro e «Deus, Pátria e Autoridade» (1975) de Ruy Simões. Às 18 horas de quinta-feira «Cenas da Luta de Classes em Portugal-A Revolução Triunfará?» (1976) de Robert Kramer; às 21 e 30 «Que Farei Eu Com Esta Espada?» de João César Monteiro. Na sexta, às 18 horas «A Cooperativa Cesteira do Gonçalo» de António de Macedo.

● A Psicologia tem esta semana lugar de honra. O ISPA comemora os seus 20 anos, com uma série de conferências que têm como temas gerais: a Psicologia Clínica, Psicologia Educacional e a Psicologia Social e das Organizações. O programa inicia-se hoje às 17 horas com uma mesa-redonda dedicada à Análise Transacional. Música, teatro, um almoço de confraternização e uma sessão solene com Ramalho Eanes são outras facetas das comemorações que terminam no próximo sábado.

Museu dos Beatles em Liverpool

Vinte anos após o triunfo dos «Beatles» na cena internacional, Liverpool, a sua cidade natal, celebra à sua maneira esta semana os seus meninos-prodígio com a abertura de um museu em sua memória.

O «Beatle City Museum» situado mesmo ao lado dos clubes onde os «Beatles» deram os primeiros passos, é a maior exposição permanente do género no Mundo» afirmam os seus promotores.

O museu, francamente moderno, com uma fachada amarela percorrida por vigias, deve-se à iniciativa duma estação de rádio comercial de Liverpool e custou dois milhões de libras (cerca de 380 000 contos).

Já era tempo que Liverpool fizesse qualquer coisa para recordar que estes músicos, talvez os mais influentes do século, são originários desta cidade, sublinha Roger White, de 34 anos, o director do museu.

Entre os cerca de 800 objectos expostos em grande número,

comprados no salão de leilões «Sotheby», em Londres, encontram-se guitarras que pertenceram a John Lennon, a certidão do seu primeiro casamento, o carro «Mini Cooper» de Ringo Starr, o autocarro utilizado para a filmagem de «Magical Mystery Tour», fotos, cartazes, autógrafos e trajes de espectáculo.

Os «Copyright» obrigaram, todavia, o museu a limitar o recurso à música e aos filmes utilizados para ilustrarem a história dos «Beatles» desde 1956 até à sua dissolução, em 1971, White espera 350 000 a 400 000 visitantes por ano.

Por cada libra gasta no museu, dez libras devem ser gastas na cidade, calcula White, que espera que um «boom» turístico ajudará Liverpool a sair da crise financeira em que actualmente se encontra.

Se Liverpool não soube explorar até aqui a «beatlemania» é porque muitos dos grandes senhores viam os «Beatles» com maus olhos, explica White. Alguns censuravam-nos por voltarem as costas à cidade. Depois do seu sucesso, outros consideravam que eram drogados, que levaram uma vida dissoluta.

● Amanhã, é a vez da música contemporânea. No Grande Auditório da Gulbenkian, às 21 e 30, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, dirigido por Jorge Peixinho, toca obras do mesmo, de Clotilde Rosa e Constança Capdeville. Na quinta e sexta-feira, a Misa Criolla apresenta-se de novo em Lisboa, no Teatro S. Luiz, sob a direcção do maestro Ariel Ramirez e acompanhada pelo coro de câmara do Conservatório Nacional. Também na quinta, às 21 e 15, e sem sair de casa, pode ouvir Gal Costa e Elis Regina, na RTP-1.

Sete Ponto Sete

Mensagens pessoais



Maria Teresa Horta:
O machismo é um mal maior
da Imprensa Portuguesa

Pág. 7



Livro de bolso: o quê e para quem

Págs. 4 e 5

P A R A Í S O S

China: a pedagogia do fuzilamento

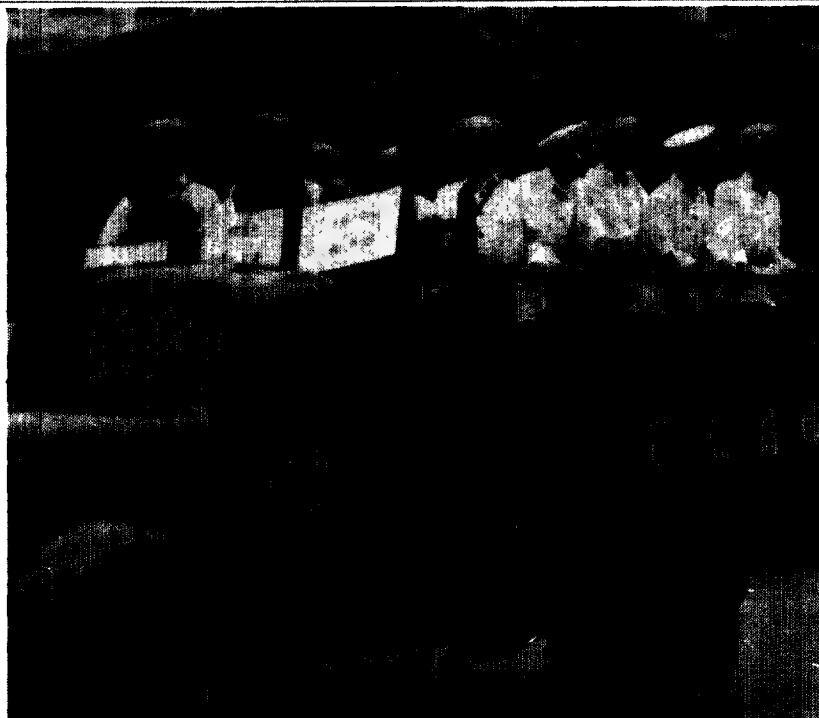
N

uma rua movimentada de uma cidade ao sul da China, a multidão detém-se perante um inusitado cartaz que parece ter saído de um **Western**: «Oferecem-se 2000 yuans pela captura dos irmãos Wang e 1000 yuans por qualquer informação que possa conduzir à sua prisão».

Os irmãos Wang, Wang Zongfang e Wang Zongmei, já não pertencem ao mundo dos vivos, liquidados que foram numa emboscada montada pela Polícia. Mas continuam a ser um dos paradigmas dos métodos de que se socorrem as autoridades chinesas para cumprir os objectivos da grande luta contra

vados de espírito contra-revolucionário. O crime não existia, tal como não existiam uma série de acontecimentos «próprios do mundo burguês». E, contudo, pela determinação e empenho com que decorre a actual campanha de saneamento, pelas severas sanções que esperam os elementos do submundo, pelas sessões de crítica e autocritica que têm vindo a ser realizadas dentro da luta contra a delinquência, pelas quotas de execuções previstas para cada província chinesa, pelos frequentes artigos da imprensa relatando horrosos crimes, conclui-se que a delinquência sempre existiu e que vinha assumindo um particular significado.

Logo no início da campanha anticrime, realizaram-se as primeiras execuções e assistiu-se a uma vaga de detenções sem precedentes, embora não se tenham justificado os receios daqueles que temiam ser a luta contra a delinquência um pretexto para reprimir as vozes dis-



Exibição de condenados à morte, imediatamente antes de serem executados



Execução de um ladrão em Guandong, sul da China, durante um ladrãoio

Luís Andrade de Sa

a criminalidade que, neste momento, decorre na República Popular da China. De facto, desde 1949, os Wang, acusados de terem morto uma dezena de pessoas, foram os primeiros cabeça-a-prêmio publicitados pelas autoridades e sobre eles se deve ter lançado um numeroso grupo de caçadores de prémios, dado o montante da recompensa oferecida: cerca de US\$ 1000 e US\$500.

Este género de acontecimentos, que se desenrola em dois sentidos, por um lado a propaganda exacerbada em torno dos objectivos da campanha contra o crime, e por outro, as execuções sumárias demonstrando a inflexibilidade da aplicação das sanções decorrentes daquela campanha, regista-se desde o Verão do ano passado, altura em que o Partido Comunista da China fez o «mea culpa» pela sua presumível brandura no combate à delinquência, lançando uma vasta operação de limpeza entre 1 bilião dos seus habitantes.

Conta-se que a violação da filha de um vice-ministro, ocorrida nas casas de banho públicas de Pequim, terá estado na origem da ofensiva policial, uma iniciativa que, pelos métodos utilizados, lembra, em parte, os piores tempos da Revolução Cultural. A diferença, já que os castigos continuam a ser exemplares e públicos, reside na retirada de qualquer conotação política aos delinquentes, outrora designados de contra-revolucionários e partidários do arquirenegado Li Shao Shi, e, hoje, nomeados pelos seu nome: criminosos.

O aumento da criminalidade

Há, desta forma, um reconhecimento do recrudescer da criminalidade, constatação que se tornava impossível há alguns anos pelo facto de, sempre, as autoridades chinesas se referirem às acções de violência como acontecimentos políticos e ei-

sonantes da moderna política chinesa. Parece, portanto, quase um ano após o desencadeamento da repressão ao mundo do crime, que esta apenas visou punir a marginalidade. Termo vasto, ainda mais se tomarmos em conta os inúmeros adjectivos da linguagem oficial de Pequim para designar os seus opositores, **marginalidade engloba**, e foi aí que as autoridades mais actuaram, gatunos, assassinos, violadores, quadrilheiros e toda a sorte de traficantes dos mais variados géneros.

A sorte que os esperou foi, quase sempre, funesta e se benevolente — se é que se pode empregar esse termo, tratando-se, muitas vezes, da pura eliminação física — em relação à antiquíssima assunção dos pontos cardeais do sofrimento humano («O jardim dos suplícios», de Mirbeau, é um belo tratado de acupunctura ao contrário) o mínimo que se pode dizer é que se tornou frequente a pedagogia do fuzilamento para tratar dos criminosos.

O sinal foi lançado logo no começo da campanha, com a execução pública de 29 homens e uma mulher, ocorrida em Pequim, no encerramento de um gigantesco comício e, desde então, têm-se banalizado as execuções, normalmente precedidas de grandes reuniões de massas. Nessa altura, em Agosto do ano passado, corriam rumores de estarem previstos duzentos fuzilamentos para cada uma das 29 províncias chinesas e cerca de 80 000 detenções em todo o país, números que carecem de confirmação, embora Jean Pasqualini (um especialista forçado nas questões policiais chinesas: esteve sete anos preso, na China) afirmasse, recentemente, em Paris, terem-se realizado 10000 fuzilamentos, entre Agosto e Novembro, e ter havido uma súbita superlotação nos estabelecimentos prisionais.

Um tiro na nuca

Aqueles que são condenados



Wei Jingsheng: condenado, em 1979 a 15 anos de prisão, por dissidência. A actual repressão não atingiu os adversários de Pequim

à morte, transformam-se em autênticos casos de exemplaridade pela propaganda e encenação à volta das suas execuções. Classificados de «abomináveis inimigos do povo que não merecem piedade», os que vão morrer são passeados pela cidade, ostentando no peito cartazes que descrevem os seus crimes, de modo a que ninguém fique alheio ao acontecimento.

Depois, num lugar público, e após nova enumeração das acusações, são liquidados com um tiro na nuca, permanecendo, muitas vezes, os seus cadáveres, durante algum tempo, no lugar da execução. No final, a multidão dispersa...

«Hábitos burgueses»

De quem é a culpa do recrudescimento das acções de delinquência que provocaram tamanha inflexibilidade na sua punição?

Dizendo pretender regressar à situação existente nos anos 50, altura em que as pessoas não receavam deixar as portas abertas, as autoridades chinesas admitem, em parte, ter havido uma má administração da jus-

tiça por parte de alguns quadros dirigentes. Se a principal causa, apontada em todo o mundo, como geradora das acções marginais, o desemprego, não tem aqui qualquer relevância, não só por ser pouco significativa como, também pelo PCC não admitir a sua existência, alguém terá de ser responsabilizado por esta situação e, assim, para além de algumas críticas a quadros do Partido, a maior parte das responsabilidades vai direitinha para a «perniciosa influência do regime esquerdista da Revolução Cultural» e para as «ideias e hábitos de vida burgueses», argumentos que, desde 1979, justificam tudo o que de mau acontece na República Popular da China.

No entanto, há também quem afirme que muitos dos mais frequentes crimes, nomeadamente infanticídio e delinquência juvenil, não serão alheios a uma certa tradição supersticiosa (especialmente, o mau augúrio que representa o nascimento de primogénito feminino), a um severo controlo de natalidade (limite de um filho por casal e, excepcionalmente, dois nas Zonas Económicas Especiais) e,

ainda, à esquizofrenia resultante da própria sociedade chinesa e que se faz sentir, sobretudo, nos meios académicos

Recuperação da justiça tradicional

Paralelamente a esta onda de «purificação» da sociedade, que se alastra a todos os domínios, desde o delito comum aos crimes contra a economia nacional, estão a decorrer acções que visam moralizar a justiça chinesa, muito desprestigiada aos olhos da população. Trata-se de um processo comum a todos os países socialistas: a liberalização na administração da justiça, com os tribunais a passarem para segundo plano nos processos de julgamento e a serem encarados como manifestações da decadência capitalista, e os decorrentes casos de injustiça e de perseguição individual acontecidos nos plenários populares, é agora a altura de se reformular e de se estabelecer definitivamente a prática tradicional da justiça.

Assim, para além de se terem introduzido alterações ao códi-

gos penal que alargam substancialmente o campo das penas de morte, decorre uma reforma da estrutura jurídica que visa cortar com o passado de justiça popular e prepara a China para os problemas de uma sociedade em vias de desenvolvimento e aberta ao exterior.

Segundo o órgão teórico do PCC, «Revista de Pequim», durante a reunião que juntou juristas vindos de todo o país, foram divulgadas informações que permitem concluir haver uma maior alfluência da população aos tribunais, facto impensável há uns anos atrás, quando as pessoas não acreditavam numa justiça que, frequente e salomonicamente, condenava as duas partes de um litígio.

É em função destes dados e ainda dos problemas decorrentes do incremento das relações comerciais com o estrangeiro (seguros, transportes, formação de «joint ventures», etc.) que o PCC, ao mesmo tempo que externaliza os «fait divers» da marginalidade, tenta reabilitar o sistema clássico de justiça, acabando de vez com as ideias populistas do Direito. ■

M U D A N Ç A S

Quando os gestores da TV estatal não são designados pelo Governo

O pluriemprego não é apenas característico da «crise» portuguesa: François Martou, 41 anos, vice-presidente da Radiotelevisão belga (francófona), é igualmente dirigente do pequeno Partido Federalista, vice-presidente do influente MOC (Mouvement Ouvrier Chrétien), professor de Economia responsável por duas cadeiras na Universidade Católica de Lovaina, director da nova FOPES (uma Faculdade Aberta que se dedica à formação de adultos), tesoureiro da velha *Revue Nouvelle*... e presidente da direcção de uma importante rede cooperativa de comércio alimentar, a EPC (Économie Populaire de Ciney), que aposta no relançamento da vida económica na deprimida Wallonie. Isto, evidentemente, se nos disse tudo o que faz.

E

LE esteve de passagem em Lisboa, para animar um debate sobre «Movimentos Alternativos» na semana do ISPA, e discutiu connosco a sua experiência de alguns anos como gestor público de Televisão: uma Televisão de Estado muito especial, visto que o telespectador belga tem hoje diariamente à sua disposição um total de 16 canais (franceses, ingleses, alemães, holandeses, além dos nacionais de Estado e da nova RTL) no conjunto do território, sem contar com as televisões comunais e intercomunais já existentes (a *Comuna* belga equivale à *Mairie* francesa ou à *Câmara* portuguesa), com o satélite que se anuncia e com os novos serviços em preparação: teletexto e seus sucedâneos.

Como se isto não fosse suficiente para tornar a Bélgica num país *sui generis* do ponto de vista do consumo televisivo, ela é, igualmente, o território europeu com maior densidade de *cabo*, e está em fase muito adiantada o estudo de um novo canal por assinatura, possivelmente destinado a uma programação de cineclubes. E não mencionamos a quantidade de videoclubes e, independentemente deles, o extenso mercado de cassetes...

A lei proíbe a RTB (francófona e flamenga) de passar publicidade — como Televisão de Estado que é — e as suas receitas, fundamentalmente dependentes do Orçamento nacional, são completadas por uma taxa que, como em Portugal, incide sobre o telespectador. Esta situação manteve-se mesmo depois de a RTB ter passado a viver em regime de concorrência... o que complica seriamente as dificuldades da sua gestão.

Em matéria de «pulverização» televisiva, só a Itália — onde foram autorizadas inúmeras televisões privadas, fortemente comerciais — ultrapassa o caso belga, na Europa.

Sinal dos tempos: durante décadas, a «esquerda» belga (do ponto de vista parlamentar, monopolisticamente representada pelos Socialistas) defendeu intransigentemente a TV «limpa» (sem publicidade). Hoje, face à concorrência da RTL, a mesma «esquerda» tornou-se defensora de um *aggiornamento* favorável à publicidade na RTB, e é o Partido Liberal, no poder, que vota contra esse *aggiornamento*, ao que se diz para facilitar a vida à RTL, que goza da sua simpatia...

O leitor perceberá que este quadro é completado por uma atitude de profunda desconfiança do Governo liberal face à RTB, em cujo conselho de gestão os socialistas têm por vezes votado com o gestor federalista

João Mendes

para obterem a maioria. Para o Governo liberal, a RTB é «mentirosa», «sectária», «jornalisticamente desonesta», «conservadora».

Mas — perguntar-se-á — como faz a RTB para se manter consideravelmente independente do poder? Ou, talvez preferivelmente, como fizeram os belgas para criarem uma Televisão de Estado que, pelo menos formalmente, pudesse ter a sua independência assegurada para além das alternâncias e flutuações do poder?

François Martou evoca, em traços gerais, a história dessa independência: à partida, o conselho de gestão era escolhido entre uma colecção de notáveis «reconhecidamente independentes»: intelectuais, professores universitários, membros de profissões liberais, representantes dos diversos *lobbies* não directamente políticos da conservadora sociedade belga.

Esse modelo mostrou esconder, na prática, formas de dependência política difíceis de controlar, visto que os «notáveis independentes» acabavam por votar ideias ou projectos fundamentalmente liberais, socialistas ou social-cristãos... como é natural.

O modelo actual de conselho de gestão é o do «miniparlamento», ou da representação partidária proporcional. O próprio Parlamento, acrescido de um certo número de representantes de instituições a que, em Portugal, chamaríamos «parceiros sociais», elegem o conjunto de gestores da RTB. Conse-

lhos de gestão tem havido, na RTB, que — como na relação de forças actual — desagradam ao Governo em exercício. Este, porém, está «manietado»: não o nomeia, não o destitui nem o substitui. Apenas existe um vínculo formal que permite ao ministro da tutela recorrer de um número limitado de decisões do Conselho. Na prática, é o ministro da tutela que «depende» dos gestores, no que toca às diversas questões levantadas pela vida e actividade da RTB. Se, por exemplo, é interpelado no Parlamento pela oposição a propósito da Televisão de Estado, o ministro deve, em princípio, consultar o presidente do Conselho de Gestão sobre o teor da resposta a fornecer.

Evidentemente que este sistema não constitui a panaceia universal contra todos os vícios de relação entre o Governo e a Televisão de Estado. As duas últimas décadas belgas são férteis em incidentes que, ora testemunham de uma sintonia excessiva entre Governo e Conselho, ora exprimem — como agora — uma relação marcada pela desconfiança política. Mas ele evita, sem dúvida, a menoridade institucional a que se vê condenado um corpo de gestores posto e deposto pelo poder como se passa em Portugal (a situação é, aliás, característica de todo o sector público, entre nós). O incidente recente entre o Governo português e alguns jornalistas do Telegiornal exprime com extrema clareza o absurdo constituído pelo facto de até mesmo os lugares de jornalistas do sector «Informação» acabarem por ser, na prática, postos da confiança política do primeiro-ministro.

Dois problemas que, segundo alguns, este sistema não resolve — sobretudo, porventura, em situações de democracia representativa insuficientemente sedimentada como é, sem dúvida, o caso português:

Por um lado, havendo sintonia política quase inevitável entre a maioria parlamentar e a expressão partidária do Governo, objectar-se-á que, passando a designação dos gestores da Televisão para as mãos do Parlamento, o resultado acaba por ser o mesmo.

Nuance: um certo número de representantes dos parceiros sociais acrescentam-se ao corpo eleitoral parlamentar. Tudo está, assim, dependente do número daqueles e do peso relativo do voto de cada um.

Por outro lado: o sistema tende a expandir-se mimeticamente muito para além da simples configuração do Conselho de Gestores, nomeadamente atingindo a distribuição de responsabilidades no «staff» jornalístico e nos restantes sectores. Nova *nuance:* a empresa pode e deve defender-se dessa tendência aprovando um regulamento interno que estipule a prioridade dos aspectos profissionais (em condições a descrever com rigor e precisão) sobre quaisquer outros, no tocante às nomeações e mudanças de posto. Este movimento de quadros pode, suplementarmente, ser controlado por representações de sector com poder de recurso...

A panóplia de aparelhos de *contenção do abuso* que a democracia participada propõe pode ser rica e eficaz... Desde que o poder mostre capacidade e maturidade política para a tolerar. Não é esse, manifestamente, o caso entre nós. Doentamente sensível ao que a Comunicação Social dele diz, o Governo actual abusa dos poderes de intervenção que uma lei, insuficientemente marcada pela experiência, lhe dá.

O que a experiência belga parece mostrar, pelo menos no tocante aos aspectos relativos ao corpo de gestores da Televisão de Estado, é que a considerável estabilidade de funções produzida por reconduções de candidatos experimentados fez subir o nível de competências, por um lado, e aumentou a independência de cada gestor em relação ao quadro partidário de que emerge. Por outras palavras, aumentou a capacidade de resistência de cada gestor contra projectos tecnicamente errados que surjam, eventualmente do seu próprio partido, para fazer vingar meros interesses políticos imediatos. Em matéria de gestão, é normal que a independência pessoal, quando fruto da competências, produza melhores resultados que a cega obediência partidária... ■



François Martou em Lisboa: «Sobretudo um professor»

A saúde do livro de bolso: quatro casos exemplares

Até a Penguin já não se limita a reeditar

O

fantástico aumento do livro de bolso no início dos anos 70, determinou uma autêntica revolução numa indústria do livro que até então se mantivera tradicional nos seus métodos. Em 1979, o número de livros de bolso vendidos na Grã-Bretanha atingia os 123 milhões e mantinha-se, apesar da crise, perto desse número. Quinze editoras juntando trinta e dois nomes diferentes (**Penguin Books**, que, por exemplo, englobavam a **Penguin**, a **Pelican** e a **Puffin**) partilham entre si o mercado do livro de bolso, a maioria delas trabalhando em estreita associação com um editor de livros encadernados.

A distinção entre o livro de bolso e o livro encadernado vem dos anos 1930, embora só tenha conseguido toda a sua amplitude em 1935 com a criação da célebre firma **Penguin**. Só com dois títulos, **Allen Lane**, o seu director transformou a indústria do livro. As séries dos **Penguin Modern Painters** editadas pelo grande

crítico de arte **Kenneth Clark**; dos **Penguin Music Scores**; e dos **Buildings of England** tiveram um êxito considerável. Ao preço de 17,5 pence o volume, não era preciso uma grande publicidade para os vender. Uma capa sóbria, destinada a distingui-los de rivais de um mau gosto por vezes espectacular, o nome de **Penguin** e, sobretudo, uma lista prestigiosa de 4500 títulos, bastavam para assegurar vendas regulares. A **Penguin** tornou-se uma instituição nacional.

Foi duro o acordar quando, nos anos 60, as firmas rivais **Corgi**, **Pan** e **Fontana**, logo seguidas por **Sphere**, **Futura** e **Granada**, passaram ao ataque, propondo ao público títulos de venda rápida. Para mais, certas casas editoras, que até então se tinham especializado na publicação de livros encadernados, lançaram ou desenvolveram as suas próprias colecções de bolso (foi o caso, nos últimos anos, de **Macmillan**, **Faber**, **Chatto**, **Allen e Unwin** e **Oxford University Press**) Elas também se dirigiram a companhias mais jovens e mais dinâmicas.

A **Penguin** perdeu assim autores como **Pynchon**, **Garcia Marquez**, **Joyce**, **Hemingway**, **Hammett** e **Isenwood**. Para sobreviver, teve de se transformar. No meio dos anos 70

fez-se apelo a uma das cabeças da edição americana, **Peter Mayer**, depois procedeu-se a um certo número de despedimentos, mais tarde reduziu-se a 22% o número dos títulos. 76 novos romances surgiram em 1980, contra os 95 de 1979.

Um dos directores, **Peter Carsons**: «É certo que a **Penguin** não soube aproveitar a sua chance nos anos 60, nem no princípio dos anos 70. Publicámos uma boa parte dos melhores romances actuais, mas negligenciámos por isso mesmo o domínio do romance popular. O mercado evoluiu e não nos adaptámos. Seguimos agora uma política diferente comprando romances que agradam ao grande público e nos põem em concorrência directa com casas como a **Futura**. Temos que recuperar o tempo perdido», concluiu.

A crise da **Penguin** não fazia, no entanto, mais do que reflectir a crise geral que afectava a edição britânica, a mais dura que esta conheceu num meio século. «Em 1981, os editores de livros de bolso estavam à beira do suicídio, diz um editor. O aumento dos preços era tal que os leitores já não compravam nada. «Era preciso tomar medidas energéticas, convencer o leitor a comprar, renovar o espírito da edição. «A edição estava colocada nas mãos de diplomados de

Oxford e Cambridge cujos gostos pendiam para os clássicos»; confirmando esta opinião do jornal **Newsweek**, **Ed Victor**, um dos agentes literários mais conhecidos de Londres, declarava: «A edição era um negócio de família; a ideia de que ela podia ser rentável tinha algo de chocante».

Este círculo familiar é agora substituído por uma nova geração de sólidos homens de negócios. Há três anos que eles se dedicam a podar os catálogos, aumentar o preço do livro e criar táticas comerciais de choque. Podemos recordar retumbantes campanhas de **Imprensa à volta dos «Vinte melhores jovens autores britânicos»** (315.000 romances vendidos, 96% dos quais eram de bolso, 600.000 libras estrelinas gastas pelos leitores) e a influência crescente do **Booker Prize**, o mais importante dos prémios literários ingleses (15.000 libras esterlinas) sobre as vendas.

Estes métodos salvaram a **Penguin** da bancarrota, dando-lhe um lugar importante numa indústria que hoje parece estar a sair da crise. Com um catálogo amputado de numerosos títulos e uma tiragem média de 100.000 exemplares (em vez de 250.000), a **Penguin** teve um bom ano de 1982. Declarou um lucro de 5,6 milhões de libras esterli-

nas.

No seu quinquagésimo aniversário, a **Penguin** lança um novo volume de um carácter um pouco particular: **The World of Penguin** de 160 páginas, é essencialmente composto por um catálogo de 5000 títulos da **Penguin**, a que se juntaram várias informações sobre os autores e a própria companhia, tudo por 1 libra esterlina. Com um lançamento de 500.000 exemplares, o volume parece ter ultrapassado as vendas de um best-seller. Beneficia de um orçamento de promoção de 60.000 libras esterlinas. A **Penguin** espera assim repor em circulação alguns títulos esquecidos. Outro sinal do seu desejo de atingir o grande público: um primeiro acordo foi concluído com a cadeia **Marks & Spencer**, cujas estantes terão agora algumas dessas obras **Penguin**.

As casas especializadas no livro de bolso já não se contentam, como nos anos 50, em reeditar antigos êxitos. Elas asseguram, cada vez mais, as edições originais (comprando os direitos de uma obra, depois revendendo-os para a edição cartonada que surgirá antes ou ao mesmo tempo da edição de bolso, ou publicando o livro somente em bolso). Assim, em 1980, **Penguin** e **Pan** publicaram, cada um deles,

mais títulos originais do que companhias como **Faber**, **Macmillan London** e **Heinemann**.

Um número crescente de editoras devem rever cada vez mais as suas atitudes e voltarem-se para o livro de bolso a fim de sobreviver. O romance de carácter literário, cuja primeira edição é cartonada, custa um tal preço (de 9 a 19 libras esterlinas) que terá poucos compradores. Com tiragens de 1600 exemplares será na sua maioria comprado pelas bibliotecas (uns 600 exemplares) e exportado (400). A sobrevivência deste género de publicação só é pois concebível se êxitos comerciais compensarem as perdas ou aumentarem ganhos necessariamente pequenos. Dois editores juntam-se por vezes, um deles especialista do livro de bolso, o outro do livro encadernado (por vezes fazem parte do mesmo grupo) para comprar os direitos de um «best-seller» potencial ou de um livro americano.

A originalidade da **Virago Press**, fundada por **Carmen Calil**, foi a de publicar romances (tanto reedições como primeiras edições) directamente em «bolso». De boa qualidade e muito bem apresentados tiveram imediatamente um êxito considerável. Hoje, **Carmen Calil** é, com **Mike Petty** (que dirigia a marca **Picador**, na **Pan**), à frente de **Chatto & Win-**

EUA: no máximo 3 milhões de exemplares

H

á alguns meses que a indústria do livro de bolso americano está em crise. Os editores que chegavam a vender 9 milhões de exemplares de um mesmo romance, conseguem hoje atingir com dificuldade os 3 milhões de exemplares, mesmo que se trate de um «best-seller». Não é tão mau como isso, poderá dizer-se. Devemos, no entanto, saber, que estas vendas, por mais confortáveis que possam parecer, não se realizam sem um investimento mínimo. E é aí que a porca torce o rabo.

Dois aspectos caracterizam a produção editorial americana. Primeiro elemento: a apresentação do livro segundo é editado em versão *hardcover* (isto é, com capa cartonada), ou em *paperback* (que corresponde ao nosso livro de bolso), um trabalho verá o seu preço passar de uns 15 dólares, para 4 dólares, isto se se trata de um romance. Segundo elemento: a repartição dos papéis. Em teoria (e só em teoria porque se assiste cada vez mais a um certo número de concentrações verticais), as casas que publicam o *paperback* são estruturalmente independentes dos editores de obras em *hardcover*.

Em meados dos anos 70, uns doze editores partilharam entre si o mercado do livro de bolso. Hoje, depois do desaparecimento ou da reconversão de sociedades como **Ace** ou **Jove**, já são somente oito entre os quais **Bantam** (que publica 600 a 8000 títulos por ano), **Ballantine**, **Avon**, **Warner** (filial de **Warner Bros**), **Pocket Books**, **New American Library**.

11 milhões de «Love Story»

Os efeitos da crise do livro de bolso tornaram-se evidentes quando o ano passado, o presidente do **Pocket Books**, **Ron Busch** declarou que a sua companhia tinha perdido 1 milhão de dólares na edição do *Hotel New Hampshire* de **John Irving**. Embora as vendas tenham sido razoáveis a **Pocket Books** não pôde recuperar os 2,3 milhões de dólares entregues em Março de 1981 ao editor da versão *hardcover*. Um simples acidente? Sem dúvida, Mas um acidente revelador.

Nos anos 60 e 70 o livro de bolso bate todos os recordes nos Estados Unidos. É a época em que se vendem 11 milhões

de exemplares de *Love Story* (oito milhões vendidos antes do filme), o *Padrinho* de **Mario Puzo** (14 milhões) o *Tubarão* (9 milhões em nove meses). A vertiginosa ascensão das vendas arrastou consigo a dos direitos de publicação em «bolso». **Bantam** pagará assim 1,8 milhões de dólares para editar em «bolso» *Ragtime*, de **E.L. Doctorow**. Por sua vez a **New American Library** desembolsará 2,55 milhões de dólares para comprar os direitos de dois romances de **Puzo** (o *Padrinho* e *Morrer é idiota*).

mais recentemente, **Bantam** baterá ainda todos os recordes ao oferecer 3,2 milhões de dólares por *Princess Daisy* de **Judith Krantz**. O trabalho está actualmente em 6 milhões de exemplares. Uma operação que alguns confrades americanos consideram rentável mas à justa. Tanto mais que um tal investimento exige consequentes gastos de promoção («São pelo menos necessários 200 000 dólares para fazer bem as coisas» afirmava ainda há pouco um editor americano em *Publishers Weekly*).

Dito isto, o aspecto financeiro não é o único a entrar em jogo. Há indubitavelmente um novo dado sobre o mercado interno. Há alguns anos, a irrupção de editores como **Harlequin** (que propõe uma série de colecções dirigidas às jovens entre os quinze e os dezoito anos — amor mas não sexo — e às mulheres de certa idade a quem é proposta «uma última possibilidade de amor») afastou uma parte dos leitores do tradicional romance popular. Actualmente, segundo um estudo **Gallup**, mais de 25% das mulheres e contra 6% dos homens) compram e lêem regularmente este tipo de romances...

Acrescente-se a isto o facto de a distribuição americana ter mudados de rosto. Há ainda menos de dez anos 75% (!) das cidades americanas não tinham livrarias. Fora dos grandes centros os compradores arranjavam os livros em «drugstores» e supermercados, locais onde o livro de bolso dominava. Há pouco tempo a implantação quase sistemática de cadeias como **Waldenbooks** e **Dalton B.** nos centros comerciais das cidades médias mudou as coisas. Agora os *hardcovers* beneficiam de uma consequente instalação nesses lugares. Resultado: as suas vendas progredem e as dos livros de bolso diminuem.

VClaro que o livro de bolso não está ameaçado. Mas terá de se adaptar. De momento, as «stars» dos livros de bolso não são jovens os **James A. Michener**, **Stephen King**, **Judith Krantz**, **Martin Cruz Smith** obtêm regularmente as melhores vendas. Um novo acaba de se juntar a esse pelotão. Chama-se **Jim Davis**. As aventuras em banda desenhada do seu **Garfield** têm grande êxito. Há alguns meses, nos dez «best-sellers» de momento, encontrava-se sete vezes o nome do gato **Garfield**. Desde então as vendas não deixam de ronronar.

Itália: o «boom»

O mercado do livro de bolso em Itália representa uns 10 000 títulos publicados por umas quarenta casas editoras. O preço médio de cada volume é de 4250

liras.

O início do livro de bolso vem de meados dos anos 60. Ele coincide com uma transformação da sociedade italiana (desenvolvimento económico e melhoria das condições de vida) que permitiu a novas camadas da população ascender ao mercado do livro, enquanto que no mesmo momento uma reforma fez passar de cinco para oito anos a escolaridade obrigatória.

A grande diferença entre a situação presente e a de há uns vinte anos diz respeito à relação de preço entre o livro de bolso e as colecções mais onerosas. Em 1965, por exemplo, o *Adeus às armas*, de **Hemingway** custava 2000 liras em edição normal e 350 liras em edição económica. Isto é, uma relação de 1 para 6. Hoje esta mesma relação do preço entre o livro de bolso e o livro normal é de 1 para 2: por exemplo, *Cem anos de solidão*, de **Garcia Marquez**, custa 6000 liras em edição económica e 15 000 em edição normal.

No entanto, no decurso destes últimos anos, as vendas do livro de bolso registaram uma progressão: em termos de volume de negócios total das livrarias, elas representam 23% deste em 1980, mas 26% em 1983.

A situação do mercado dos livros de bolso deve ser considerada no contexto mais geral da edição italiana. Em 1982 foram publicados em Itália 20 560 títulos com uma tiragem total de 140 milhões de exemplares (isto é, 7208 por trabalho). Em 1980, no entanto, tratava-se de 167 milhões de exemplares. Entre 1982 e 1983, o número total das tiragens diminuiu 3,8%. Calcula-se em 40 milhões o número de leitores potenciais em Itália, mas só 3% compraram mais de 20 livros por ano.

Uma editora como a **Mondadori** que em 1983 obteve bons resultados (mil milhões de liras de lucro, isto é, um crescimento de 26% do seu volume de negócios e um aumento de 8,9% em termos de tiragem — 29 milhões de exemplares vendidos) decidiu em 1984 esforçar-se no relançamento das edições baratas. Com efeito, quando as suas colecções de prestígio como «**Ame**» registaram um aumento de tiragem de 14,7%, mas as suas colecções económicas como «**Oscar**» diminuíram 8,8%.

No que diz respeito ao livro de bolso estrangeiro em Itália, a França detém 20% do mercado contra os 60% dos seus concorrentes ingleses. Ela vende em Itália 50 000 exemplares da colecção do *Livre de poche*, em face dos 250 000 da **Penguin Book**. A superioridade anglo-saxónica podia explicar-se pelo facto de a quase totalidade dos best-sellers anglo-saxónicos terem sido editados logo no seu aparecimento em colecção de bolso, ao passo que as novidades francesas têm de esperar dois anos.

Associação de Produtores de Filmes contra Instituto Português de Cinema

Da Associação de Produtores de Filmes recebemos a seguinte «Carta Aberta à direcção do IPC», que publicamos já à margem do inquérito conduzido por Jorge Leitão Ramos nas duas últimas edições do Sete Ponto Sete:

OS sócios da Associação de Produtores de Filmes tomaram conhecimento de um documento intitulado «Projecto de Regulamentação dos direitos de comercialização para o mercado externo dos filmes subsidiados pelo Instituto Português de Cinema», entregue à n.º Associação pelo presidente do IPC no decorrer de uma reunião conjunta com a Associação de Realizadores de Filmes, para obtenção do n.º parecer, e entretanto publicado pelo «Diário de Lisboa» em complemento de um depoimento do referido presidente.

É essa publicação que justifica a presente carta aberta.

Como é do conhecimento de V. Exas. nas intervenções dos representantes desta Associação no Conselho Consultivo do Instituto Português de Cinema, foram claramente expressas opiniões sobre o que entendemos dever ser uma política consistente para a actividade cinematográfica, conjuntamente com as críticas feitas ao projecto onde veio a nascer o Despacho n.º 29/84, cujo Art.º 23.º propondo a criação de uma Empresa Mista de Comercialização de filmes portugueses no estrangeiro essa Direcção se propõe regulamentar através do documento acima citado. Convém referir que esse artigo obriga qualquer signatário de acordos de assistência financeira com o IPC a entregar as vendas ao estrangeiro dos filmes assim produzidos a semelhante empresa a constituir.

Demonstramos inequivocamente que o projecto não passa de mais um remendo, em dissonância com os nobres objectivos que no preâmbulo essa Direcção se propõe atingir, inexistente na regra que tenta criar, relegando o produtor para o mero papel de empregado da produção, alheio às solicitações do mercado e à colaboração de todos os sectores da actividade cinematográfica, paternalista e dirigista, desvirtuando o cinema da sua vocação de espectáculo popular por excelência, sendo, pois, em conclusão, a certidão de óbito do cinema português.

Opinião semelhante foi manifestada por mais de uma vez pela quase totalidade dos membros do Conselho Consultivo, o que vos demonstrava que seria, senão totalmente deficiente pelo menos parcial a fonte onde teriam recolhido as vossas informações e que, além de não reflectirem toda a realidade muitas vezes inadvertida ou deliberadamente a ocultavam.

A Direcção, onde não figuram elementos oriundos de nenhum dos sectores da actividade cinematográfica, não tomou em consideração as opiniões expressas pelos elementos do Conselho Consultivo, relegados, à medida que o tempo foi passando, para uma função meramente decorativa, vindo a impor finalmente um Regulamento bizarro...

Nesta conformidade, vem a Associação dos Produtores de Filmes manifestar, desta vez publicamente já que a tanto V. Exas. nos obrigam, a sua discordância do referido Regulamento na generalidade e, na especialidade, do constante no Art.º 23.º.

Este artigo é, com efeito, o remendo do remendo...

Com efeito:

a) obrigar à cedência de todos os direitos possíveis de comercialização para os mercados estrangeiros é, em primeiro lugar uma atitude prepotente e antidemocrática que não tem cabimento num estado de direito;

b) criar uma Empresa Mista em que o IPC será, por certo, a parte principal numa altura em que é bem diferente a política do actual Governo em matéria económica, parece-nos ser, pelo menos, insólito.

c) que essa Empresa venha a constituir-se tendencialmente em monopólio é ainda mais gritantemente contrário àqueles pressupostos e, mais do que isso, anticonstitucional.

Acrescente-se a tudo isto que, da Empresa Mista, não nos é dada a conhecer a forma, embora nos convidem para sócios; não está feito o estudo de viabilidade económica, sendo outros assim certo que o projecto de regulamento impõe, *à priori*, normas de convivência entre os produtores de filmes subsidiados e a Empresa Mista que teriam que ser discutidas por aqueles e esta sendo objecto de contratação própria relativamente a cada produto.

Assim o IPC:

a) Coloca-se entre a empresa (que viria a usufruir dos benefícios de comercialização dos filmes) e os produtores, (transformados em meros fabricantes de produtos à consignação), agindo como intermediário na colocação do produto.

b) Não resolve o problema do investimento externo ao IPC, pois ao cercar a faculdade de o produtor negociar livremente o seu produto, retira-lhe capacidade de manobra.

c) Impede o produtor de obter empréstimos junto do próprio IPC, pois sendo condição para os obter, dar o produtor garantias de investimento no filme, das duas uma, ou o produtor não investe ou, se investe, abre imediatamente falência pois não poderá recuperar o capital investido.

Em conclusão:

Do clausulado apresentado ressalta, nos seus pormenores, (entre os quais se destacam o estabelecimento de condições de alienação para mercados externos determinados, o estabelecimento de percentagens e pagamentos, o estabelecimento do período de contratação, etc.), que é o IPC que vai impor, também, aos outros proprietários da empresa, a sua vontade e as suas determinações.

Será que o IPC o faz porque quer ser o detentor maioritário do capital social e não o quer confessar? Estado patrão?

Conhecendo nós agora claramente as disposições de V. Ex.ªs em relação à Assistência Financeira à Produção Cinematográfica, à aplicação de medidas do Projecto do Plano de Actividades onde é inquietante a tendência para a «unicidade», à predisposição pela tomada do poder na Tobis Portuguesa, e à intenção da «conveniente articulação entre o cinema e a RTP» (que se pretende fazer não tendo verdadeiramente em conta as opiniões de todas as associações de classe interessadas), facilmente se constata que o grande erro do projecto de regulamentação para o Artigo 23.º é o próprio Artigo 23.º, que o grande erro do Artigo 23.º é o despacho normativo n.º 29/84, que o grande erro do despacho normativo n.º 29/84 é o seu autor e a filosofia que o inspira:

«errare humanu est; perseverare, diabolicum».

Lisboa, 13 de Abril de 1984

A.P.F.

RFA: primeiras edições

MESMO que os historiadores do livro de bolso afirmem que essa forma de edição nasceu na Alemanha em meados do século XIX, ela só adquiriu grande desenvolvimento nos últimos trinta anos depois de a editora Rowohlt ter lançado, a 17 de Junho de 1950, a sua primeira colecção em formato pequeno, capa pouco espessa e papel barato: a Rowohlt's Rotation Romanen, portanto, Rororo. Dois anos depois as edições Fischer também entravam neste mercado com a Fischer Bücherei.

Em 1961, os livros de bolso, com mil títulos publicados por ano, ainda só representavam 4% da produção total de livros. Tiveram, então, um segundo ponto de partida com a criação de DTV (Deutscher Taschenbuch Verlag, edição alemã do livro de bolso), agrupamento de doze editores que resolveram pôr em comum os seus projectos. O sucesso nunca foi desmentido.

O ano passado, o livro de bolso representava quase 15% dos títulos e alguns peritos esperam que a sua parte atinja 30% no fim dos anos 80. Em 1981 foram vendidos cinco milhões de exemplares, ao passo que a venda dos livros tradicionais tende a baixar. Depois de 1980 o livro de bolso tem direito de cidadania na muito oficial Bolsa alemã dos livreiros que organiza a feira do livro de Frankfurt.

Apesar do seu preço relativamente baixo (a média situa-se em 8,50 marcos, o livro de bolso não é só o veículo de reedição de textos caídos no domínio público: 59% dos títulos são primeiras edições. Metade deles dizem respeito à literatura e 10% são livros para a juventude. Um pouco mais de um terço são traduções, essencialmente do inglês, como é, de resto, o caso de toda a edição.

A tiragem média dos 8602 títulos publicados em 1982, situa-se entre mais de duzentas colecções. As vendas representam 10% do volume de negócios dos livreiros.

«Livro democrático», o livro de bolso não tem, no entanto, um público específico. Todos os inquéritos feitos na Alemanha Federal mostraram que quem os compra e os lê são os habituais amadores de livros. Os seus compradores são, no entanto, gente jovem (menos de quarenta anos), de educação média ou superior, que ocupam lugares de responsabilidade ou exercem profissões liberais, moram em cidades importantes ou médias e frequentam mais as livrarias do que as secções de livros dos supermercados.

Os principais editores de livros de bolso (Rowohlt, Heyne, DTC, Fischer, Ullstein, Goldmann, Bastei, Lübbe, Reclam, Suhrkamp) têm colecções que tocam todos os domínios, da literatura à culinária. Outros são mais especializados como o De Te Be (artes e livros para crianças), Otto Mayer (tempos livres e juventude), Georg Thime (medicina e ciências naturais), Moewig (tempos livres) ou Uni Taschenbucher, que, como o seu nome indica, publica, exclusivamente, manuais escolares.

Mensagens pessoais

Aos desenhadores

Vendo urgente. Estojo completo, novo, com 10 ponteiros Roting «Variant». 5000\$00. Telefonar para J. Caldeira a partir das 18 h. 77 64 84.

Selos

Vendo. Holanda, Bélgica, Turquia, Grécia, Europa Oriental, Escandinávia, Estados Unidos, América Central e do Sul, Índia, Paquistão, África, Oceânia e Médio Oriente. Ou troco por Portugal, ex-colónias, França, Canadá, Japão, Suíça e Alemanha Ocidental. António Rocha. Telef. 80 97 97. Ext. 402. Horas de expediente.

Viagem à Índia

Peco a entrega do exemplar único, dactilografado, de Impressões de viagem à Índia, de Chaves de Almeida, perdido há tempo — para Chaves de Almeida, Rua Almeida e Sousa 67 2.º Dt.º ou telefonar para 66 97 95.

Correspondência

Young female 33 years old, wishes to correspond with young people from all over the world, for cultural and friendship purposes, in portuguese, french or english.

Address to: Maria Cabral B. Sucesso, Lt. 1, 1.º Esq. Est. Arcena Al-verca 2615 Portugal.

Atenção Fotógrafos

Desejo adquirir em bom estado máquina fotográfica com banco óptico 13X18 ou 9X12 com ou sem ópticas. Contactar João Sousa Marques, Rua Cidade da Beira 62, 5.º Esq., Telef. 31 22 57. Urgente.

Passaportes caducados

Coleccionador privado de passaportes procura passaportes cancelados de Portugal. Andreas Spitzner, Kortensbush 50, D 5600 Wuppertal 11, RF da Alemanha.

Aulas de guitarra

Dou aulas de guitarra. Treino por ouvido. Telefonar 218 39 01 (de manhã). Interesse-me também pelo contacto com outros músicos para experiências musicais.

Discos LP

Vendo. Usados, em bom estado. De 250\$00 a 400\$00. Ramones, Classix Nouveaux, Martha and Muffins, Roxy Music, B 52's, Klaus Schulze, Joy Division, Heróis do Mar, Echo and Bunnymen, New Music, Dire Straits, Siouxsie and Banshees, The Beat, Plasmatics, Blondie, etc. António Rocha, Telef. 80 97 79, Ext. 402, horas de expediente.

Terreno para construção

Vendo na Rua Flores do Lima (paralela à Avenida Estados Unidos da América, junto de Entre-Campos), com 400 m² de área, aproximadamente. Tratar com Arnaldo Luz Costa, Rua Diogo Bernardes, 6-1.º Direito, 1700 Lisboa, Telefone 76 29 53.

Videopac Philips

Vendo Videopac Philips em estado novo com cassete n.º 1 e n.º 10. Respostivamente corrida de carros e golf. Telefonar dias úteis a partir das 17 horas para 77 89 77.

Armário séc. XVII

Armário séc. XVII, electricificado (80 cm larg., 1,80 alt., 35 cm prof.). Resposta telefone 268 73 10 depois das 20.00 h, dias úteis e sábados até 10.30 h da manhã.

Explicações

Dão-se explicações de Filosofia. 10.º, 11.º e 12.º anos. Contactar a partir das 20.00 horas, pelo telefone 83 13 48.

«Abat-Jours»

Vendo. Fabrico e restauro. Bons preços. Se preferir traga o seu próprio tecido. Adapto a candeeiros peças diversas. Desconto aos leitores deste jornal. Av. do Brasil, 182 traseiras. Fácil estacionamento. Telefone 88 19 37 — 1700 Lisboa

Férias Algarve

Alugo apartamentos para férias 1.ª quinzena de Junho e 2.ª quinzena de Julho. Em Armação de Pera. Em Albufeira os meses de Junho, Agosto e Setembro. Telef. 23 424 de Portimão.

Pinto os cabelos grátis

Telefone: 84 61 47.

Análise de Balanços

E escritas de empresas, executa reformado, em regime livre. Telefonar para 78 74 30.

Mobilado Caparica

Apartamento mobilado Caparica, junto praia, 2 grandes assoalhadas, varanda vista mar, solário, piscina, alugo Maio, Junho, Agosto, Setembro, ou parte, preço convidativo. Informa D. Amélia Tel. 290 19 67 ou 290 09 06.

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA ■

Pombalino, restaurado e a ver passar os ministros

Ao ISPA só falta ganhar a batalha do reconhecimento da licenciatura

Historial

O Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) celebrou na semana passada vinte anos de ensino, dois de cooperativa... e a inauguração das suas novas instalações, num edifício pombalino da Rua Jardim do Tabaco, em Lisboa, que foi objecto de uma vasta obra de restauro conduzida pelo arquitecto João Horta. Antigo aluno do Instituto, o Presidente da República aceitou presidir à sessão solene de sexta-feira passada, participando assim na consagração dos esforços desses cooperantes que acabaram por realizar aquilo que chegou a parecer completamente impossível: herdar a instituição, mantê-la em funcionamento, fazer reconhecer o seu ensino por numerosas Universidades europeias e americanas, instalá-la em edifício próprio, e encontrar-se hoje superlotado de estudantes, apesar de lhes exigir mensalidades de cinco mil escudos...

O ISPA vive como um paradoxo o facto de, depois e apesar de tudo isto, os sucessivos Ministérios da Educação não terem reconhecido a legitimidade da licenciatura que fornece. Tanto mais que há 850 psicólogos por ele formados, que representavam, em 1981, 85 por cento dos profissionais do País.

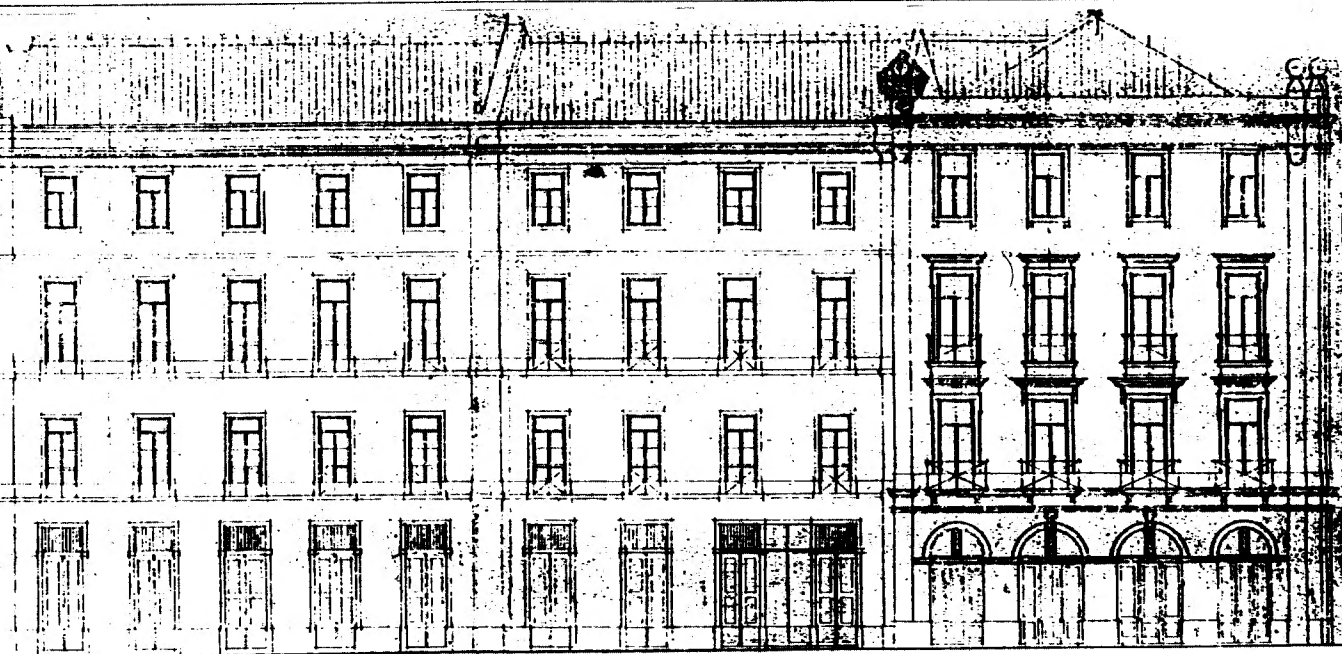
O Instituto viu-se rapidamente confrontado com profundos problemas, que levam à reformulação completa, em 1964, dos curricula e dos objectivos inicialmente previstos.

Resulta daqui a criação do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), que deixando de lado os objectivos confessionais se estrutura em moldes semelhantes aos de outras Faculdades europeias.

Com a formação dos primeiros diplomados, tornou-se permanente a resolução do reconhecimento oficial do curso e do diploma. É assim que professores e estudantes iniciam um processo de negociação longo e difícil, com os proprietários e Ministério da Educação, de que resulta a oficialização do curso e a homologação do diploma, por despacho ministerial de 12 de Março de 1973, homologando idêntico parecer da Junta Nacional de Educação.

O 25 de Abril de 1974 conduziu a que novas e profundas alterações ocorressem, quer ao nível curricular, quer ao nível da gestão.

De uma organização e gestão tradicional, passa-se a uma gestão democrática. Os proprietários abandonam a gestão, o que



O ministro Seabra declarou, na sessão solene de sexta-feira 13, ter constituído uma comissão que legalizará a licenciatura do Instituto

deixa o Instituto em situação idêntica à de outras instituições que conheceram o processo de autogestão.

Uma reestruturação curricular impõe-se, tendo como base a livre expressão, a investigação científica incondicional e a efectiva prática de uma psicologia aplicada.

As novas condições então criadas levam a que se preconize que o ISPA seja considerado o ponto de partida para uma Faculdade de Psicologia estatal, chegando mesmo a ser nomeada, pelo Ministério da Educação, em 1976, uma comissão para estudar a sua concretização.

Por razões de vária ordem tal não ocorreu, continuando o ISPA como escola autónoma.

Assumida definitivamente esta situação o ISPA começa a pensar-se em termos de uma escola particular, o que implica o lançamento de toda uma série de projectos, que desde 1977 têm vindo a tomar forma.

Inicia-se então a publicação regular da revista ANÁLISE PSICOLÓGICA.

Desenvolvem-se contactos com instituições universitárias congêneres, europeias e americanas.

Lançam-se novos projectos de investigação.

Repensa-se a organização científica do curso.

Paralelamente, inicia-se a resolução dos problemas jurídicos que se põem ao Instituto, inerentes à situação de autogestão. É assim constituída, em 1981,

uma cooperativa de Ensino Superior, aberta a todos os trabalhadores — docentes e não docentes —, que assume a total propriedade do Instituto, propriedade delegada pelos antigos proprietários e homologada pelo Ministério da Educação.

Situação actual

Tem um curso reconhecido pela generalidade das Universidades europeias e americanas, como equivalente à licenciatura.

Integra-se plenamente no sector do Ensino Superior particular e cooperativo.

Funciona em novas instalações, adequadas a uma escola de Ensino Superior.

Publica a única revista regular da especialidade.

Promove regularmente cursos de especialização e reciclagem nas diferentes áreas de Psicologia e ciências afins.

Em colaboração com a Universidade de Bristol, realizou o primeiro mestrado em Psicologia Educacional.

Diplomou cerca de 850 psicólogos, que em 1981 representavam 85% dos profissionais de Psicologia no País.

Paradoxalmente, em parte devido à indefinição do sector do Ensino Particular e Cooperativo, o ISPA continua sem ver reconhecido o seu diploma como equivalente à licenciatura e é uma das instituições que menores subsídios recebe das entidades oficiais. ■

Vídeo e Audio: mais factores de ilegalidade

Paulo Jorge Cruz

TUDO acaba partindo do pensamento de que o mercado é insignificante, por isso desprezível, e assim ele cresce à partida desordenado, quer dizer, nasce torto, resta saber como irá parar.

O contrabando em cassetes gravadas (filmes na generalidade), age praticamente sem concorrência, quer dizer poucas são as empresas sectorizadas em departamentos de vídeo, que decidiram investir nesse campo, por isso, os prejuízos comerciais são quase nulos, antes pelo contrário, constituem uma das três alternativas para o amador de vídeo (as duas outras: a medíocre programação da RTP e o recurso aos clubes de vídeo — que trataremos proximamente). O mesmo já não dirá o Ministério das Finanças que não vê qualquer resultado fiscal.

No entanto, no material virgem e em gravadores e acessórios, o problema é bem maior e a concorrência de contrabando efectua-se com as empresas estacionadas entre nós, normalmente carregadas de taxas. Essa concorrência, fácil será deprender, torna-se desleal.

Por outro lado, o sector não tem legislação específica e por isso é difícil agir.

Mas o problema é mais vasto. A alta fidelidade, por exemplo, encontra-se nas mesmas condições, como de resto tudo o que seja áudiovisual. Os representantes oficiais têm então

uma única defesa: recusarem-se a reparar o material não importado por eles (mesmo sendo da marca). Apesar de tudo, algumas «catedrais» do contrabando conseguem o serviço de técnicos especializados nesse material.

Como dissemos, o problema é porém mais vasto. Com efeito, o contrabando em Portugal resulta acima de tudo da situação de crise económica que o país vive. Os contrabandistas sabem da falta de dinheiro e criam as «alternativas». Depois as informações oficiais indicam que andam centenas de milhares de contos a circular paralelamente, sem controlo fiscal e, mais grave ainda, saem abundantemente do país.

É natural que os governos perante a falta de liquidez e o excesso de consumo, joguem com medidas que o retrainam. Essas medidas traduzem-se naturalmente nos impostos e sobretaxas alfandegárias que irão onerar o produto na sua fase final: a venda.

Porém, os legisladores não prevêem nas suas medidas o contrabando.

Se em casos pontuais é possível realizar esta ideia — o sector automóvel, por exemplo — sem se correr grandes riscos de fraude, no material de som e imagem, com uma legislação deficiente (ou nula), tudo se revela vão e mesmo nocivo.

Já aqui escrevemos sobre este problema apro-

pósito do «Compact-Disc», mas nunca é demais relembrar.

Na verdade, um produto que à entrada na Alfândega custe mil escudos, ficará, na fase final, por cerca de três mil e quinhentos. Pelo meio estão as percentagens do representante e do revendedor, mas acima de tudo existe uma sobretaxa de 60% e um Imposto de Transacção entre 17% e 42%.

É normal que os governos pretendam um máximo de rendimento num produto que abrange um núcleo consumidor com algum poder de compra. As pessoas não são idiotas, contudo e criam alternativas fáceis e favoráveis.

Pretende-se gerar uma noção de grande receita fiscal, mas, quando o ciclo se fecha, essa receita fica muito abaixo do real. Com efeito, o grande movimento monetário processou-se subterraneamente. A gula fiscal, que tudo quer, acaba defraudada.

Hoje, quase todo o português médio tem em casa uma estereofonia de qualidade razoável, e muitos iniciam-se já com o vídeo, porém, quase todos mostram uma vaidade especial pela sua aquisição a bom preço. Aquisição essa efectuada nos centros da «ilegalidade institucionalizada».

Parante este estado de coisas, parece-nos que a atitude mais adequada estaria em fazer baixar o volume da receita fiscal sobre a mercadoria, o

que, de certo se traduziria num abaixamento do material entrado ilegalmente.

No fundo, o consumidor prefere sempre adquirir um produto que reúna a confiança do vendedor tradicional e que lhe garanta assistência.

A situação actual, mais do que deficiente pelo novo tipo de mercado criado, torna-se acima de tudo caótica. É sabido que a escassez de mercado negro. Temos pois um estado de ilegalidade similar que aumenta na directa proporção do aumento das cargas fiscais e realmente descerá na sua inversa resolução.

No fundo, a opção reside muito simplesmente em dois vectores: garantir a permanência do dinheiro no país e algum outro nos cofres da repartição de contribuições e impostos. Ou então, optar pelo estímulo da fuga, sempre eficaz e activa mas prejudicial, isto é, sem a entrada de quaisquer quantias, com a agravante de desestabilizar as empresas legais.

A seguir poder-se-á legislar eficazmente contra a ilegalidade, porque, no fundo, quem pode comprar com certificado a cinquenta contos, não trocará por quarenta, mais a margem de risco.

No contrário navegamos em águas sem vento, e, em termos de consumidor, apenas se estimula o pequeno contrabando. ■

Maria Teresa Horta, sobre o machismo:

É um mal maior da Imprensa portuguesa

Por pensamentos, actos e omissões, nas entrelinhas ou claramente expresso em caixa alta, o machismo escreve-se na Imprensa portuguesa — uma espécie de «pecado original», de mácula: nódoa que cai, nas melhores páginas dos nossos jornais.

Muitos dirão que afirmar o carácter machista da Imprensa portuguesa é pura «má-vontade» ou um dos ditos «exageros feministas, mas, de facto, não são necessários aturados esforços, nem aprofundadas análises de conteúdo, para numa primeira leitura dos nossos jornais, nos apercebermos dos valores masculinos, que privilegiam e do tratamento secundário que recebem os assuntos que se prendem com mulheres, com a problemática feminina — «coisas de pouca importância», relegadas para rodapé, para as breves ou pura e simplesmente ignoradas, quando não ridicularizadas.

Sobre a nossa Imprensa «máscula e dinâmica» e seus enredos fizemos uma série de quatro entrevistas, a primeira das quais com Maria Teresa Horta, que publicamos esta semana.

Maria Leonor Nunes

CATEGÓRICA nas suas afirmações, como é seu uso e costume, Maria Teresa Horta acentuava-nos, para início de conversa, que a Imprensa portuguesa é inequivocamente machista e misógina.

«A nossa Imprensa é das mais machistas e misóginas do mundo», garantia-nos mesmo. «A Imprensa é feita pelos homens e está do lado dos homens. É impressionante o modo como se dão as notícias de uma forma tendenciosa, o esquecimento da figura feminina, da mulher na sociedade... Impressiona-me sobretudo, o desprendimento, a «alegria» com que tudo isto é feito».

Passados os olhos pelas subtilidades e disfarces do machismo na letra miúda dos jornais, onde a mulher tem, apenas, destaque enquanto «raridade», enquanto objecto ou «vítima» de crimes passionais, de violência física, sexual, Maria Teresa Horta dava-nos conta das suas preocupações:

«Talvez porque estou cada vez mais atenta a todas as formas de machismo, parece-me que, nunca como agora, o machismo e a misoginia na Imprensa foram tão evidentes. Isto é muito grave, na medida em que penso que a Imprensa tem, ou devia ter um papel importante na mudança de mentalidades».

E, acrescentava ainda num encolher de ombros: «Mas os jornalistas, mesmo os mais jovens não estão interessados em mudar nada».

Mudar atitudes, comportamentos, formas de entendimento são percursos escolhidos lentamente. Frisando que a mudança de mentalidades se faz a um ritmo muito lento no nosso país, e que se continua a aplaudir preferencialmente o que é tradicional e conforme com os valores dominantes, Maria Teresa Horta continuava, a voz em

torrente de palavras e energia:

«Posso mesmo dizer que, exceptuando dois ou três casos, como o Francisco Vale, que tem já um outro entendimento de si próprio e da mulher, os jornalistas jovens são tão machistas, tão misóginos, como os da minha geração».

Vimo-la fazer uma inflexão na fala, uma pausa — espaço para comentar num aparte, que gosta de «chamar as coisas pelos nomes» — e juntou:

«O Fernando Dacosta, por exemplo, é assustadoramente misógino. Segue o tradicional jornalismo macho, se bem que com um outro lustre... Mas é muito aplaudido, ganha prémios e é considerado uma espécie de «génio» do jornalismo».

Mulheres misóginas: Cornetins do machismo

Se dos homens jornalistas, pouco se pode esperar para alterar a tendência à perpetuação do machismo na Imprensa, como claramente nos referia Teresa Horta, a «esperança reside», em sua opinião, «nas mulheres».

«São as mulheres que trabalham nas redacções dos jornais, afirmando-se pelo seu profissionalismo, como Edite Soeiro, por exemplo, ou Lourdes Féria, e as jornalistas feministas, algumas delas «free lancers», como Regina Louro, que poderão abrir espaço para o tratamento e abordagem da problemática feminina na Imprensa. São elas que podem «furar» o machismo e a misoginia».

Teresa Horta ressaltava, contudo, no mesmo impulso:

«Mas há certas senhoras jornalistas que são verdadeiros porta-vozes, porta-bandeiras, cornetins do machismo. Elas escrevem aquilo que os próprios homens já têm vergonha de dizer, pois não é civilizado ser-se



O «Diário de Lisboa», por exemplo, é um jornal extremamente misógino...

ostensivamente machista».

Num tom de revolta em crescente, sublinhando que essas «senhoras, de que se dispensa apontar nomes, para não lhes dar publicidade, a envergonham, Teresa Horta acrescentava:

«Não há pior machismo do que aquele que essas mulheres veiculam, para lamber a mão do homem, para estar do lado do poder, para se sentirem valorizadas. São «The Master's voice», uma espécie de palhaças, que escrevem contra as mulheres, ridicularizam as feministas e vêm dizer coisas disparatadas tais como, que os escritores não têm sexo...»

Ligada indissolavelmente às lutas das mulheres, ao feminismo e assumindo publicamente a sua escrita feminina, Maria Teresa Horta é muitas vezes alvo das críticas e comentários (ou graças) machistas da Imprensa. Irritada com muito do que se tem escrito ultimamente nos jornais, tornava expressa a sua revolta:

«Mas que conversa é esta dos escritores, dos jornalistas não terem sexo?», perguntava-se. «Como é que essas «senhoras» podem escrever, anulando o seu corpo, a sua sexualidade, o seu sexo? Cada um escreve como o seu sexo e se elas não o fazem é porque têm medo de serem des-

valorizadas, porque entendem que ser mulher diminui».

Remarcando que estas jornalistas «cornetins do machismo» como lhe chama, são geralmente jovens que entraram para o jornalismo «pela mão do homem» e já encontraram a «caminha feita», Maria Teresa Horta dizia-nos ainda:

«Estas senhoras jornalistas não tiveram de lutar contra o machismo, para poder entrar numa Redacção de jornal. Possivelmente não sabem que até ao 25 de Abril não podiam sequer entrar mulheres na Redacção de «O Século», por exemplo... por isso «mandam vir» contra as feministas e perguntam quando virá o tempo do pós-feminismo em Portugal... Mas o que é que elas entendem de feminismo? Na verdade a Imprensa machista e misógina precisa delas para continuar a ser a Imprensa atrasada, que é hoje».

Direita marialva, esquerda misógina

Isenta de cautelas e rodeios, Teresa Horta analisava por alto a Imprensa que temos: dos semanários aos diários, dos mais progressistas aos mais reaccionários: todos sofrem do mesmo mal...

«Na Imprensa de direita, faz-se uma tentativa para colocar a mulher no lugar que já

Salazar defendia ser o lugar da mulher. Faz-se o elogio da mulher através dos estereótipos mais antigos: a boa mãe, a boa esposa...», dizia-nos sublinhando o carácter «marialva» desta Imprensa e reportando-se a exemplos significativos:

«É também uma Imprensa que usa o corpo da mulher, a sua sexualidade em primeiras páginas, para vender (como o faz o «Sete», esse jornal machista e atrasado) ou para fazer «gracinhas» em legendas, onde se escreve por baixo de uma fotografia de uma mulher: Repare-se nos sapatos, ou repare-se na cadeira... O «Sete» faz isso isso sistematicamente e estão conhecidos q e são muito avançados, mas na medida em que primariamente veicula a ideologia da mulher objecto, da mulher boneca, inscreve-se perfeitamente numa imprensa de direita».

Fazendo uma nítida clivagem Maria Teresa Horta reconhece que na Imprensa de esquerda não veicula um «machismo selvagem», peca, antes pela sua profunda misógina.

«O Diário de Lisboa», por exemplo, é extremamente misógino. Quem o lê, sente que é feito por homens, sobre os homens e destinado aos homens. Mesmo nos jornais bem feitos, inteligentes a misoginia é aterrador», afirmava.

A misoginia atravessa todo o discurso jornalístico, na medida em que esse discurso é masculino e reflecte do masculino, os seus valores e ambiguidades, os seus fantasmas, conforme nos sublinhava Teresa Horta a dada altura:

«Repare-se como os nossos críticos de cinema são misóginos, por exemplo. Diria, mesmo, que são orgulhosamente misóginos. Têm o grande alibi do mundo fantasmático masculino... passam a misoginia, os seus medos, os seus fantasmas e sentam-se perfeitamente desculpabilizados».

No domínio da crítica, quer se trata de cinema, teatro, literatura ou televisão, as obras, as criações das mulheres são sempre vistas, olhadas de soslaio, como referia ainda Teresa Horta:

«Os críticos não «aguentam» filmes de mulheres. Não percebem nada, não gostam... Chega-se ao absurdo. Um senhor crítico já chegou mesmo a informar os números dos autocarros que passavam junto a uma sala onde estava em exibição um filme de uma mulher, para que as pessoas não tomassem essas carreiras».

Imprensa feminina a sério é marginalizada

O «desprezo» pelas mulheres, vigente na nossa Imprensa,

de que nos fala Teresa Horta, traduz-se também, na desvalorização da Imprensa feminina. Sobretudo da Imprensa feminina que aposta no desmascaramento do machismo, numa mudança de mentalidades:

«A Imprensa feminina a sério é marginalizada, sistematicamente. Aliás os próprios profissionais da Imprensa feminina são considerados «menores» pelos seus colegas».

Profissional da Informação há já muitos anos e actualmente chefe de Redacção da revista «Mulheres», Teresa Horta fala da sua própria experiência. Diz-nos ainda:

«A Imprensa feminina tradicional obedece aos próprios valores masculinos. Reduz-se à moda, à culinária e aos cuidados de beleza. Vemos, curiosamente, que nos últimos tempos têm aparecido em alguns jornais suplementos e páginas da mulher, no pior sentido. Nessas páginas continua-se a ideologia machista: para os homens os assuntos sérios, a política, para as mulheres, os trapos e as receitas de culinária».

E, mais adiante, conclui: «Tudo isto faz parte do refluxo da própria Revolução».

A Imprensa feminina tradicional, que no princípio do século era mesmo feita por homens, continua a depender do poder masculino. Expressa-o nos seus desejos e vontades mais retrógradas.

Como repetidas vezes nos sublinha Maria Teresa Horta: «A Imprensa continua na mão dos homens. Eles são o poder económico, o poder ideológico. Como podemos esperar que deixe de haver machismo na Imprensa, se são os homens que continuam a ser os chefes de Redacção, os directores dos jornais?»

Fazendo-nos notar a firmeza e competência das poucas mulheres que ocupam cargos de chefia nos jornais, afirmava no mesmo sentido:

«Sempre se disse que jornalismo era uma profissão dinâmica e viril, uma profissão de homens. E por mais que dissimulem o seu machismo, os jornalistas continuam a seguir inconscientemente essa ideia. Ainda que queiram fazer a sua carreira ao estilo europeu evoluído... continuam a ser uns atrasados».

Recorrendo ao lugar-comum, dir-se-ia que mudam os tempos, mas não mudam as vontades. O machismo na Imprensa continua de pedra e cal, espelhando, afinal, a nossa sociedade. Como nos comentava Teresa Horta, já de saída:

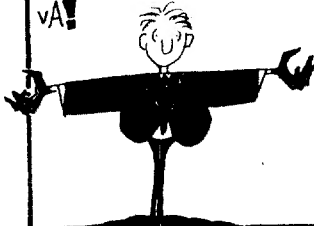
«A Imprensa não reflecte mais do que a sociedade portuguesa: atrasada, profundamente machista e especializada em marialvismo».

Sete Ponto Sete

doces crónicas

Clp

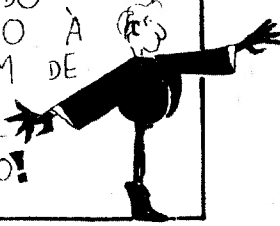
O LOPES CORRIA QUE SE FARTAVA!



ERA DE MANHÃ DE CASA ATÉ À PARAGEM DE PARTIDA DA CAMIONETA! ERA DEPOIS DA PARAGEM DE CHEGADA DA CAMIONETA ATÉ À PARAGEM DE PARTIDA DO COMBÓIO!



A SEGUIR DA PARAGEM DE CHEGADA DO COMBÓIO À PARAGEM DE PARTIDA DO AUTOCARRO!



NO FIM, DA PARAGEM DE CHEGADA DO AUTOCARRO AO EMPREGO!

JA' QUE FAZIA TANTA PREPARAÇÃO FÍSICA! ISSO SEM FALAR NAS CORRIDAS MAIS PORÁDICAS!



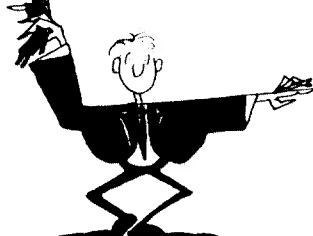
E A NOITE, NO REGRESSO, O MESMO MAS EM SENTIDO CONTRÁRIO! ERA CORRERIA CONSTANTE!



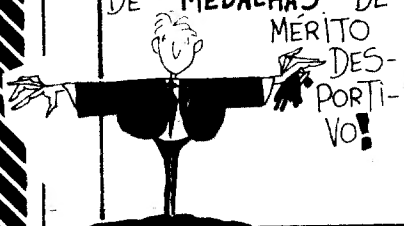
UM DIA O LOPES DECIDIU SER ATLETA!

AOS DOMINGOS E FERIADOS ATÉ À BICHA DA CAMIONETA PARA A PRAIA!

O LOPES É HOJE EM DIA UM DESSES ATLETAS DE BAIRRO! COM LARGO FUTURO!



UM DESSES QUE PENSA QUE EM VEZ DE MEDALHAS DE MÉRITO DESPORTIVO!



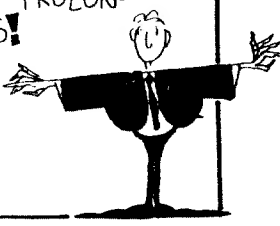
O QUE É PRECISO É MELHORAR AS CONDIÇÕES DE TREINO!

Coisas ASSIM COMO:

COLOCAR OS ATLETAS EM CASAS AINDA MAIS LONGE DO EMPREGO!



DE MANEIRA A FOMENTAR TREINOS MAIS PROLONGADOS!



A parte de cima

Nudismo e monoquínis não serão admitidos este Verão na Turquia, anunciou o ministro do Turismo, Nukerem Tacioglu, que declarou: «As que querem tirar a parte de cima do biquíni para nadar devem ir para outros países».

Numa entrevista ao diário de grande tiragem «Tan», paradoxalmente especializado na publicação de fotos de mulheres despidas, o ministro acrescenta: «Nadar sem a parte de cima não poderia ser tolerado por um espírito nacionalista, conservador».

Estas declarações de Tacioglu, representante duma importante corrente de ordem moral no seio do governo de Turgut Ozal, provocaram um verdadeiro pânico junto dos profissionais do turismo.

Um responsável pelas regiões mediterrânicas considerou que esta decisão significava a «morte do turismo». E acrescentou: «O ano passado em Kusadasi as turistas viam tomar banho em monoquínis. Os autóctones não reagiram, contentando-se com olhar. O ministro não tem o direito de proibir este prazer aos olhos». Um outro responsável sublinha que os prospectos distribuídos no estrangeiro já indicam praias em que o banho e a bronzagem de seios à mos-

tra são autorizados e deplora este «rigor, novo e retrógrado».

Guarda-costas de Mobutu espancam fotógrafo

Guarda-costas do presidente Mobutu Sese Seko espancaram no sábado um repórter-fotográfico que tentava fotografar o presidente zaireense, que foi a Lausana consultar um especialista de oftalmologia, noticia no domingo o diário «La Suisse».

Segundo o jornal, Roland Schaeffli encontrava-se frente ao edifício onde o presidente Mobutu estava a ser consultado. Quatro guarda-costas do presidente zaireense acompanhados, segundo o fotógrafo, por dois inspectores da Polícia suíça, pediram-lhe para não tirar fotografias. Perante a sua recusa, dois guarda-costas começaram a agredi-lo a murro, chegando mesmo a começar de o estrangular com a correia da máquina fotográfica.

Schaeffli apresentou queixa. Os guarda-costas estarão contido certamente a coberto da imunidade diplomática, sublinha o jornal.



• As 19 horas, às 21.30 ou às 23 e 30 já se pode ver teatro, de acordo com o ritmo de vida de cada um. Esta experiência oferece-a um grupo que ao estudo dos hábitos de vida alia a qualidade do seu trabalho teatral. Lia Gama, Mário Jacques e Filipe Ferrer representam «Traições» de Harold Pinter na sala 2 do Quarteto dando-lhe a escolher: se vive fora de Lisboa e prefere a hora mais tradicional das 21 e 30 tem as segundas e terças para ver o espectáculo, mas se não quer de todo perder a telenovela desde o princípio, então aos sábados e domingos pode ir às 23 e 30. E deleite-se com um espectáculo bem representado sobre um tema bem comum tratado de modo novo e suavemente divertido.

• Selecção para esta noite: às 24 horas, no Quinteto, «O Factor humano» de Otto Preminger. Se acaba de descobrir Preminger com «O Cardeal», na RTP, vá ao Quinteto e saiba que o homem do «Exodus» é, de facto, um sério caso de cinema. Antes, a partir das 22 e 15, veja na RTP-2 o «Sonho de uma noite de Verão»: o New York City Ballet dança Mendelssohn coreografado por Balanchine.

• Amanhã à noite, também às 24 horas e também no Quinteto, «Mulher entre cão e lobo», de André Delvaux. A Bélgica que você não conhecia, partilhada entre os aliados, os nazis e... a resistência.

• Quarta-feira na RTP-1, às 21 e 15: O «Crime no Expresso Oriente», de Sidney Lumet, baseado na história de Agatha Christie. Um divertimento um pouco sangrento, concebido como a «Morte no Nilo». Entre outros, Lauren Bacall, Albert Finney, Tony Perkins. ■